

2º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

A Concordância Sujeito-Verbo no Português Brasileiro

Uma descrição do fenômeno da concordância na frase na comunidade de Valparaíso/GO

Déborah Lima Maciel

M

2020



Déborah Lima Maciel

A Concordância Sujeito-Verbo no Português Brasileiro

Uma descrição do fenômeno da concordância na frase na comunidade de Valparaíso/GO

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora Dra. Ana Maria Barros de Brito.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Déborah Lima Maciel

A Concordância Sujeito-Verbo no Português Brasileiro

Uma descrição do fenômeno da concordância na frase na comunidade de Valparaíso/GO

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora Dra. Ana Maria Barros de Brito.

Membros do Júri

À memória de meu pai

João Maciel Filho

Sumário

DECLARAÇÃO DE HONRA	X
AGRADECIMENTOS.....	XI
RESUMO	XIII
ABSTRACT	XIV
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
ÍNDICE DE TABELAS	XVI
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XVII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XVIII
INTRODUÇÃO	1
1. A CONCORDÂNCIA SUJEITO-VERBO VISTA POR ALGUNS GRAMÁTICOS DA TRADIÇÃO LUSO-BRASILEIRA	8
1.1. A CONCORDÂNCIA NA MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA DE BECHARA	9
1.2. A CONCORDÂNCIA NA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DE CELSO CUNHA E LINDLEY CINTRA	11
1.3. A CONCORDÂNCIA NA NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA DE CEGALLA	13
1.4. A CONCORDÂNCIA NA GRAMÁTICA DESCRITIVA DO PORTUGUÊS DE PERINI	15
1.5. A CONCORDÂNCIA NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE BAGNO	16
1.6. SÍNTESE	18
2. A CONCORDÂNCIA SUJEITO-VERBO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO NO QUADRO DA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO DESTA VARIANTE	20
2.1. PARÂMETROS SÓCIO-HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO	20
2.2. PARÂMETROS SÓCIO-HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS ANGOLANO	22
2.3. PARÂMETROS SÓCIO-HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	23
2.4. A HIPÓTESE DA TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR	27
2.5. A HIPÓTESE DA DERIVA SECULAR COMO FATOR FUNDAMENTAL DE MUDANÇA NO PB	31
2.6. SÍNTESE	37
3. O DOMÍNIO DESTE ESTUDO	40

3.1.	INSTRUMENTOS E METODOLOGIA UTILIZADOS PARA A RECOLHA DOS DADOS	40
3.2.	DO LOCAL DA PESQUISA: DADOS E JUSTIFICATIVAS.....	41
3.3.	OS PARTICIPANTES.....	43
3.3.1.	Variáveis sociológicas dos participantes do grupo geral.....	44
3.3.2.	Variáveis sociológicas dos participantes do grupo de controle	46
3.3.3.	Variáveis sociológicas dos participantes das entrevistas	47
3.4.	O INQUÉRITO.....	47
4.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	49
4.1.	RESULTADOS DOS INQUÉRITOS DO GRUPO EXPERIMENTAL	49
4.1.1.	Frases com verbos inergativos	49
4.1.2.	Frases com verbos inacusativos	54
4.1.3.	Frases com verbos predicativos	58
4.1.4.	Frases com verbos transitivos	60
4.1.5.	Síntese	61
4.2.	CRUZAMENTO DOS RESULTADOS DO GRUPO EXPERIMENTAL CONFORME AS VARIÁVEIS SOCIOLOGICAS	65
4.3.	RESULTADOS DO GRUPO DE CONTROLE	71
4.3.1.	Frases com verbos inergativos	71
4.3.2.	Frases com verbos inacusativos	74
4.3.3.	Frases com verbos predicativos	77
4.3.4.	Frases com verbos transitivos	77
4.3.5.	Síntese	78
4.4.	CRUZAMENTO DOS RESULTADOS DO GRUPO DE CONTROLE CONFORME AS VARIÁVEIS SOCIOLOGICAS..	79
4.5.	ENTREVISTAS	81
4.5.1.	Metodologia	81
4.5.2.	Resultados	83
4.5.2.1.	Ocorrência de verbos inergativos	84
4.5.2.1.1.	Relação da concordância verbal com a posição do sujeito	85
4.5.2.1.2.	Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito.....	86
4.5.2.1.3.	Relação da concordância com a realização do sujeito	86
4.5.2.1.4.	Relação da concordância com a distância sujeito-verbo.....	87
4.5.2.1.5.	Síntese.....	88

4.5.2.2.	Ocorrência de verbos inacusativos	89
4.5.2.2.1.	Relação da concordância com a posição do sujeito	90
4.5.2.2.2.	Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito	90
4.5.2.2.3.	Relação da concordância com a realização do sujeito	91
4.5.2.2.4.	Relação da concordância com a distância sujeito-verbo.....	92
4.5.2.2.5.	Síntese.....	94
4.5.2.3.	Ocorrência de verbos transitivos	95
4.5.2.3.1.	Relação da concordância com a posição do sujeito	96
4.5.2.3.2.	Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito	96
4.5.2.3.3.	Relação da concordância com a realização do sujeito	97
4.5.2.3.4.	Relação da concordância com a distância sujeito-verbo.....	98
4.5.2.3.5.	Síntese.....	99
4.5.2.4.	Ocorrência de verbos predicativos	100
4.5.2.4.1.	Relação da concordância com a posição do sujeito	101
4.5.2.4.2.	Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito	102
4.5.2.4.3.	Relação da concordância com a realização do sujeito	102
4.5.2.4.4.	Relação da concordância com a distância sujeito-verbo.....	103
4.5.2.4.5.	Síntese.....	104
4.5.3.	Cruzamento dos resultados das entrevistas conforme as variáveis sociológicas	105
5.	PARA UM TRATAMENTO FORMAL DA CONCORDÂNCIA SU-V	107
5.1.	OS PRIMEIROS TRABALHOS NA SINTAXE GENERATIVA	107
5.2.	A CONCORDÂNCIA COMO NÓ FUNCIONAL (POLLOCK)	109
5.3.	A CONCORDÂNCIA NÃO É UM NÓ FUNCIONAL (CHOMSKY).....	113
5.4.	A CONCORDÂNCIA NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	116
5.5.	SÍNTESE	121
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA GERAL	130
	ANEXOS	141
1.	INQUÉRITO APLICADO AO GRUPO EXPERIMENTAL E AO GRUPO DE CONTROLE	141
2.	TRANSCRIÇÃO DE ALGUMAS ENTREVISTAS	143
2.1.	TANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE PARTICIPANTE DO GRUPO 1	143

2.2.	TANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE PARTICIPANTE DO GRUPO 2	147
2.3.	TANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE PARTICIPANTE DO GRUPO 3	151
3.	TRANSCRIÇÃO DE FRASES DAS ENTREVISTAS.....	154
3.1.	FRASES COM CONCORDÂNCIA SU-V	154
3.2.	FRASES SEM CONCORDÂNCIA SU-V	158
4.	CD COM AS ENTREVISTAS E A BASE DE DADOS COMPLETA.....	161

Declaração de honra

Declaro que esta Dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito acadêmico.

Porto, setembro de 2020.

Déborah Lima Maciel

Agradecimentos

A Deus, minha força, sobretudo nos momentos mais difíceis. Obrigada, Pai, por acreditar a cada dia em mim e por não me permitir desistir apesar das minhas fraquezas.

À minha mãe, minha base, símbolo do cuidado e do amor de Deus por mim, a razão pela qual cheguei até aqui. Se hoje sou quem sou, devo tudo à senhora, que em momento algum mediu esforços para doar a vida à minha criação e à da minha amada irmã, Dany. Saiba que essa conquista também é sua.

Ao meu pai, João, *in memoriam*, que cedo partiu de nossas vidas, mas deixou registrada em meu coração a maior herança: o amor à família, a honestidade e o valor aos estudos. Mesmo em paragens do plano maior, és o meu farol nas conquistas da vida.

Ao meu esposo, Rodrigo, que sonhou esse sonho junto comigo e me apoiou em cada momento, deixando tudo para trás para me acompanhar numa jornada cheia de desafios e dificuldades, mas também repleta de muita beleza e aprendizado. Mais de uma vida seria necessária para agradecer-lo por ser o marido que você é.

À minha orientadora, Professora Dra. Ana Maria Barros de Brito, pelo critério na orientação, pela presteza em sempre responder tão atentamente às minhas dúvidas, pelo compromisso e dedicação demonstrados em todas as leituras e comentários, pelas sugestões que fundamentaram meu crescimento no processo desta pesquisa, por me encorajar apesar das adversidades enfrentadas e, ainda, por ser esse exemplo de pessoa e de profissional que tanto nos inspira.

Aos professores Clara Barros, Fátima Oliveira, Fátima Silva, Fernanda Martins, Graça Pinto, João Veloso, Rogélio Ponce de León e Rui Silva pelos preciosos ensinamentos.

Aos meus sobrinhos, Manuela e João Gabriel, minhas joias, a quem tento a cada dia ser uma pessoa melhor para inspirá-los no caminho do bem e no entendimento de que o amor, a honestidade e a educação são os maiores legados que podemos deixar aos que amamos.

Aos amigos que Rodrigo e eu ganhamos em Portugal: Manuela, Jorge, Hugo, Felismina, Rosa, Maria Emília, Chagas, Mary, Alan, Kassandra e Lara. Tenho certeza de que todos vocês foram e são verdadeiros anjos escolhidos por Deus para nos fortalecer e nos amparar no grande desafio que foi estar longe de casa e da família.

Aos colegas do mestrado pela parceria, cumplicidade e partilha. Sei que não poderíamos ter imaginado uma turma melhor.

Aos familiares e amigos que nos visitaram em terras lusitanas, renovando meu ânimo e agradando-nos com inesquecíveis momentos: minha mãe, minha sobrinha Manuela, Adriana, Kênio, Eliúde, Lucas (e família), Júnior, Raquel, Lourenço e Sueli.

Às minhas colegas de trabalho, Kelly, Márcia e Nildete, pela paciência que tiveram comigo nessa fase de escrita, pelos conselhos, pela parceria e por me compreenderem nos dias mais difíceis.

Aos amigos Edita, Leonardo, Jeremias e Leandra, pela amizade e também por toda a preciosa partilha de informações técnicas que não podem faltar na reta final do processo.

À minha madrinha, que tem sido, especialmente nos últimos meses, o apoio de minha mãe durante minhas ausências.

À minha amiga Fabiana e ao Hugo e toda a sua família, por cederem, com muita compreensão e afeto, espaço de seus estabelecimentos comerciais propiciando-me aplicar os inquéritos e realizar boa parte das entrevistas e auxiliando-me nas escolhas de participantes conforme os níveis escolares selecionados.

A cada participante que contribuiu para os dados desta pesquisa, especialmente aos que confiaram ceder seu tempo apesar dos desafios de saúde impostos pela pandemia do Novo Coronavírus.

À minha tia Maria Celina, que foi chamada à vida eterna antes de que eu pudesse concluir esta dissertação. Certamente, onde está agora, comemora hoje comigo essa conquista.

A minha gratidão a todos vocês!

Resumo

Investigamos nesta dissertação o fenômeno da concordância sujeito-verbo (SU-V) de primeira e terceira pessoas do plural no português brasileiro (PB). Para tanto, partimos do pressuposto de que a ausência de concordância SU-V visível no PB não acontece em casos isolados, mas é influenciada por diversos fatores, tanto linguísticos como sociais, similarmente ao que acontece no português africano.

De modo a enquadrar este fenômeno, avaliamos duas diferentes correntes teóricas: a que argumenta a existência de um *continuum* afro-brasileiro e, por outro lado, a que advoga a favor da hipótese da deriva secular.

A fim de averiguar se, de fato, estamos diante de uma regra variável, fizemos uma coleta de dados por meio da aplicação de inquéritos de juízos de gramaticalidade e de entrevistas realizadas com falantes de níveis escolares distintos: fundamental, médio e superior. Esses dados foram cruzados com fatores como gênero e idade e, ainda, com fatores linguísticos, entre os quais destacamos o tipo e a posição do sujeito, a presença de elementos intervenientes entre SU-V, as marcas de plural no SN sujeito e a tipologia verbal.

Além do aporte teórico das correntes mencionadas, fizemos uma revisão sobre a concordância SU-V a partir de análises apresentadas em algumas gramáticas luso-brasileiras e apontamos os principais estudos relacionados ao assunto na linha da gramática generativa, passando pelas abordagens de Pollock, Chomsky e de diferentes teóricos da Morfologia Distribuída. Nossos dados demonstram que a concordância é uma regra variável no PB e, corroborando os argumentos de Costa e Galves (2002), o movimento do verbo para uma categoria funcional de Concordância não é suficiente para explicar as diferenças encontradas, as quais parecem derivar do tipo de morfema associado com a pluralidade, tendo em vista termos, na variante do PB, um morfema do tipo *singleton* (Embick & Noyer, 2001).

Palavras-chave: Português Brasileiro, concordância verbal, variação linguística, contato linguístico, morfema *singleton*.

Abstract

In this work, a research was conducted on the subject-verb (SU-V) agreement of the first and third person plural in Brazilian Portuguese (BP). In order to clarify that phenomena it was assumed that the lack of subject-verb agreement in BP does not occur in isolation, but it is related to many social and linguistic factors. Similarly, it is assumed that african portuguese presents the same specificity.

In order to analyse that issue, it was taken into account two theoretical frameworks: the one that defends the idea of an African-Brazilian continuum and the other one in favour of secular drift hypothesis.

By that reason, it was necessary to test whether it is a variable rule or not using some questionnaires about grammatical judgements and interviews with speakers of different levels of education, such as, elementary, secondary and undergraduate students. The information was cross-checked with some factors, for instance, gender, age, type and position of the subject, the plural marks of subject on NP (Noun Phrases), verbal typology and other elements that play a role between SU-V.

Besides the theoretical frameworks mentioned, we reviewed the SU-V agreement based on the analysis presented in some Portuguese-Brazilian grammars, and we point out the main studies related to the subject in line with the generative grammar, passing through the approaches of Pollock, Chomsky and different theorists of Distributed Morphology. Finally, it was concluded that subject-verb agreement in BP is a variable rule. This is in line with Costa and Galves (2002) who states that the verb transfer from a functional category of agreement is not enough to explain the differences found. It seems that those differences come from a morpheme connected to plural forms in BP, in accordance with Embick and Noyer (2001) it may be described as a singleton morpheme.

Keywords: Brazilian Portuguese, verbal agreement, linguistic variation, linguistic contact, singleton morpheme.

Índice de Figuras

FIGURA 1 - CATEGORIA FUNCIONAL INFL.	108
FIGURA 2 - PROPOSTA DA FLEXÃO CINDIDA (POLLOCK).....	111
FIGURA 3 - COMPUTAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL A PARTIR DA OPERAÇÃO AGREE.	114
FIGURA 4 - MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA.	117
FIGURA 5 - ARQUITETURA DA GRAMÁTICA.	118
FIGURA 6 - INSERÇÃO DE AGREE PÓS-SINTAXE.....	119

Índice de Tabelas

TABELA 1 - RELAÇÃO CONCORDÂNCIA VERBAL VERSUS SALIÊNCIA FÔNICA.....	33
TABELA 2 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS INERGATIVOS. .	54
TABELA 3 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS INACUSATIVOS.	57
TABELA 4 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS PREDICATIVOS.	59
TABELA 5 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS TRANSITIVOS...	61
TABELA 6 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS INERGATIVOS ..	73
TABELA 7 - RESULTADOS DOS JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE DAS FRASES COM VERBOS INACUSATIVOS	76
TABELA 8 - QUANTIDADE DE FORMAS VERBAIS POR SUBCLASSE, CONSIDERANDO A PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA (+PL) E A AUSÊNCIA (-PL).....	83

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - RESUMO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DO GRUPO EXPERIMENTAL QUANTO AOS FATORES SOCIOLÓGICOS.....	46
GRÁFICO 2 – QUANTITATIVO PERCENTUAL DA RELAÇÃO ENTRE AS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES E O USO PADRÃO DA CORCONDÂNCIA SU-V	65
GRÁFICO 3 – QUANTITATIVO PERCENTUAL DA RELAÇÃO ENTRE AS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES VERSUS GÊNERO	66
GRÁFICO 4 - RECORTE DO QUANTITATIVO PERCENTUAL DA RELAÇÃO ENTRE AS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES VERSUS GÊNERO	67
GRÁFICO 5 - QUANTIDADE, EM PERCENTUAL, DO RECORTE DO CRUZAMENTO DOS DADOS LOCAL DE TRABALHO VERSUS USO DA CONCORDÂNCIA.....	69
GRÁFICO 6 - REPRESENTAÇÃO NUMÉRICA DA RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE VERBOS E O USO DA CONCORDÂNCIA	84
GRÁFICO 7 - TOTAL DE VERBOS INERGATIVOS FLEXIONADOS NO PLURAL (+PL) E NÃO FLEXIONADOS (-PL)	85
GRÁFICO 8 - TOTAL DE VERBOS INACUSATIVOS FLEXIONADOS NO PLURAL (+PL) E NÃO FLEXIONADOS (-PL).....	89
GRÁFICO 9 - TOTAL DE VERBOS TRANSITIVOS FLEXIONADOS NO PLURAL (+PL) E NÃO FLEXIONADOS (-PL)	95
GRÁFICO 10 - TOTAL DE VERBOS PREDICATIVOS FLEXIONADOS NO PLURAL (+PL) E NÃO FLEXIONADOS (-PL) ..	100

Lista de abreviaturas e siglas

ADV.	ADVÉRBIO
AGREE	(AGREEMENT) / CONCORDÂNCIA
AGRP	(AGREEMENT) / SINTAGMA DE CONCORDÂNCIA
C	COMPLEMENTADOR
CONCORD.	CONCORDÂNCIA
D	DETERMINANTE
DP	(DETERMINER PHRASE) / SINTAGMA DETERMINANTE
FF / PF	(PHONETIC FORM) / FORMA FONOLÓGICA
FL / LF	(LOGICAL FORM) / FORMA LÓGICA
FLEX	FLEXÃO
GU	GRAMÁTICA UNIVERSAL
I / INFLEX	(INFLECTION) / FLEXÃO
INFLP / IP	(INFLECTION PHRASE) / SINTAGMA FLEXIONAL
MD	MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA
N	NOME
NEGP	(NEGATIVE PHRASE) / SINTAGMA DE NEGAÇÃO
NP	(NOUN PHRASE) / SINTAGMA NOMINAL
∅	MORFEMA ZERO DE PLURAL
PA	PORTUGUÊS ANGOLANO
PAFR	PORTUGUÊS AFRICANO
PB	PORTUGUÊS BRASILEIRO
PE	PORTUGUÊS EUROPEU
PM	PROGRAMA MINIMALISTA
PST	PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
[+ PL]	COM A MARCA DE PLURAL
[- PL]	SEM A MARCA DE PLURAL
Q	QUANTIFICADOR

SFLEX SINTAGMA FLEXIONAL
SN SINTAGMA NOMINAL
SU SUJEITO
SV SINTAGMA VERBAL
T (TENSE) / TEMPO
TP (TENSE PHRASE) / SINTAGMA DE TEMPO
V VERBO
VP (VERBAL PHRASE) / SINTAGMA VERBAL

Introdução

A variação da concordância sujeito-verbo (SU-V) está entre os fenômenos que mais dividem o comportamento linguístico da sociedade brasileira e, por isso, é também um dos que mais despertam interesse dos estudiosos na área da Linguística, havendo uma vasta literatura voltada à compreensão e à análise dos mecanismos ou fatores linguísticos e sociais que influenciam o emprego das regras de concordância.

Corbett (2006) levanta algumas reflexões sobre o caráter redundante da concordância. A título de exemplo, em uma frase como (1) “Eles chegaram”, a marca plural de sujeito do sintagma nominal “Eles” é reproduzida na flexão verbal de terceira pessoa do plural do verbo *chegar*, o que faz da concordância uma questão de sintaxe, tendo em vista a importância do papel sintático dos itens envolvidos.

Por outro lado, o mesmo autor (2006, p. 02) dá-nos exemplos que indicam ser a concordância também uma questão de natureza semântica, como podemos observar a partir das frases (2) “The committee has agreed (A comissão concordou)” e (3) “The committee have agreed (As comissões concordaram)”, tendo em vista podermos conceituar “committee” tanto enquanto uma entidade ou como várias. Ainda assim, o domínio em que isso é possível é determinado pela sintaxe.

A concordância é também uma questão morfológica, pois é da morfologia que se exigem os morfemas para que a concordância seja estabelecida. Assim, mesmo considerando que essas observações não se apliquem a todas as línguas e que não há uniformidade, Corbett conclui que a concordância SU-V seria uma covariância entre o SN sujeito e a flexão verbal.

Autores como Scherre e Naro (1998) defendem que a mudança está internalizada na mente dos falantes do português brasileiro, doravante PB, tratando-se, neste momento, de um fenômeno inerente e estruturado em função de aspectos sociolinguísticos. Conforme teorizam, “existe um sistema gerenciando a variação na concordância de número no português do Brasil” (1998, p. 13), razão pela qual podemos prever tanto as estruturas linguísticas em que isso é possível quanto em quais contextos sociais os falantes utilizam, ou não, as marcas de plural.

De fato, no PB falado atualmente, há uma grande ausência de concordância SU-V e essa não acontece em casos isolados, como no Português Europeu (PE). Nesse sentido, uma das perguntas que nos surgem é: até que ponto e de que maneira o contexto histórico colonial brasileiro, no qual línguas africanas foram trazidas pelos escravos introduzidos no Brasil, pode ter desempenhado um papel tão significativo ao ponto de fazer surgir, ou ao menos estimular, esse tipo de fenômeno?

Perante essa interrogação, várias correntes teóricas são-nos propostas. Avelar e Galves (2014), por exemplo, argumentam favoravelmente sobre a hipótese de um *continuum* afro-brasileiro, tendo em vista, entre outros fatores, alguns paralelismos de nível morfossintático entre o PB e o Português Angolano, doravante PA, e a relação entre essas variedades com línguas do grupo *Bantu*¹. Essencialmente, afirmam que duas mudanças ocorreram em razão da aquisição do português como segunda língua pelos africanos, a saber: “transferência de propriedades sintáticas das suas línguas maternas para o português em formação no Brasil e reestruturação desencadeada pela dificuldade no aprendizado de marcas gramaticais específicas” (2014, p. 01).

Mencione-se ainda Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), autores favoráveis à hipótese da transmissão linguística irregular, advogando que o PB apresenta características gramaticais que emergiram como consequência do contato, especialmente nas suas variedades populares, e foi diretamente afetado pelo seu contato amplo com as línguas africanas.

De outro lado, temos o grupo que defende a hipótese da deriva linguística, como Naro e Scherre (2007), os quais argumentam que todas as marcas gramaticais do PB são de origem portuguesa, não havendo nenhuma propriedade inovadora em razão de contatos linguísticos.

¹ *Bantu* ou banto é um termo utilizado para se referir a um tronco linguístico que deu origem a diversas outras línguas no centro-sul do continente africano, mas acabou sendo também aproveitado para se referir ao conjunto de 300 a 600 grupos étnicos diferentes que povoam a mesma área. Trata-se de uma classificação baseada na semelhança linguística. Fonte: Santiago, E. (s.d.)

Assim, este estudo apresentará os pontos principais levantados nas hipóteses da deriva linguística e da transmissão linguística irregular, bem como uma revisão acerca do fenômeno, à luz da tradição gramatical luso-brasileira e de vários estudos sobre a concordância no PB.

A fim de averiguar a adequação empírica da variação na concordância SU-V do PB, serão apresentados os resultados de uma análise quantitativa e qualitativa com base em inquéritos de juízo de gramaticalidade e em entrevistas de participantes divididos em três faixas escolares, moradores do município de Valparaíso, cidade localizada nas proximidades de Brasília, capital do Brasil. Além dos fatores linguísticos investigados, entre os quais destacamos a posição do sujeito e o seu distanciamento em relação ao verbo, foram também selecionados fatores extralinguísticos, como a idade, o gênero e a cidade de trabalho.

A amostra utilizada é, então, constituída por um *corpus* escrito, baseado em 120 inquéritos aplicados ao GRUPO EXPERIMENTAL e 30 inquéritos aplicados ao GRUPO DE CONTROLE, bem como por um *corpus* oral, formado por 113 entrevistas realizadas com participantes do GRUPO EXPERIMENTAL.

Sobre este ponto, cabe aqui mencionar algumas das dificuldades enfrentadas durante a coleta dos dados. A primeira certamente foi aplicar o mesmo inquérito a participantes com faixas tão distintas de escolaridade, isso porque, no Brasil, a precariedade da qualidade do ensino cria um abismo entre os menos escolarizados e aqueles que conseguiram cursar o nível superior.

Some-se a isso o fato de que principalmente os falantes mais velhos e com menos anos de escolaridade estão fora da sala de aula há bastante tempo, fator que gera uma considerável dificuldade de interpretação e até mesmo de leitura, razão pela qual foi preciso auxiliar diretamente aqueles que apresentaram maiores dificuldades. Alguns participantes, inclusive, pediram para que preenchêssemos o formulário com base nas respostas por eles dadas devido à dificuldade de escrita e (ou) leitura. Ressalte-se que, nas vezes em que isso aconteceu, houve total imparcialidade por parte da pesquisadora

e todas as respostas foram transcritas com base nos juízos de gramaticalidade dos investigados.

Outra dificuldade ocorreu por motivo de força maior, pois a coleta de dados estava em fase de realização quando foi imposto o isolamento social em razão da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) em março / abril de 2020. Por esse motivo, a duração inicialmente prevista para as entrevistas (5 minutos) precisou ser reduzida a fim de se garantir a segurança entre entrevistadora-entrevistado (a) e, ainda, a maior parte dos inquéritos do GRUPO DE CONTROLE teve de ser aplicada remotamente.

É importante ressaltar que, conforme a bibliografia pesquisada, o fenômeno investigado não pode ser analisado apenas no tocante às relações intrínsecas gramaticais, mas, sim, como parte de um contexto sociocultural. Logo, a justificativa para a escolha de um tema que abarca aspectos de mudança linguística foi pautada pela busca de uma contribuição teórico-descritiva e pela relevância sociolinguística desta para o entendimento da variação linguística brasileira.

Apesar de uma vasta literatura acerca do assunto, conforme já mencionado, é de fundamental importância descrever a variação linguística no maior número possível de comunidades de fala e, especialmente, determinar os contextos que favorecem uma ou outra variante.

O objetivo geral desta pesquisa é, então, descrever o fenômeno da concordância SU-V de 1ª e 3ª pessoas do plural no português falado no município goiano de Valparaíso, localizado próximo a Brasília/Brasil, tendo como base o aporte teórico das correntes que estudaram este fenômeno, bem como as análises da gramática tradicional, da gramática generativa, com destaque a conceitos trazidos à luz da Morfologia Distribuída (MD). Ressalte-se que, tendo em vista alguns participantes do GRUPO EXPERIMENTAL trabalharem em Brasília, o GRUPO DE CONTROLE contou com participantes que residem nessa cidade e com participantes que residem em Valparaíso/GO.

Quanto aos objetivos específicos, propomo-nos a:

1. Investigar e apontar quais fatores linguísticos e extralinguísticos (ou sociais) contribuem para o fenômeno da variação da concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural na comunidade de fala selecionada;
2. Correlacionar as variações detectadas, quer com fatores estruturais da língua (como, por exemplo, a distância SU-V), quer com fatores sociais, entre os quais o nível de escolaridade;
3. Descrever as diferenças existentes entre as faixas escolares selecionadas, considerando-se, para tanto, os possíveis contrastes entre gênero, idade, profissão e cidade de trabalho;
4. Entender de que maneira e sob quais condições os participantes de nível superior de escolaridade aceitam como gramaticais frases com marcação \emptyset do morfema verbal plural; e
5. Sugerir um tratamento formal da concordância na linha do Programa Minimalista e da Morfologia Distribuída.

Tendo em vista esses objetivos, as hipóteses levantadas são:

1. Quanto aos fatores linguísticos, a maior ausência do morfema verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural ocorre em contextos com: sujeito posposto ao verbo (Brandão & Vieira, 2018); verbos com menor oposição na saliência fônica entre as formas da 3ª pessoa do singular e da 3ª pessoa do plural (Scherre & Naro, 1998); maior distância SU-V (Graciosa, 1991); frases com verbos inacusativos (Monguilhot, 2001); sujeitos com marca de plural apenas no determinante (Vieira, 1995); e sujeitos realizados (Lucchesi, 2015);
2. O fenômeno da variação da concordância SU-V no PB está associado principalmente ao baixo nível de escolaridade;
3. As mulheres, assim como os participantes mais jovens, são mais receptivas às formas reconhecidas como padrão;

4. Os participantes que trabalham em Brasília, capital, são os que mais realizam a concordância em comparação aos que trabalham em Valparaíso e região, tendo em vista a pressão exercida pelos grandes centros urbanos; e
5. Entre os falantes mais escolarizados, poucos são os casos de variação de concordância SU-V, em contraste aos dados relativos à faixa menos escolarizada.

Para satisfazer aos objetivos apresentados e confirmar ou refutar as hipóteses lançadas, esta dissertação foi dividida da seguinte maneira:

A Introdução, que ora se completa, na qual é realizada uma breve apresentação geral acerca do tema escolhido, bem como a exposição da justificativa, dos objetivos geral e específicos e das hipóteses consideradas.

No Capítulo 1, intitulado *A concordância sujeito-verbo vista por alguns gramáticos da tradição luso-brasileira*, realizamos um panorama da concordância verbal a partir da análise apresentada em algumas gramáticas tradicionais, como as de Cunha e Cintra e de Bechara, e de gramáticas que apresentam sua orientação em torno da mudança linguística, como a de Bagno.

No Capítulo 2, *A concordância sujeito-verbo em português no quadro da discussão sobre a formação desta variante*, é apresentado um breve contexto sócio-histórico da formação do português em Moçambique, na Angola e no Brasil a fim de contextualizarmos a compreensão do fenômeno aqui investigado, com enfoque na corrente que defende a transmissão linguística irregular e, por outro lado, na que advoga em favor da deriva linguística.

No capítulo 3, *O domínio deste estudo*, são apresentados os instrumentos e o método utilizados para a recolha dos dados, o local da pesquisa, as variáveis sociológicas dos participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, do GRUPO DE CONTROLE e dos participantes das entrevistas, bem como os dados linguísticos selecionados para os inquéritos.

No capítulo 4, *Análise e discussão dos dados*, são analisados e discutidos os dados obtidos da aplicação dos inquéritos e das entrevistas e apresentados os resultados desta pesquisa à luz dos teóricos investigados.

No capítulo 5, intitulado *Para um tratamento formal da concordância SU-V*, são revisados alguns dos principais estudos relacionados ao assunto no âmbito da gramática generativa, com ênfase na distinção entre a abordagem que considera a concordância enquanto nó funcional e as que rejeitam essa hipótese, quer no quadro do Programa Minimalista, quer na Morfologia Distribuída.

Por fim, são apresentadas as considerações finais desta investigação e, sequencialmente, as referências bibliográficas e a bibliografia geral utilizada.

1. A concordância sujeito-verbo vista por alguns gramáticos da tradição luso-brasileira

De modo geral, a concordância SU-V é defendida por muitos gramáticos como uma relação gramatical harmônica, uma solidariedade entre o verbo e o sujeito. Para autores como Cunha e Cintra, por exemplo, a função básica da concordância seria evitar a repetição do sujeito, o qual pode ser indicado pela flexão verbal, havendo, para tanto, uma série de regras a serem seguidas, a depender da situação de contato entre sujeito e verbo.

Embora possa ser vista como uma propriedade morfológica, uma vez que só certo tipo de palavras são afetadas por afixos de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, do ponto de vista linguístico, ela é essencialmente um processo sintático com reflexos morfológicos, tendo em vista operar entre certas palavras e sobre determinadas condições estruturais (Brito, 2003).

Nessa mesma linha, para Brito, Duarte e Matos, “a concordância deve ser vista como um processo eminentemente sintático de compatibilização de informações de pessoa e número no SN sujeito e no V” (2003, p. 439), ainda que esse verbo possa não ter marcas reais que indiquem as flexões de pessoa e número.

Assim, neste capítulo, traçaremos um percurso sobre a concordância SU-V pela perspectiva de alguns gramáticos da tradição luso-brasileira, para, no cap. 2, e dada a existência de problemas de marcação dessa concordância no PB, referirmos e comentarmos alguns trabalhos no quadro da discussão sobre a formação desta variante, sobretudo para tentar perceber se há ou não um *continuum* afro-brasileiro no que diz respeito a esse fenômeno linguístico.

Para tanto, estudaremos inicialmente o modo como o fenômeno da concordância verbal foi visto nas gramáticas de Bechara, de Cunha e Cintra e de Cegalla (1.1. a 1.3., respectivamente). Além disso, foram avaliadas duas gramáticas de cunho

sociolinguístico, a saber, as gramáticas de Perini e Bagno, conforme pode ser observado, respectivamente, nos itens 1.4. e 1.5.

1.1. A concordância na Moderna Gramática Portuguesa de Bechara

A versão da *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara utilizada neste estudo foi a 37ª edição, de 2009.

Em linhas gerais, Bechara afirma que, em português, a concordância verbal entre o sujeito ou o predicativo e o verbo é verificada em número e pessoa, “podendo ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido” (2009, p. 543).

Esse gramático lembra-nos da necessidade de estarmos atentos ao fato de que essa liberdade de concordância oferecida deve ser aproveitada a fim de que não prejudiquemos a clareza e a harmonia relacionadas à mensagem. Ademais, chama atenção às circunstâncias em que, na língua oral, muitas vezes o falante enuncia o verbo no singular sem ainda ter definido o sujeito correspondente, motivo pelo qual discordâncias desse tipo são mais frequentes no oral do que na língua escrita, que é, via de regra, formalmente mais elaborada.

Quanto às regras de concordância propriamente ditas, Bechara explica, em 12 páginas, os pormenores, divididos em três partes: *concordância de palavra para palavra*, *concordância de palavra para sentido* e *outros casos de concordância*. Sobre estes, serão aqui discutidos apenas os que, de fato, relacionam-se aos dados investigados em nosso *corpus*, com os devidos exemplos.

Para tratar da *concordância de palavra para palavra*, o autor aponta quais são as regras a serem utilizadas quando estamos diante de contextos com apenas um ou com mais de um sujeito. Assim, quando o sujeito é simples e singular, o verbo permanece no singular, ainda que o sujeito seja um coletivo, como na frase a seguir:

(4) Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade. (2009, p. 554, grifo do autor)

Caso, no entanto, seja simples e plural, o verbo também irá para o plural:

(5) A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*. (2009, p. 554, grifo do autor)

Por sua vez, quando o sujeito é composto, apesar de o verbo ser flexionado normalmente no plural, a depender da situação, as regras apresentadas tornam-se mais variáveis, motivo pelo qual o autor tece cinco importantes observações. A primeira considera a possibilidade de concordância com o núcleo do sujeito mais próximo, principalmente se o sujeito estiver na posição pós-verbal:

(6) O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; *dá*-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo. (2009, p. 554, grifos do autor)

Quando, por sua vez, temos um núcleo singular seguido de dois ou mais adjuntos, apesar de a concordância no singular ser a mais recorrente, o verbo pode ser flexionado no plural como se a referência fosse, na verdade, um sujeito composto, conforme pode ser observado no seguinte exemplo:

(7) ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegadas*... (2009, p. 554, grifo do autor).

Outros casos interessantes de dupla possibilidade de concordância acontecem quando temos, conforme exemplos próprios do autor (2009, p. 555): a) sucessão de substantivos que indicam gradação de um mesmo fato, como *censura* e *autoridade*; b) substantivos sinônimos ou assim considerados, como *ódio* e *guerra*; c) segundo substantivo exprimindo o resultado ou a consequência do primeiro, como a *doença* e a *morte*; e d) substantivos que, em conjunto, formam uma noção única, tais como *fluxo* e *refluxo*. Apesar de a concordância no singular ser a mais corrente, o verbo pode ocorrer no plural, como se tratasse na verdade de sujeito composto.

Relativamente à concordância de palavra para sentido, Bechara aponta a dupla possibilidade também nos casos em que temos um sujeito simples constituído de nome ou pronome que se aplique a um grupo, ressaltando, no entanto, que soa “desagradável ao ouvido” construções do tipo:

(8) A gente vamos. (2009, p. 555)

Consideradas essas hipóteses, a grande maioria das regras apontadas pelo autor referem-se ao que ele chama de “outros casos de concordância”, sendo observadas, para este estudo, apenas a concordância relacionada a sujeito constituído por pronomes pessoais e a concordância do verbo *ser*.

Da análise do primeiro caso, temos que o verbo irá para a primeira pessoa do plural se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que haja os pronomes *eu* ou *nós*:

(9) *Vínhamos* da missa ela, o pai e eu. (2009, p. 556, grifo do autor)

Se, por outro lado, tivermos *tu* ou *vós* e nenhum pronome de primeira pessoa, o verbo irá para a segunda pessoa do plural, frisando-se que, no entanto, em razão da escassez de uso da segunda pessoa, na língua contemporânea, a norma já consagrou o verbo na terceira pessoa do plural:

(10) quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra. (2009, p. 556, grifos do autor)

Por fim, no tocante à concordância com o verbo predicativo *ser*, assim como ocorre sintaticamente com outros verbos, o normal é que sujeito e verbo concordem entre si, devendo ser observados os casos em que a concordância é realizada com o predicativo do sujeito. Ressalte-se, ainda, o sujeito representado por pronome pessoal, conforme observado a seguir:

(11) Ela *era* as preocupações do pai. (2009, p. 559, grifo do autor)

Nessa situação, o verbo *ser* concordará com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo.

1.2. A concordância na Nova Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra

Nesta análise, foi utilizada a 3ª edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, datada de 2001.

É no capítulo 13, dedicado ao verbo, que a concordância SU-V é tratada, considerando-se, ao longo de vinte e uma páginas, o que os autores chamam de *regras gerais* e *casos particulares*. O primeiro dado que chama atenção é que a concordância é tratada como a exteriorização da “*solidariedade* entre o verbo e o sujeito” (2001, p. 496, grifo nosso). Ademais, consideram que a flexão verbal, ajustada ao sujeito, indica-o e, assim, evita sua repetição, conforme se observa em:

(12) *A chuva caía* violenta no quintal, *ensopava* a areia vermelha dos caminhos e *invadia* mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido. (2001, p. 497, grifos dos autores)

Assim como na *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, as regras gerais são aqui avaliadas quanto aos casos em que há apenas um sujeito, concordando o verbo com ele em número e pessoa, seja ele claro ou subentendido, e quanto aos contextos com mais de um sujeito, situação em que o verbo vai para o plural, variando quanto à pessoa da seguinte forma:

a) 1ª pessoa do plural quando um dos sujeitos é da 1ª pessoa:

(13) *Só eu e Florêncio ficamos calados*, à margem. (2001, p. 497, grifos dos autores);

b) 2ª pessoa do plural se tivermos um sujeito da 2ª pessoa e nenhum da 1ª:

(14) *Tu ou os teus filhos vereis* a revolução dos espíritos e costumes. (2001, p. 498, grifos dos autores); e

c) 3ª pessoa do plural quando os sujeitos são de terceira pessoa:

(15) *Quando o Loas e a filha chegaram* às proximidades da courela, logo se *anunciaram*. (2001, p. 498, grifos dos autores).

Assim como o faz Bechara, observam Cunha e Cintra que, na linguagem corrente do Brasil, pouco tem sido usada a 2ª pessoa, tanto do singular quanto do plural.

Quando, por sua vez, a oração é formada por mais de um sujeito, a concordância pode ocorrer com o núcleo mais próximo em quatro situações: a) quando os sujeitos são pós-verbais; b) quando são sinônimos ou quase sinônimos; c) quando há uma

enumeração gradativa; e d) quando são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude, conforme observado, respectivamente, nos exemplos (16) a (19), a seguir:

(16) *Habita-me o espaço e a desolação* (2001, p. 509, grifos dos autores);

(17) *A conciliação, a harmonia entre uns e outros é possível* (2001, p. 509, grifos dos autores);

(18) *A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos* (2001, p. 510, grifos dos autores); e

(19) *Morro, se a graça e a misericórdia de Deus me não acode* (2001, p. 510, grifos dos autores).

Notem-se, aqui, algumas observações que se diferenciam um pouco das explicações de Bechara. Na frase (16), por exemplo, quando os sujeitos são pós-verbais, enquanto para aquele gramático a concordância é com o núcleo mais próximo *principalmente* se o sujeito estiver após o verbo, Cunha e Cintra não mencionam qual seria a preferência de concordância a ser estabelecida nessa situação. Além disso, todos os exemplos dados apresentam o verbo no singular, não sendo citada nenhuma oração com o verbo na terceira pessoa do plural.

1.3. A concordância na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa de Cegalla

Para avaliar o fenômeno aqui investigado na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* de Cegalla, foi considerada sua 48ª edição, de 2008.

No subcapítulo intitulado *sintaxe de concordância*, no capítulo destinado à sintaxe, 22 páginas são dedicadas à concordância verbal, as quais se iniciam sucintamente da seguinte forma: “o verbo concorda com o sujeito, em *harmonia* com as seguintes regras gerais” (2008, p. 450, grifo nosso).

Diferentemente das gramáticas de Bechara e de Cunha e Cintra, aqui avaliadas, Cegalla menciona as regras gerais com base em três subdivisões: a) quando o sujeito é simples; b) quando é composto e da terceira pessoa; e c) quando é composto e de

pessoas diferentes. Os casos especiais de concordância são enumerados com base em 36 diferentes situações.

Ao tratar do sujeito simples, é mencionado que, nesse contexto, o verbo concordará com o sujeito em número e pessoa, sendo apresentados, sem distinção, exemplos com sujeitos na posição pré e pós-verbal:

(20) As saúvas *eram* uma praga. (2008, p. 450, grifo do autor)

(21) *Acontecem* tantas desgraças neste planeta! (2008, p. 450, grifo do autor).

Quanto aos casos de sujeito composto e da terceira pessoa, o verbo geralmente é flexionado no plural quando o sujeito é anteposto, sendo lícita, no entanto, sua forma singular em casos como o seguinte, em que os núcleos do sujeito são sinônimos:

(22) A decência e a honestidade ainda *reinava*. (2008, p. 450, grifo do autor)

Nos contextos em que o sujeito é composto por pessoas diferentes, o verbo é flexionado no plural na pessoa de maior prevalência, como em (23), podendo, entretanto, concordar com o sujeito mais próximo quando este ocupa a posição pós-verbal (24) ou quando temos “tu + ele”, como em (25):

(23) Foi o que *fizemos* Capitu e eu. (2008, p. 451, grifo do autor)

(24) O que me resta da felicidade passada *és* tu e eles. (2008, p. 451, grifo do autor)

(25) Deus e tu *são* testemunhas. (2008, p. 451, grifo do autor)

Ao tratar dos casos especiais, o autor reconhece que a matéria é complexa e controversa, podendo haver opiniões diferentes, razão pela qual as normas são, algumas vezes, consideradas relativas, dependentes do contexto no qual está envolvido o falante ou o escrevente.

Por fim, sejam levantadas as regras de concordância com o pronome *nós* subentendido, como em (26), e com palavras no plural com sentido gramatical e função

de sujeito, caso em que a concordância exigirá o verbo no singular (27), estando subentendido que “a palavra *elas* é um pronome pessoal”:

(26) Todos *estávamos* preocupados. (2008, p. 471, grifo do autor)

(27) *Elas* é um pronome pessoal. (2008, p. 471, grifo do autor).

1.4. A concordância na Gramática Descritiva do Português de Perini

A versão da *Gramática Descritiva do Português* de Mário A. Perini utilizada neste estudo foi a 4ª edição, de 2005. Mencione-se que essa gramática foi selecionada para esta análise tendo em vista a pretensão do autor em suscitar uma discussão sobre os fatos que se observam a partir de um exame crítico da língua portuguesa atual em razão de sua alegada incoerência interna e inadequação às realidades linguísticas atuais. Um dos embasamentos do autor para tal crítica baseia-se em sua afirmação de que, nos estudos gramaticais, há falta de incorporação dos resultados teóricos e práticos da pesquisa linguística dos últimos anos.

Dessa forma, Perini leva em conta os resultados dessas pesquisas, mas, por outro lado, tenta manter-se o mais próximo possível da análise tradicional para realizar a descrição da variedade padrão do PB com o objetivo de renovar o ensino de gramática nas escolas, o qual, segundo o autor, não tem sido realizado da maneira mais adequada.

Nessa perspectiva, constrói um panorama geral do fenômeno da concordância verbal em português “que compreende basicamente alguns procedimentos que rotulam certos sintagmas, atribuindo-lhes funções sintáticas” (2005, p. 187).

Para explicar o porquê de uma frase como (28), caso flagrante de agramaticalidade SU-V, não ser considerada aceitável, são utilizados procedimentos de rotulação, que se aplicam aos sintagmas nominais, mais precisamente sujeitos e objetos que tenham o traço [+Q], e filtros que não são exatamente do fenômeno da concordância, mas necessários para explicar a agramaticalidade de algumas construções:

(28) *Minhas sobrinhas ganhei um cavalo. (2005, p. 187)

Para o autor, o objetivo do mecanismo da concordância seria, então, atribuir as funções aos SNs ao nível oracional. Assim, tem-se que um SN que estiver em relação de concordância com o núcleo do predicado é sujeito, enquanto um SN marcado [+Q] que não é sujeito é objeto direto. Ilustrando a aplicação desses procedimentos, na frase (29), a seguir, os SNs a serem rotulados são *minhas sobrinhas* e *um cavalo*, em que *minhas sobrinhas* concorda com o núcleo do predicado, *ganharam*, sendo, portanto, o sujeito, enquanto *um cavalo* é objeto direto, não estando, portanto, na relação de concordância.

(29) minhas sobrinhas ganharam um cavalo. (2005, p. 187)

Também a título de exemplo, da análise de uma frase como (30), Perini afirma que, apesar de *matar* admitir objeto direto, a frase é mal formada, devendo ser considerado que os verbos do português diferem quanto a aceitarem ou não um sujeito após o núcleo do predicado, o que ocorre em (31), mas não em (32) (2005, p. 190):

(30) *José mataram os frangos.

(31) Chegou meu primo favorito.

(32) *Ronca meu primo favorito.

1.5. A concordância na Gramática Pedagógica do Português Brasileiro de Bagno

Neste estudo, foi ainda avaliada a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* de Marcos Bagno, 1ª edição, de 2012, cuja escolha se justifica em razão de sua orientação em torno da mudança linguística caracterizadora do PB. Segundo o autor, “contra a mudança linguística não há nada que se possa fazer: ela é inevitável e é da própria natureza das línguas, tal como a mudança é da natureza de tudo o que existe na sociedade” (2012, p. 27).

Nesse sentido, a gramática de Bagno traz inúmeras reflexões sobre propriedades encontradas no PB, associando as regras a resultados de pesquisas linguísticas realizadas nos últimos anos, ressaltando-se, sobre o fenômeno aqui analisado, que as regras de concordância previstas pela gramática normativa não são aplicadas integralmente por nenhum falante do PB e que é entre os falantes mais escolarizados dos centros urbanos

o maior uso dessas regras, conforme constatado por estudiosos como Scherre e Naro (1998), entre outros, assim como será visto no cap. 2.

Considerando-se esse discurso, o autor aborda a concordância a partir da noção de *redundância* ou *tautologia*, ou seja, aquilo que é excessivo, dispensável, tendo em vista a duplicidade de marcação das categorias gramaticais de pessoa e número em dois elementos de um mesmo sintagma (concordância no SN) ou na mesma frase (concordância SU-V).

Bagno lembra que, no latim, o verbo trazia em si a pessoa e o número. Já no italiano e no espanhol, línguas com rica morfologia verbal, há um apagamento frequente dos índices pessoais e dos pronomes-sujeitos, razão pela qual a morfologia é mais requerida do que a sintaxe. As línguas que tiveram sua morfologia verbal empobrecida, por sua vez, passaram a realizar de forma foneticamente explícita o sujeito para preservar a boa interpretação número-pessoal, como o PB, o inglês e o cabo-verdiano.

Sobre a regra geral de concordância, o autor afirma que, “na ordem V-SU, o elemento “SU” deixa de ser analisado como sujeito e, por ocupar o lugar sintático de objeto, não concorda com o verbo” (2012, p. 655), assunto que será retomado no cap. 4.

Em contrapartida, quanto à regra geral apresentada na maioria das gramáticas, realiza uma objeção à formulação de que o verbo concorda com o sujeito e ressalta que “o verbo é que projeta seus valores semânticos sobre os demais elementos da sintaxe para maior eficiência discursiva da frase em que age como o núcleo” (2012, p. 647). Dessa forma, haveria apenas uma ilusão de que a concordância é controlada pelo núcleo do sujeito, pois os traços controladores da concordância concentram-se nesse núcleo.

Bagno ilustra ainda a interação *sintaxe*, *semântica* e *pragmática* intrínseca ao processamento cognitivo, postulando a tese de que “a concordância verbal se faz com algo que não está visível na materialidade do texto, mas que decerto participou do processamento cognitivo do falante/escrevente no momento de falar/escrever” (2012, p. 649).

Ainda, ressalta que variações como essa estão presentes em todas as línguas e em todas as suas fases, passando despercebida justamente por ser considerada aceitável segundo a intuição linguística. Para o autor, a concordância rotulada como “errada” só é de fato condenada quando sujeito e verbo estão na ordem SU-V e o sujeito é adjacente ou próximo ao verbo, como ocorre em (33):

(33) *eles chegou. (2012, p. 650)

Por sua vez, nos contextos com sujeito composto posposto ao verbo, a gramática admite o verbo no singular. Assim, é indagado por que isso também não é considerado para as frases constituídas por sujeito simples, sendo uma das explicações plausíveis o fato de que “a tradição gramatical somente chancela um uso se este constar reiteradas vezes em autores de grande renome de períodos anteriores” (2012, p. 653).

Bagno frisa, assim, que as regras e prescrições da gramática tradicional sempre se pautaram exclusivamente pela língua escrita, sem considerar a grande riqueza da língua falada, e que, dentro do universo escrito, é considerado exclusivamente aquilo que é escrito pelos grandes autores, descartando-se as manifestações de outros profissionais da escrita.

1.6. Síntese

Pelo exposto, observa-se que, nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, a concordância SU-V é em geral concebida como obrigatória na variante do PB. Contudo, essa regra assume alguns aspectos variáveis, pois, em alguns casos, é obrigatório o uso dos morfemas de plural, enquanto, em outros, seu uso é opcional, a depender de condicionantes diversas, entre as quais podemos citar núcleos nominais coordenados formando uma noção única, tal como *fluxo* e *refluxo* (Bechara, 2009, p. 555).

Muitas são as condicionantes à regra e essas podem trazer aos falantes dúvidas quanto ao uso de uma ou outra opção, fato que demonstra a importância de investigarmos, no comportamento linguístico atual, quais fatores linguísticos ou extralinguísticos estão influenciando e determinando certos padrões de concordância.

Bechara, por exemplo, lembra-nos de que “é preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece” (2009, p. 544) deve ser muito bem observada a fim de não interferir na clareza e na harmonia de estilo e também ressalta e reconhece as diferenças que separam a língua oral da língua escrita, ideia que é desenvolvida por Cunha e Cintra e também por Cegalla.

Na proposta de Perini, por sua vez, entende-se concordância como um sistema de filtros motivados por fatores diversos, que suprimem certas estruturas por apresentarem algum tipo de formação. Já a gramática de Bagno realiza uma proposta bastante inovadora, calcada em estudos linguísticos dos últimos anos, a fim de caracterizar o PB falado, tendo em conta especialmente fatores sociolinguísticos.

2. A Concordância sujeito-verbo em Português Brasileiro no quadro da discussão sobre a formação desta variante

Inúmeros estudos têm mostrado a existência de problemas na produção da concordância SU-V no SN e na frase em PB, como veremos detalhadamente neste capítulo e também no cap. 4. Sendo assim, e tendo em vista um dos objetivos desta pesquisa, é essencial refletirmos sobre a história do português no Brasil.

De fato, sua aquisição histórica como segunda língua neste país parece ter tido um importante impacto na formação das variedades hoje encontradas. Some-se a isso o fato de que algumas características do Português Africano (PAFr) não são encontradas na Europa, mas estão presentes em mais de um país africano e no Brasil.

Torna-se, portanto, muito interessante traçarmos também um breve panorama histórico da formação da língua portuguesa em alguns países africanos e no Brasil, a fim de contextualizarmos aspectos que podem auxiliar na compreensão da partilha de características linguísticas no PB e no PAFr, entre as quais a concordância SU-V. Nesse sentido, nos pontos seguintes, 2.1 a 2.3, abordaremos alguns dados sócio-históricos que influenciaram, respectivamente, a formação e o desenvolvimento da língua portuguesa em Moçambique, em Angola e no Brasil.

2.1. Parâmetros sócio-históricos do Português Moçambicano

Conforme ressalta Chimbutane (2018), o primeiro contato entre os portugueses e os moçambicanos ocorreu em 1498 quando da chegada de Vasco da Gama à ilha de Moçambique. Inicialmente, os territórios africanos eram usados como fonte de ouro e marfim, que eram exportados para a Ásia, e escravos, os quais eram exportados para o Brasil.

Somente no séc. XIX, ocorreu uma institucionalização entre os dois países e, ao contrário dos outros países europeus, que garantiram a independência a suas colônias após a Segunda Guerra Mundial, Lisboa decidiu manter as suas, “as quais foram nomeadas “províncias ultramarinas em 1951” (Chimbutane, 2018, p. 91).

Tendo em vista esse contexto, houve um longo atraso na definição de uma consistente política educacional (Gonçalves, 2004), começando somente em 1930 a educação colonial propriamente dita com o estabelecimento do Estado Novo (1926-1974), conforme um sistema que englobava a educação oficial, a qual visava preparar a elite, e a educação rudimentar, que, por sua vez, era dirigida pelos missionários à população chamada indígena.

Para estudiosos da área, entre os quais destacamos Chimbutane (2018), foi nesse estágio que ocorreu uma expansão da língua portuguesa. Em sintonia a esse fato, o uso das línguas africanas foi proibido, supostamente para garantir que a população indígena adquiriria a língua portuguesa, sendo permitidas somente em 1960 para embasar o aprendizado do português nas escolas primárias e institucionalizadas em 2002 em contextos onde o português era ensinado.

Em 1974, o índice de analfabetismo em Moçambique era de 93% considerando-se a população com mais de 7 anos de idade (Comissão Nacional do Plano, 1985). Nesse período, conforme ressalta Chimbutane (2018), com a instituição do português como “língua da unidade nacional”, o governo adotou algumas estratégias, tais como a construção de escolas e a entrega gratuita de livros didáticos para alunos de escolas primárias, reduzindo a taxa de analfabetismo para 49% em 2007.

Assim, o atraso na colonização efetiva reduziu a proporção de nativos beneficiados pela educação colonial em Moçambique, com conseqüente limitação na expansão da língua portuguesa. Ademais, com os movimentos sociais pós-independência, foi afetado o curso do desenvolvimento das variedades subnacionais, especialmente ao se considerar o papel das línguas africanas na nativização² da língua portuguesa.

Conforme o Censo de 2007 (Instituto Nacional de Estatística, 2010), cerca de 90% da população moçambicana fala pelo menos uma língua *Bantu*, enquanto a língua portuguesa como L2 é falada por cerca de 40%. Assim, Moçambique é uma sociedade

² Processo de aculturação por meio do qual uma linguagem de comunicação mais ampla se aproxima de um contexto sociocultural pós-colonial onde é falado (Kachru, 1982).

multilíngue, que condiciona a nativização do português, tipicamente a segunda língua de larga percentagem de falantes (Chimbutane, 2018), tendo o português moçambicano, símbolo da elite educacional, emergido de um contexto onde havia poucos falantes da variedade europeia.

2.2. Parâmetros sócio-históricos do Português Angolano

Conforme os dados apontados em Inverno (2018), Angola, segundo maior país que fala a língua portuguesa, foi uma colônia portuguesa até 1975, com um fluxo ininterrupto de escravos para as Américas de 1580 até aproximadamente 1850. Segundo a autora, nesse período, vários colonos portugueses uniram-se a mulheres africanas e adotaram uma língua *Bantu* como primeira língua de comunicação. Consequentemente, os descendentes dessa ascendência mista tinham familiaridade com o português, mas o quimbundo³ foi e ainda é uma das línguas dominantes.

De acordo com Vansina (2001), a aquisição não instruída do português por uma população predominantemente *Bantu* levou ao desenvolvimento de um *continuum* de variedades do português como segunda língua entre uma minoria de afro-europeus e africanos. As línguas africanas foram as principais línguas de comunicação, especialmente no interior, tendo o português uma difusão tardia e limitada às cidades do litoral. Havia um maior número de africanos e afro-europeus em algumas cidades, em detrimento dos colonos brancos e suas famílias recém-chegadas. Consequentemente, a elite afro-europeia foi compelida a se tornar mais proficiente em Português para usá-lo em mais contextos e se tornar bilíngue.

Durante a primeira metade do séc. XX, Portugal aplicou uma série de leis segregacionistas e exigiu proficiência plena em PE como requisito essencial de “civilização” (Freudenthal, 2001). A partir de 1950, o crescimento dos colonos brancos e de suas famílias, juntamente com outros fatores, impôs uma situação de diglossia, que prevaleceu em Angola até o final da década de 1980 (Inverno, 2011).

³ Língua *Bantu* que desempenhou um papel importante na história linguística do Brasil porque era introduzida cedo e continuamente pelos escravos e porque era a língua básica veicular usada na maioria das regiões durante três séculos. (Ramos, 1998)

Como dissemos, foi somente em 1975 que Angola se tornou um país independente. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (2016), a população é muito jovem e urbana em sua maioria. Cerca de 80% da população entre 5 e 18 anos está na escola, mas aproximadamente metade dos adultos não completou o ensino básico e somente 2,5% acima de 24 anos concluíram o ensino superior.

Outro dado importante é a coexistência de diferentes variedades do português e 34 diferentes línguas do grupo *Bantu*. Entretanto, as línguas africanas, apesar de reconhecidas na constituição das línguas nacionais, são tendencialmente usadas apenas na comunicação oral em níveis locais e regionais, sendo o português a única língua oficial do país e a única habitualmente usada em casa por um pouco mais de 60% da população (Inverno, 2018).

Conforme sustenta Inverno (2011), o PE é a única norma de referência em todos os domínios oficiais de comunicação, apesar de a maioria dos falantes do PA não conhecerem essa variedade, pois falam principalmente um vernáculo parcialmente reestruturado, propagado pelo país por uma mudança linguística em meados do séc. XX. Assim, hoje, o PA é a língua mais falada por pessoas de todas as faixas etárias, apesar de o padrão do PE ser a referência.

Todo esse contexto mostra-nos que o PA é o produto de uma configuração sociolinguística em que principalmente a população *Bantu* dominante foi compelida a mudar para o português sob condições sociais que restringiram altamente o acesso aos modelos da língua alvo.

Segundo Petter (2015), as diferenças linguísticas entre os processos sociais envolvidos na reestruturação parcial são também a razão pela qual o PA compartilha muitos traços linguísticos com outras variedades vernaculares do português no *continuum* afro-brasileiro, conforme também nos confirma Inverno (2018).

2.3. Parâmetros sócio-históricos do Português Brasileiro

Conforme nos lembra Bagno (2012), a sociedade brasileira não está vivendo segundo tendências, crenças, ideias e práticas iguais para todos os cidadãos. Mesmo nas grandes cidades, as profundas diferenças socioculturais e socioeconômicas podem

revelar profundas diferenças entre os modos de falar dos diferentes grupos sociais que constituem o mesmo espaço geográfico.

Não é simples, no entanto, entender exatamente como as inovações emergiram, o que nos leva a questionar quais são, de fato, os mecanismos sociais e linguísticos que levaram ao surgimento de novas características nos contextos africano e brasileiro, questão relevante para nosso estudo. Sendo assim, traçamos um breve panorama histórico da formação da sociedade brasileira.

No primeiro século do período colonial, mais precisamente a partir de 1532, data do início da colonização portuguesa, até 1600, o contexto linguístico brasileiro era caracterizado por uma realidade multilíngue, na qual centenas de línguas indígenas conviviam com a língua portuguesa trazida pelos portugueses que chegaram ao Brasil. Já nesse período, os jesuítas praticaram a sistematização da língua tupi, que era a língua mais falada na costa do Brasil, convertendo-se posteriormente numa língua geral, empregada na catequese (Bagno, 2012).

Conforme ressalta esse autor, a primeira gramática tupi foi escrita por um jesuíta, o Padre José de Anchieta. Era uma prática comum nesse período, mais precisamente uma norma da igreja, que os catequistas aprendessem as línguas locais para fazer a catequese e não tentassem impor a língua do colonizador, processo que ocorreu em outros países da América de colonização espanhola.

O português, nessa fase, era uma língua minoritária no Brasil. A maioria da população, formada por indígenas e mestiços, utilizava as “línguas gerais”, que também eram aprendidas e utilizadas por muitos brancos. Ressalte-se que os portugueses chegavam ao Brasil sozinhos e se juntavam às mulheres indígenas, tinham filhos com elas e esses filhos mestiços aprendiam a língua da mãe, que era a língua de origem indígena.

Foi em meados do séc. XVI que começou a importação de africanos escravizados, estimando-se que, ao longo dos 300 anos seguintes, cerca de 4 a 5 milhões de africanos foram transferidos ao Brasil, os quais falavam diferentes línguas africanas, com o predomínio das línguas do grupo *Bantu*.

A partir de então, ocorreu uma aprendizagem irregular do português como segunda língua por parte dos escravos, os quais, em linhas gerais, chegavam ao Brasil falando diferentes línguas e eram obrigados, pela sua situação, a aprender o português, mas não de forma sistemática, e sim como podiam, de forma irregular. Nessa primeira fase, houve um predomínio da população negra e mestiça durante o período colonial e, com forte influência africana, começou a formação da norma popular do PB.

Mais tarde, a partir do final do século XVII, ocorreu “a descoberta do ouro em Minas Gerais” (Bagno, 2012, p. 230), desencadeando, então, uma grande afluência populacional de outras áreas em direção à região das minas, com o deslocamento, entre 1700 e 1720, de cerca de 150 mil pessoas vindas de outros pontos da colônia, incluindo escravos advindos da cultura da cana-de-açúcar.

Um dado muito importante desse período lembrado por Bagno é que mais de 600 mil portugueses, atraídos pelo ouro, deixaram a metrópole para viver no Brasil. Sem dúvida, esse grande afluxo de portugueses da metrópole modificou o quadro sociolinguístico da colônia existente até então, dando-se início aos princípios da urbanização, com a criação de redes de comércio entre a região do ouro e as demais. A capital deixou de ser Salvador, na Bahia, e foi “transferida para o Rio de Janeiro, em 1763”, em razão de sua proximidade com as minas (Lessa, 2000, p. 70).

Todos esses processos favoreceram que o português se tornasse a pouco e pouco a língua hegemônica e majoritária da colônia. Assim, mais ou menos 300 anos após o início da colonização, o português se tornou realmente a língua mais usada no Brasil, por meio de uma difusão imposta da língua portuguesa (sobretudo pelas políticas do Marquês de Pombal) e do desaparecimento paulatino das outras línguas concorrentes (Guimarães, E., 2005).

Conforme lembrado por Gonçalves (2017), após a Independência, em 1822, houve uma imigração massiva de europeus nacionais de outros países, sobretudo alemães e italianos. Seguindo-se a isso, tivemos o aprendizado do português rural por esses imigrantes, cujas gerações seguintes passaram por um processo de urbanização,

levando para as cidades as variedades populares que se distinguem das variedades chamadas cultas.

Podemos dizer que, ao longo de 100 anos, havia uma distinção muito clara entre cidade e campo. Na cidade, predominava uma norma culta urbana e, no campo, a chamada norma popular. Afinal, no início do séc. XX, a grande maioria da população brasileira ainda vivia na zona rural. Com o avanço do século, no entanto, foi ocorrendo um grande processo de urbanização, com cada vez mais pessoas chegando às cidades.

Em 1900, quando a população ainda era 80% rural, começou um intenso processo de urbanização, que se desenvolveu ao longo de todo o século XX. “Em 2000, 80% já vivia na zona urbana” (Bagno, 2012, p. 248), devendo ser ressaltado que, nesse intervalo de tempo, houve um movimento migratório interno muito grande, proporcionado, entre outros fatores, pela exploração da borracha, que levou muitos nordestinos para a região amazônica. Ademais, polos industriais foram criados na região nordeste; Brasília, a nova capital, foi construída (entre 1956 e 1960); e a cultura do café foi expandida no norte do Paraná, situações que atraíram muitas pessoas de outras áreas do Brasil às regiões então promissoras.

Outro dado importante que não deve ser deixado de lado é a difusão dos meios de comunicação de massa. Durante a ditadura militar (1964-1985), a televisão passou a cobrir todo o território nacional. Os militares compreenderam que “a televisão era um meio muito poderoso de propaganda ideológica e houve então grande incentivo para sua difusão no Brasil” (Bagno, 2012, p. 249).

Associada a esses fatores, ocorre uma expansão do ensino básico, a chamada democratização do ensino, a partir da década de 60 do século XX. Conforme dados do IBGE, enquanto, no início do séc. XX, 78% da população era analfabeta, no início do séc. XXI, esse número caiu para 10%. Além disso, entre 2013 e 2014, ocorreu a maior diminuição de pobreza da história do Brasil, o que também tem consequências linguísticas, pois “são levadas para o topo da pirâmide social brasileira as formas linguísticas populares” (Bagno, 2012, p. 250).

Com todo esse cenário, temos hoje no Brasil as variedades urbanas e rurais/urbanas, num processo de nivelamento sociolinguístico, e algumas variedades basicamente rurais, que são as mais estigmatizadas. No topo, há uma variedade que pertence à classe letrada, que se diferencia da fala do resto da população, conforme será observado na análise dos dados do grupo de controle desta pesquisa.

2.4. A hipótese da transmissão linguística irregular

Dado o contexto sócio-histórico apresentado, tem havido abordagens divergentes para explicar a formação do PB. Uma delas é a hipótese da transmissão linguística irregular, defendida por autores como Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

Na obra intitulada *O Português Afro-Brasileiro* (2009) e na obra *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (2018), é traçado um panorama da história sociolinguística do contato entre línguas no Brasil, especialmente do contato do português com as línguas africanas oriundas do tráfico escravo de vários países, entre as quais são destacadas as línguas do grupo *Bantu*, como o quimbundo, além das línguas indígenas dos povos com origem na América do Sul, a fim de melhor compreender o contexto sócio-histórico e os fundamentos que embasam a ideia de que a formação do PB advém do contato linguístico irregular com as línguas dos povos dominados.

É importante mencionar que, tanto em África como na América do Sul, Brasil, embora em moldes distintos, durante os séculos XVI a XIX, aos grupos dominados era imposta a língua dos grupos dominantes, intitulada língua de superstrato, porém de uma forma bastante precária e marginalizada. O resultado dessa nova variedade que se vai impor, repleta de lacunas e alterações, era passado como primeira língua às próximas gerações, conduzindo “à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua crioula, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua de superstrato” (Lucchesi et al., 2009, p. 101), na qual podemos observar fenômenos de variação ocasionados pelo contato de línguas, como acontece em relação à concordância SU-V.

Dessa forma, não poderia ser esperado que o PB tivesse as mesmas características do PE, devendo-se muitas das particularidades da variante brasileira

justamente à influência do contato de línguas, que teria conduzido à formação de uma variante polarizada entre uma norma definida a partir dos padrões das classes mais abastadas e uma norma popular, fruto da linguagem utilizada nas classes menos favorecidas política, econômica, social, histórica e culturalmente.

Por conseguinte, os estudos nos mostram que as variedades brasileira e africana do português compartilham um conjunto de inovações que justificam assumir, para os autores dessa corrente, a existência de um *continuum* afro-brasileiro do português. A título de exemplo, examinemos as frases (34) a (37):

(34) Há pessoas que *morre* sem chegar à idade. (variedade de Luanda, Angola) (Araújo e Lucchesi, 2016, p. 84, grifo dos autores)

(35) O progresso vai chegando e as coisa *vai* mudando. (variedade do Brasil) (Araújo e Lucchesi, 2016, p. 84, grifo dos autores)

(36) É claro que *existe* professores que... (variedade de Cabo Verde) (Alexandre e Gonçalves, 2018, p. 246, grifo dos autores)

(37) As condições *financeira* não *permitia* prosseguir. (variedade de São Tomé e Príncipe) (Alexandre e Gonçalves, 2018, p. 248, grifos dos autores)

Tendo em vista os exemplos observados, e centrando-nos novamente no PB, é pertinente lembrarmos-nos mais uma vez de que os africanos foram os principais difusores do português no Brasil, executando um processo que desencadeou profundas mudanças, conforme ressalta Mattos e Silva (2002).

É nesse sentido que autores como os acima referidos entendem o *continuum* linguístico: o contato entre o português e algumas línguas africanas, especialmente línguas do grupo *Bantu*, em diferentes situações e em diferentes momentos, produzindo diferentes variedades do português nos dois continentes. Essas variedades exibem semelhanças impressionantes, tanto no léxico quanto na morfossintaxe, diferenciando-se do PE, conforme diversos estudos já realizados, entre os quais podemos mencionar Brandão e Vieira (2012), Gonçalves (2015), Pissurno (2017) e Mota (2013).

É importante mencionar que a maioria dos pesquisadores referidos seguem a perspectiva da fixação de parâmetros traçada por Chomsky (1981), segundo a qual o desenvolvimento da gramática interna da criança ocorre a partir de estímulos fornecidos pelos dados linguísticos primários das estruturas da Gramática Universal (GU), os quais ocasionam a fixação dos valores paramétricos por ela especificados, o que permite definir a gramática específica da língua adquirida em dada situação.

Numa situação de normalidade, a gramática adquirida pela criança será próxima da gramática da geração anterior, fato que não ocorreu nem no cenário colonial brasileiro nem no cenário africano, nos quais a gramática da língua nativa de diversas regiões africanas influenciou diretamente a formação do português adquirido como segunda língua, apoiado nas línguas do substrato. Logo, não apenas dados sobre as línguas envolvidas no contato são importantes, mas também informações sobre as condições sociais envolvidas, as quais contribuem para que possamos atribuir a cada uma dessas línguas o seu peso na competição criada pela situação do contexto avaliado.

Para reforçar ainda mais a defesa dessa ideia, Lucchesi et al. (2009) mencionam a distinção estabelecida por Bickerton entre o que acontece nos casos de transmissão linguística regular e irregular (que seria também o caso dos crioulos):

no caso normal, a criança de quatro ou cinco anos já terá adquirido uma ampla gama de itens gramaticais, suficiente para atender aos requerimentos (em termos de regência, anáfora etc.) definidos pela sintaxe inata. No caso do crioulo, para a maioria desses requerimentos, a criança simplesmente não pode encontrar no *pidgin* os itens gramaticais apropriados. Portanto, os itens gramaticais terão de ser criados pelo recrutamento de itens lexicais, com o enfraquecimento do significado lexical desses últimos. (Bickerton, 1999, mencionado por Lucchesi et al. 2009, p. 111)

Recorde-se que, na relação *colonizador x colonizado*, o objetivo não é ensinar ao grupo dominado as normas linguísticas da língua dominante, mas sim o necessário para o estabelecimento de uma comunicação mínima, que possibilite as relações de trabalho

e (ou) comerciais, surgindo, desses contextos, o jargão. É somente com o passar do tempo que se vê a necessidade de expansão da comunidade de fala, que ocorre por meio da erosão ou ruptura da língua dominante, com sua conseqüente recomposição gramatical (Lucchesi et al., 2009, pp. 102-103).

Os autores referidos não deixam de reconhecer que, em certas regiões e contextos, a interferência do substrato africano não foi favorável em razão de sua considerável heterogeneidade, pois os africanos provinham de várias partes da África; por outro lado, o baixo número de falantes portugueses nativos, em comparação à alta concentração de escravos, desfavoreceu fortemente o aprendizado do português no processo de aquisição dessa língua pelos escravos, que a adquiriram sob situações adversas, justificando, assim, as alterações detectadas.

Traçado esse panorama, tem-se, então, que “os reflexos desse processo serão mais notáveis na fala das centenas de comunidades rurais afro-brasileiras que ainda subsistem no interior do país” (Lucchesi et al., 2009, p. 73). Dessa forma, a identificação dessas comunidades e dos processos de variação nelas presentes são, para esse grupo de autores, uma significativa constatação de que, de fato, o PB foi afetado pelo contato de línguas, ressaltando-se que fatores como “o grau de acesso dos antepassados africanos aos modelos de português disponíveis, a proporção entre africanos e crioulos decorrentes da taxa de natalidade no grupo e o grau de heterogeneidade linguística entre os africanos” (Lucchesi et al., 2009, p. 81) influenciam diretamente a intensidade da influência do contato.

Na verdade, muitas pesquisas foram realizadas em diferentes comunidades brasileiras com o objetivo de traçar características e propriedades típicas do PB, entre as quais a frequência de uso das marcas verbais de plural é “uma significativa evidência empírica de como o contato entre línguas afetou as diversas variedades do PB” (Lucchesi et al., 2009, p. 333), constituindo um dos diversos fatores que o diferenciam do PE.

Entretanto, ressalte-se que a ideia de congruência entre estruturas de diferentes línguas não deve ser entendida como uma semelhança objetiva de características linguísticas. A linguagem que emergirá do contato será formada basicamente por um

complexo dinâmico de seleção de recursos diversos, no sentido de que nem todas as estruturas das línguas em contato, direta ou indiretamente, são transferidas, sendo o modelo de contato de línguas baseado nas relações sócio-históricas e também econômicas entre as interações ocorridas.

Dessa forma, além do *continuum* mencionado, há, também, o *continuum* no sentido da polarização, observado da diferenciação entre as áreas mais rurais e as áreas mais urbanas, associado a fatores extralinguísticos, entre os quais se destaca a escolaridade, com a constatação de que, quanto mais rural e menos escolarizada é uma comunidade, menor será a aplicação dos morfemas verbais de plural (Lucchesi et al., 2009). Entre as particularidades de concordância avaliadas, interessou a esses autores a concordância verbal com a primeira e com a terceira pessoas do plural, para as quais foram considerados os critérios do *encaixamento linguístico* e do *encaixamento social*.

No tocante ao encaixamento linguístico, os fatores avaliados quanto à aplicação da concordância SU-V, nas comunidades investigadas, foram a saliência fônica, a forma de indicação do plural no sujeito, a concordância nominal no SN sujeito, sua realização, posição e caracterização semântica, bem como o tipo de verbo (Lucchesi et al., 2009, p. 350).

Relativamente ao encaixamento social, os autores referidos não deixam de mencionar a importância das variáveis gênero, faixa etária, estada fora da comunidade pesquisada por pelo menos seis meses, nível de escolaridade e comunidade.

Conforme será visto na análise e discussão dos dados desta dissertação (cap. 4), observaremos quais fatores, entre os selecionados neste estudo, exercerão maior influência na comunidade de fala pesquisada.

2.5. A hipótese da deriva secular como fator fundamental de mudança no PB

Contrastando em alguns aspectos com a hipótese da transmissão ou do contato linguístico irregular, alguns estudiosos consideram que a formação do português no Brasil ocorreu de forma natural e conforme uma deriva secular já prevista na própria

língua. Isso significa dizer que as alterações já eram esperadas no próprio sistema linguístico em seu desenvolvimento ao longo dos séculos (Souza, 2011).

Dessa forma, não haveria evidências de ruptura linguística no Brasil, tendo em vista que, no processo de aquisição do português como primeira ou segunda língua, formaram-se novas estruturas a partir de outras línguas ou de algum processo de simplificação de estruturas (Naro & Scherre, 2007).

Partindo desses pressupostos, esses pesquisadores argumentam que algumas das alterações do PB já estavam presentes na língua dos colonizadores, os quais provinham de várias regiões de Portugal. Por outro lado, a língua que deu origem ao PB não foi exatamente a língua da elite portuguesa, mas outra que se modificou por uma confluência de motivos e, dessa forma, a deriva foi, no Brasil, acelerada. Nesse sentido, o PB seria o resultado da atuação de diversas forças de diferentes origens, e não meramente o PE modificado por influências africanas.

Assim, um dos principais objetivos dos estudiosos tem sido correlacionar as diferenças existentes entre PB e PE às variáveis linguísticas e sociais que as ocasionam.

No trabalho intitulado *Sobre a Concordância de Número no Português Falado do Brasil* (1998), Scherre & Naro analisaram e discutiram, sob o ponto de vista da saliência fônica e da posição do sujeito, correlacionados à escolaridade, ao gênero e à faixa etária dos falantes investigados, os resultados da concordância de número obtidos de entrevistas extraídas do *corpus Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Confirmando trabalhos anteriores – Naro e Lemle (1976), Lemle e Naro (1977) e Naro (1981) –, foi mostrado que o morfema explícito de plural ocorre na mesma proporção do aumento da saliência fônica quando da oposição singular/plural do verbo. Isso significa dizer, em linhas gerais, que verbos cuja diferenciação entre as formas singular e plural é alta, como ocorre em “é/são”, são foneticamente mais salientes e, por isso, “são mais prováveis de serem marcados no plural do que os menos salientes” (Scherre, 1989, p. 301), como, por exemplo, ocorre em “ama/amam”.

Para tanto, foram considerados os seis diferentes níveis de saliência fônica apresentados em Naro (1981, p. 74), dos quais três são relacionados a uma oposição dita não acentuada e três relativos à oposição considerada acentuada, resumidos na tabela 1, a seguir, conforme os mesmos exemplos utilizados pelo autor:

Tabela 1 - Relação concordância verbal *versus* saliência fônica

OPOSIÇÃO NÃO ACENTUADA EM AMBAS AS FORMAS VERBAIS		OPOSIÇÃO ACENTUADA EM PELO MENOS UMA DAS FORMAS VERBAIS	
Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	conhece / conhecem	Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	tá/ <i>tã</i> o
Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	ganha / ganham	Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	bateu/ <i>bateru</i>
Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	diz / dizem	Envolve acréscimo de segmentos e mudanças na raiz e até mudanças complexas	veio/ <i>vieram</i>

Fonte: Naro (1981, p. 74).

Da observação dos dados, observou-se a chamada “regularidade absoluta” entre a oposição não acentuada *versus* a oposição acentuada, pois, enquanto a primeira desfavorece a concordância, a segunda a favorece, aumentando conforme as categorias vão se diferenciando e conforme é menor o nível de escolarização.

Outro fator linguístico confirmado na análise da concordância verbal, e que novamente ratifica trabalhos anteriores, refere-se à posição do sujeito em relação ao verbo. Assim, tem-se que sujeitos antepostos e adjacentes aos verbos favorecem a concordância em comparação a sujeitos antepostos, porém distantes do verbo, ou sujeitos pospostos.

No tocante às variáveis sociais, os autores investigaram faixa etária, gênero e escolarização, sendo estas duas últimas as que apresentaram maior influência nos dados obtidos. Dessa forma, o uso do morfema verbal de plural é mais corrente entre falantes mais escolarizados e do gênero feminino, “mais sensíveis às regras de prestígio” (Scherre & Naro, 1998, p. 11).

Resultados como esses também são observados na linguagem escrita, constatando-se que essa variante não marcada é inerente ao PB, “altamente estruturada em função de aspectos linguísticos e sociais” (Scherre & Naro, 1998, p. 13), sendo possível, com base em todos os trabalhos já desenvolvidos, prever quais tipos de estruturas e em quais contextos sociais a concordância SU-V será em maior ou menor grau estabelecida.

Outros motivos alegados pelos autores para defesa da *deriva secular* foram a comparação diacrônica do PB moderno com textos medievais do PE, especificamente a variação da concordância hoje apresentada no PB, que já ocorria mesmo antes da chegada da língua no Brasil. Na análise, foram observados fatores linguísticos como a saliência fônica, o traço [+ ou -] humano do sujeito e a posição do sujeito na oração (Martins, 2013, p. 33). A esse respeito, vejam-se os exemplos (38) a (40), retirados de Bagno (2012, p. 649, grifos do autor):

(38) Logo me quero hir, ca já *he horas* de comer. (Fernão Lopes, séc. XV)

(39) *Triste ventura e negro fado os chama* neste terreno meu. (Camões, Lus. V, 46)

(40) Na mesma hora *nasceo Jacob e Esaú*, hum foi amado de Deus, outro aborrecido. (Pe. Antonio Vieira, séc. XVII)

Convergindo com essas alegações, trazemos ainda alguns exemplos de Lapa (1991), que já havia mostrado algumas construções consideradas erradas pela gramática desde o séc. XIV:

Qualquer dos exemplos de construção irregular por nós apresentados é verdadeiramente inofensivo, se o compararmos às audácias dos escritores bem vernáculos dos séculos XVI e XVII. Vejam-se apenas quatro frases, respectivamente, de Heitor Pinto, João de Barros, Francisco de Moraes e Fr. Antônio das Chagas:

1. A formosura de Páris e Helena *foram* a causa da destruição de Tróia.
2. Os povos destas ilhas *é* de cor baça e de cabelo corredio.

3. *Foi D. Duardos e Férida aposentados no aposento que tinha seu nome.*
4. *Pouco importa que tenha a casa cheia de pérolas e diamantes, se se não aproveita delas.*

Que havemos de concluir de tudo isto? Que o que hoje se afigura aos olhos do gramático um erro ou uma impropriedade foi largamente empregado pelos nossos melhores escritores clássicos. (Lapa, 1991, pp. 158-159, grifos do autor)

Entretanto, no PE, a ausência de marcas verbais de concordância é quantitativamente irrelevante e limitada a alguns contextos, constituindo-se, conforme vários estudos já demonstraram, em uma regra quase categórica. Na base de uma análise de 2.652 frases verbais da fala urbana de Lisboa, Vieira e Bazenga (2013) propuseram um *status* semicategórico para as regras de marcação de plural em PE, o que significa dizer que as regras foram aplicadas a mais de 95% dos casos. Para essas autoras, a ausência de concordância geralmente está associada a fatores como, por exemplo, sujeitos em posição pós-verbal e presença de verbos copulativos. Veja-se o a frase (41):

(41) E depois a partir da estação *existe* os autocarros para os diversos sítios. (Vieira & Bazenga, 2013, p. 13)

São, assim, análises contrastivas como essas que nos possibilitam observar de que maneira podemos avaliar como semelhante ou diferente a expansão gramatical de um fenômeno em termos quantitativos e qualitativos. Nesse sentido, é importante ainda mencionar que, apesar da argumentação em torno de mudanças linguísticas já previstas na chamada deriva secular, um fator como a saliência fônica não desempenha nenhuma influência no PE relativamente ao fenômeno aqui investigado, conforme demonstrado nos estudos de Galves (2012) e Mota (2013). Na verdade, conforme defende Bazenga (2015, p. 77) a partir dos exemplos (42) a (44), os fatores fonéticos que afetam a concordância SU-V em PE são:

- a) Variante em vogal isomórfica de marcador de 3ª pessoa do singular:

(42) Os outros *tinha* as costas quentes.

b) Variante uniformizadora de paradigmas verbais, representada por -EM:

(43) Quando elas *vinhem* à nossa casa.

c) Variante representada por -U, com realização oral [u] ou nasal [ũ]:

(44) Eles *estavo* a saltar à corda.

A partir desses exemplos, vê-se que são os fatores morfofonológicos os que mais diferenciam o PE das variedades do português não europeias. Nesse sentido, Mota (2013) sugere uma correlação implícita para definir a variante da 3ª do plural em PE e, por outro lado, uma concordância reduzida para definir as variantes não europeias, marcadas por um sistema flexional empobrecido.

Mencione-se ainda a expansão do uso de “a gente” como pronome pessoal, com a conseqüente generalização da marca de 3ª pessoa do plural e a redução do paradigma de conjugação verbal, tornando necessário o sujeito pronominal, fato que também diferencia o PB do PE, língua *pro-drop*, em que as reduções não ocorrem (Rubio, 2012).

Ademais, apenas para finalizar a constatação de que a concordância SU-V em PE é uma regra semicategórica, Brandão e Vieira investigaram a fala de moradores de Cacém, região de Lisboa. Da análise, a marcação Ø foi encontrada em estruturas como as seguintes (2012, pp. 1056-1057, grifos das autoras):

a) O verbo “ser” em construções predicativas, ressaltando-se que a tradição gramatical admite por vezes a concordância com o predicativo:

(45) Muitos deles *é* de engenharia.

b) Sujeito em posição pós-verbal:

(46) A partir da estação *existe* os autocarros.

c) Sujeito não adjacente ao verbo:

(47) Os prédios daquele lado na mesma rua... já *pertence* a Rio Mouro.

d) Referente sujeito retomado por pronome cópia:

(48) Todas as leis que é feito a nível de isto ou aquilo e de acoloutro é tudo leis.

Tendo em vista o baixíssimo número de ocorrências como essas, bem como suas especificidades, as pesquisadoras concluíram pelo contraste dos resultados apresentados em comparação aos dados do PB e do português de São Tomé e Príncipe (PST), tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

Voltando ao PB, é crucial referir os trabalhos de Naro e Scherre sobre concordância. Os autores mostram que os verbos com menos saliência fônica, os sujeitos com traço menos humano e o distanciamento entre sujeito e verbo são fatores que desencadeiam uma maior ocorrência da ausência de marca de concordância explícita de plural.

Dessa forma, seria a soma de vários fatores linguísticos e extralinguísticos que determinaria o grau de reestruturação da língua transmitida, especialmente a atuação de uma norma agindo contra forças contrárias (Naro & Scherre, 2007), o que significaria dizer que não é toda a transmissão linguística irregular que faz gerar uma nova língua, razão pela qual esses autores preferem utilizar o termo *nativização*.

Em síntese, não consideram ter havido uma ruptura estrutural na formação do PB. Advogam, sim, a favor da transferência de uma língua já em processo de variação, adquirida posteriormente como primeira e diferente do padrão europeu.

2.6. Síntese

Neste capítulo, a partir da existência de problemas na concordância no PB, fomos perceber as principais perspectivas sobre sua formação.

Enquanto autores como Lucchesi sustentam o *continuum* linguístico ocorrido por meio da transmissão linguística irregular, há outra linha, representada, entre outros, por Naro e Scherre, os quais defendem uma *nativização* da língua.

Para a primeira corrente, o que houve foi um intenso contato de línguas, caracterizado por um processo de transmissão linguística irregular – tendo em vista que

os povos colonizados eram originados de diversas regiões africanas e, conseqüentemente, falantes de línguas variadas, especialmente as línguas do grupo *Bantu* –, no qual a língua-alvo precisou ser aprendida em condições pouco favoráveis, com um *input* desordenado, passado de geração a geração.

Para os segundos, a língua portuguesa dos colonizadores já chegou ao Brasil com variações de tipos diversos, diferente da língua homogênea da elite portuguesa, ou seja, heterogênea, advinda de várias regiões de Portugal. Essa língua, já tão variada, teria sido nativizada pelos povos colonizados sem nenhum tipo de ruptura estrutural, sendo o PB fruto de uma deriva secular já prevista na língua, porém acelerada em razão da situação sociolinguística que caracterizou o Brasil durante os séculos de colônia portuguesa.

Assim, para autores dessa segunda corrente, as variações apresentadas no PB já estavam, dessa forma, presentes no PE, seja considerando um estudo diacrônico, seja considerando traços apresentados nas variedades regionais. Dessa forma, os colonizados passaram a transferir a língua que lhes foi transmitida, sem a ocorrência de uma ruptura tipológica.

É inegável, por outro lado, que características descritas no PB, como a variação da concordância SU-V, são compartilhadas pelas variedades africanas do português, o que pode indicar que elas surgiram do resultado de alterações induzidas por contato.

Logo, não apenas os dados sobre as línguas envolvidas no contato são importantes, mas também informações sobre as condições sociais envolvidas em cada caso, as quais contribuem substancialmente para atribuir a cada uma o seu peso na competição criada pela situação do contato.

Partindo para uma avaliação de cunho mais sócio-histórico, Mattos e Silva (2013) lembra-nos de que, enquanto em PE o morfema /s/ indicador de plural é obrigatoriamente realizado, dentro do sintagma nominal, em todos os especificadores ou modificadores do nome possíveis de serem flexionados, o mesmo não acontece espelhadamente em algumas variedades do PB, em que muitas vezes é apenas o determinante que apresenta essa marca de pluralidade.

De fato, o paradigma da concordância verbal do PB tem apresentado um enfraquecimento na morfologia de número e, apesar de isso ser percebido mais na fala

dos falantes do PB vernáculo, esse fenômeno não chega a ser estranho para alguns falantes da norma culta.

Assim, seja no âmbito da abordagem tradicional, da abordagem generativista ou da abordagem sociolinguística, todos os posicionamentos são importantes e válidos para melhor compreendermos o fenômeno aqui investigado.

3. O Domínio deste Estudo

Recorde-se que o tema central desta dissertação é a análise da variação da aplicação das regras de concordância SU-V em PB, no intuito de verificar quais tendências sociais e linguísticas atuam sobre a presença e a ausência da marca de concordância no sintagma verbal (SV).

Neste capítulo, são apresentados os instrumentos, a metodologia e os critérios empregados para a recolha dos dados; os dados gerais da cidade escolhida para a investigação e as justificativas para sua seleção; os participantes, considerando-se suas variáveis sociológicas; e, por fim, os fatores linguísticos selecionados para a elaboração do inquérito.

3.1. Instrumentos e metodologia utilizados para a recolha dos dados

Conforme informado na introdução, a coleta de dados para esta pesquisa foi realizada por meio de dois instrumentos: aplicação de inquérito por questionário, seguida de entrevista dirigida.

Os inquéritos e as entrevistas foram realizados entre os meses de dezembro de 2019 e maio de 2020 na forma 100% presencial aos participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, os quais preencheram o inquérito manualmente, e nas formas presencial e *on-line* ao GRUPO DE CONTROLE. Dos 120 inquiridos do GRUPO EXPERIMENTAL, 113 aceitaram participar da entrevista.

O inquérito utilizado em ambos foi o mesmo e este foi dividido em duas partes, a saber:

I – Informações Pessoais: idade, gênero, naturalidade, tempo de residência em Valparaíso (cidade escolhida para realização do estudo), principal atividade, cidade onde a principal atividade é realizada, nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais; e

II – Análise de 18 frases, com o objetivo de os falantes as classificarem de acordo com os seguintes comandos: (1) para as frases consideradas “normais”, (2) para as frases consideradas “estranhas” e (3) para as frases consideradas “erradas”.

Para o registro das entrevistas, foi utilizado um *smartphone* para gravação individual e cada participante foi inicialmente questionado sobre a possibilidade (permissão) da gravação de sua fala, sendo concedidas 113 autorizações. O segundo passo foi a transcrição do áudio completo de cada entrevista, cuja duração média é de 1 minuto e 38 segundos, variando entre pouco menos de 1 minuto, a mais curta, e cerca 7 minutos, a mais longa.

O tema escolhido para as entrevistas foi “Lazer”, com perguntas pontuais que envolviam o lazer em família e o lazer entre amigos. Essa escolha foi pautada no intuito de provocar aos falantes a elaboração de frases que desencadeassem o uso da primeira e da terceira pessoas do plural, a fim de averiguar a presença do morfema marcador de plural verbal na língua oral.

3.2. Do local da pesquisa: dados e justificativas

O local escolhido para a realização da pesquisa foi o Município de Valparaíso, situado no estado brasileiro de Goiás. Sua área territorial corresponde a 60,95 Km² e, conforme o último Censo, realizado em 2010, o total de habitantes naquele ano era de 132.982, entre os quais 63.489 homens e 63.356 mulheres. Estima-se, no entanto, que o número total chegou a 168.468 em 2019.

Conforme fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de escolaridade da população entre 6 e 14 anos de idade correspondia, em 2010, a 96,8%. Já quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal⁴, 0.746 foi o valor apontado naquele período.

Segundo dados apresentados no *site Wikipedia*, a história de Valparaíso começou em 19 de abril de 1979 a partir da inauguração do então pequeno Núcleo Habitacional Valparaíso I, formado em razão da construção de Brasília. Nesse período, a região ainda era uma área 100% rural da cidade de Luziânia, da qual foi *a posteriori* emancipada.

⁴ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano do município: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_de_Goi%C3%A1s_por_IDH-M>

Somente em 1980, por meio do Decreto-Lei nº 972, ficou instituída e oficializada essa data para comemorar o aniversário da fundação do Núcleo Habitacional Valparaíso. Em termos educacionais, a cidade contava com uma escola estadual, que atendia aos alunos do primeiro grau, e duas escolas particulares. Em 18 de julho de 1995, o Núcleo Habitacional foi elevado à categoria de município, com a denominação de Valparaíso de Goiás, conforme a Lei Estadual nº 12.667.

À distância de 188 km da capital estadual, Goiânia, e a 35 km da capital federal, Brasília, Valparaíso é um dos municípios do entorno sul do Distrito Federal que mais crescem. Um dos grandes motivos para esse crescimento está relacionado ao baixo custo de vida na cidade, em comparação a Brasília ou até mesmo às cidades satélites do Distrito Federal, destacando-se, nesse quesito, o custo com moradia, alternativa para a compra do primeiro imóvel.

Diante disso, esse Município tem deixado, ao longo dos últimos anos, a classificação de cidade-dormitório⁵, tornando-se um dos grandes centros comerciais da região, apesar dos problemas sociais que ainda enfrenta, como a violência, a precariedade do transporte público, a qualidade do ensino público e o baixo acesso da população a lazer e cultura.

Os dados coletados nesta pesquisa confirmam essa realidade. Entre os 120 inquiridos do GRUPO EXPERIMENTAL, apenas 36,66% trabalham em Brasília, e a média de tempo de residência na cidade em relação aos participantes é de 25 anos, enquanto a média das idades apresentada é 39.

Todo esse contexto é o que justifica a escolha dessa cidade para a recolha dos dados. Traçando um breve panorama, a cidade era uma zona rural em 1979, elevou-se à categoria de município independente em 1995 e, ao longo dos últimos anos, vem reduzindo, paulatinamente, suas características de cidade-dormitório, predominantes até poucos anos atrás.

⁵ Designação usada para se referir a aglomerados urbanos surgidos nos arredores de uma grande cidade tipicamente para servir de moradia a trabalhadores da cidade-núcleo da região. Geralmente, a divisão entre subúrbios e cidades-dormitórios é imprecisa, devido à conurbação das cidades.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

Some-se a esses dados o pluralismo linguístico-cultural em face das diferentes características daqueles que migraram para a região em busca de um novo começo e de uma nova oportunidade de trabalho, vindos de diferentes partes do Brasil, especialmente da região nordeste, conforme testemunhado pelos participantes, cujos dados estão detalhados no item 3.3.

3.3. Os participantes

Os participantes desta pesquisa foram divididos em dois grandes grupos. O primeiro, aqui chamado de GRUPO EXPERIMENTAL, formado por 120 moradores da cidade de Valparaíso, foi dividido em três subgrupos considerando-se o fator escolaridade, a saber: GRUPO 1, formado por 40 participantes com 4 anos de escolaridade, período correspondente à antiga 4ª série do Ensino Fundamental; GRUPO 2, constituído por 40 inquiridos com 11 anos de escolaridade, correspondentes ao antigo segundo grau completo, hoje Ensino Médio; e GRUPO 3, composto por 40 participantes com 15 a 17 anos de escolaridade, equivalentes ao nível superior.

Ressalte-se que, desse último grupo, os inquiridos que apresentaram mais de 15 anos de tempo de estudo correspondem a profissionais de algumas áreas da saúde, como, por exemplo, Odontologia, cujo período de formação é de 5 anos, ou a pós-graduados, para quem são adicionados dois anos de ensino.

Além do GRUPO EXPERIMENTAL, o inquérito foi aplicado a outros 30 participantes, os quais constituíram o GRUPO DE CONTROLE. É importante salientar que, além do critério escolaridade — todos os participantes deste grupo têm pelo menos o nível superior —, foi também utilizado aqui o critério profissão com o objetivo de selecionar profissionais que, direta ou indiretamente, precisam lidar, em seu ambiente de trabalho, com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

Também é imprescindível esclarecer que, para o GRUPO DE CONTROLE, o fator geográfico utilizado não se deu exclusivamente a moradores da cidade de Valparaíso, mas foi também aberto a residentes de Brasília, cidade de trabalho de 36,66% dos participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, tendo em vista o fator apontado no item 3.2.

3.3.1. Variáveis sociológicas dos participantes do grupo geral

Conforme já mencionado, o GRUPO EXPERIMENTAL abrange três subgrupos, distintos por anos de escolaridade.

O primeiro, ou GRUPO 1, relativo aos inquiridos com 4 anos de escolaridade, constituiu-se de 24 mulheres e 16 homens, com média de idade de 47 anos, tendo 14 anos o mais novo e 75 anos o mais velho. Neste grupo, a média de escolaridade dos pais é de 7 anos e, das mães, 3.

Foram informadas 28 diferentes profissões (atividades) nesse grupo, entre as quais: auxiliar de serviços gerais, balconista, cabelereira, costureira, cozinheira (o), doméstica, dona de casa, comerciante, estudante, manicure, marceneiro, pedreiro e serralheiro. Quanto ao local (cidade) onde trabalham, 19 trabalham ou estudam em Brasília, 17 no Valparaíso e 4 em outras cidades.

Ressalte-se ainda que a média de tempo de residência dos participantes desse grupo na cidade de Valparaíso é de 27 anos e que a maioria nasceu em estados do nordeste do país.

Relativamente ao GRUPO 2, correspondente aos participantes com 11 anos de escolaridade, o total de homens e mulheres foi, respectivamente, 22 e 18. O participante mais novo tem 15 anos; o mais velho, 72; e a média de idade do grupo é de 35 anos. Já a média de escolaridade de seus pais é de 8 anos e, das mães, 6.

Entre as atividades praticadas pelos integrantes desse grupo, a maioria corresponde às mesmas do GRUPO 1, adicionando-se outros profissionais, como, por exemplo, professora, policial e analista de sistemas. Quanto ao local de trabalho, apenas 12 participantes trabalham em Brasília e a maioria, 25, em Valparaíso. A média de tempo de residência em Valparaíso é de 22, 13 anos a menos que a média das idades.

Do GRUPO 3, cuja escolaridade variou entre 15 e 17 anos, participaram 30 mulheres e 10 homens, com média de idade de 36 anos. O participante mais novo tem 20 anos de idade; o mais velho, 62. A média de escolaridade tanto dos pais quanto das mães dos inquiridos desse subgrupo é de 7 anos, ou seja, o maior índice de escolaridade das mães em comparação aos demais.

Assim como no GRUPO 2, a maioria dos participantes trabalham na cidade de residência (21) e apenas 13 em Brasília. Os demais, 06, trabalham em outras cidades. Quanto às profissões, o grupo é formado por profissionais da área da saúde, como dentistas e enfermeiras, bem como policiais, servidores públicos, empresários e professores.

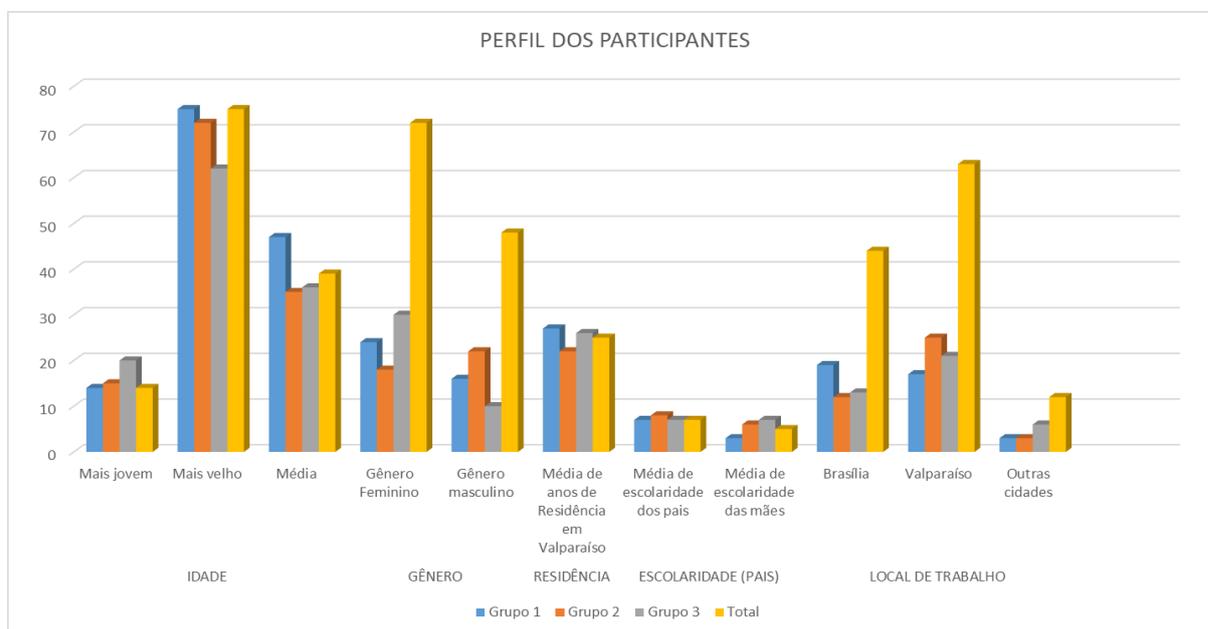
Ao contrário do GRUPO 1, a maioria dos participantes do GRUPO 3 (23) nasceram no Distrito Federal e apenas 08 são naturais de estados do nordeste. Observando-se esse dado e fazendo uma comparação com a média da idade deste grupo e do GRUPO 1, 36 e 47 anos, respectivamente, entende-se o porquê: a grande maioria dos moradores mais velhos residentes na cidade de Valparaíso migraram para essa região poucos anos após a construção de Brasília, vindos especialmente da região nordeste.

Logo, é esperado que, ao longo das próximas gerações, o número de moradores do Valparaíso nascidos em outros estados diminua proporcionalmente. No GRUPO 3, especificamente, a média de anos de residência nessa cidade é de 26, contra 22 anos dos participantes do GRUPO 2, cuja média de idade, conforme já informado, é 35 anos.

Tendo em vista esses dados, é possível traçar o panorama do GRUPO EXPERIMENTAL, constituído pelos Grupos 1, 2 e 3, cuja média de idade apresentada é de 39 anos, tendo 14 anos o mais novo e 75 anos o mais velho. Desse total, 60% são do gênero feminino e 40% do gênero masculino. A média de escolaridade dos pais é de 7 anos; das mães, 5. Quanto aos anos de residência na cidade onde a pesquisa foi realizada, temos uma média de 25 anos e, por fim, o número total dos que trabalham em Brasília é 44. O número de participantes que trabalham no Valparaíso é 63 e apenas 12 trabalham em outras localidades.

O resumo desses fatores, considerando-se os números totais, bem como dos seus subgrupos, pode ser melhor visualizado no Gráfico 1, na página a seguir:

Gráfico 1 - Resumo do perfil dos participantes do grupo experimental quanto aos fatores sociológicos



Fonte: Produzido pela autora

3.3.2. Variáveis sociológicas dos participantes do grupo de controle

Partindo-se do pressuposto de que o uso da norma-padrão da língua portuguesa é um dos quesitos que está diretamente relacionado ao desempenho de algumas profissões, os 30 participantes do GRUPO DE CONTROLE foram fundamentalmente selecionados pelo critério atividade realizada, associado aos anos de escolaridade: mínimo de 15 anos. Dessa forma, entre as profissões apontadas pelo grupo, temos, como exemplo: revisores de texto de órgãos públicos federais, advogados, bancários e servidores públicos distritais e federais.

Frise-se também que, tendo em vista 36,66% dos participantes do GRUPO EXPERIMENTAL trabalharem em Brasília, o GRUPO DE CONTROLE contou com participantes que residem na cidade pesquisada, Valparaíso, e na Capital, na proporção de 50% em cada, a fim de verificarmos as influências da variedade geográfica no fenômeno investigado. Entre os que moram em Brasília, a média de anos de residência na Capital é de 21,2, mais baixa que a média de tempo de residência em Valparaíso dos demais participantes: 27,33.

Quanto aos demais critérios, 50% dos participantes são do gênero masculino e 50% do gênero feminino, com média de idade de 36 anos, tendo 17 o mais novo e 69 o mais

velho. Um pouco mais da metade (53,33% ou 16 participantes) nasceu no Distrito Federal e os demais, 14, em outros estados brasileiros, entre os quais Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A média de escolaridade dos participantes deste grupo é 15,93 anos e um dado que chama atenção em comparação ao GRUPO EXPERIMENTAL é a média de escolaridade dos pais: enquanto naquele grupo a média de escolaridade dos pais e das mães eram, respectivamente, 7 e 5 anos, no GRUPO DE CONTROLE os pais apresentam uma média de 12,6 anos, número próximo à média de escolaridade das mães: 12,4.

3.3.3. Variáveis sociológicas dos participantes das entrevistas

Os dados sociais dos entrevistados são basicamente os mesmos apresentados no item 3.3.1. Entretanto, considerando-se que, entre os 120 participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, 113 foram os que participaram das entrevistas, deve-se registrar que, entre estes, a média de idade é de 39 anos, tendo 14 anos o mais novo e 75 o mais velho.

O maior grupo feminino é representado pelo GRUPO 3, com 27 entrevistadas, seguido de 23 no GRUPO 1 e 18 no GRUPO 2. Quanto aos entrevistados do gênero masculino, foram 16, 22 e 07 homens, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3.

Já em relação ao local de trabalho, 40 trabalham em Brasília, enquanto 72 em Valparaíso ou cidades próximas.

Por fim, em relação à escolaridade, lembrando que o GRUPO 1 é constituído por participantes com 4 anos de escolaridade, o GRUPO 2 por entrevistados com 11 anos de escolaridade e o GRUPO 3, por sua vez, 15 a 17 anos, seja também mencionado que a escolaridade média dos pais dos entrevistados é de 7 anos e, das mães, 5.

3.4. O inquérito

Com o objetivo de averiguar os juízos de gramaticalidade produzidos pelos participantes relativamente à concordância SU-V, as 18 frases analisadas na QUESTÃO II foram agrupadas de acordo com nove diferentes estruturas, descritas, em linhas gerais, a seguir:

I – Sujeito composto + verbo + modificador do SV;

- II – Sujeito simples plural + verbo + modificador do SV;
- III – Verbo + sujeito simples plural formado por numeral + modificador do SV;
- IV – Sujeito simples plural formado por numeral + verbo + modificador do SV;
- V – Sujeito composto + verbo + sintagma preposicional;
- VI – Sujeito simples plural + verbo + predicativo do sujeito;
- VII – Verbo + sujeito simples plural + modificador do SN;
- VIII – Sujeito simples plural + modificador do SN + verbo; e
- IX – Verbo + modificador do SV + sujeito simples plural.

Quanto à seleção de verbos, foram propostas frases com VERBOS INACUSATIVOS, do tipo *chegar, morrer e ocorrer*, VERBOS INERGATIVOS, como *namorar, escrever* (na forma intransitiva) e *latir*, VERBO PREDICATIVO, classe para a qual foi escolhido o verbo *estar*, e VERBO TRANSITIVO, representado pelo verbo *responder*. Também trabalhamos com diferentes tipos de sujeito: simples (com determinante (D)+nome (N)); composto (obtido por coordenação de dois SNs); e numeral +N, quer nas posições pré e pós-verbais, separados ou não por algum tipo de adjunto ou modificador, conforme as frases que serão detalhadamente descritas nos itens 4.1.1 a 4.1.4.

Os resultados das respostas quanto aos juízos de gramaticalidade de cada estrutura serão apresentados no capítulo a seguir, considerando-se os fatores linguísticos de cada configuração proposta e a relação entre o tipo de resposta e o fator escolaridade, principal critério extralinguístico de análise desta pesquisa.

4. Análise e discussão dos dados

Os resultados apurados quanto aos fatores linguísticos selecionados serão apresentados considerando-se inicialmente a classe verbal utilizada nas frases apresentadas aos participantes, seguida dos demais fatores linguísticos, destacando-se, novamente, que três eram as opções possíveis de resposta: (1) para as frases “normais”, (2) para as frases “estranhas” e (3) para as frases “erradas”.

No item 4.1, serão apresentados e discutidos os resultados dos inquéritos aplicados ao GRUPO EXPERIMENTAL, lembrando que este é constituído por três subgrupos, aqui intitulados GRUPOS 1, 2 e 3.

No item 4.2, é realizado um cruzamento dos resultados do GRUPO EXPERIMENTAL conforme as variáveis sociológicas.

No item 4.3, são expostos e debatidos os resultados dos inquéritos aplicados ao GRUPO DE CONTROLE.

No item 4.4, é realizado o mesmo cruzamento feito no item 4.2, porém relativamente ao GRUPO DE CONTROLE.

Por fim, no item 4.5, são debatidos os resultados da análise das entrevistas, as quais foram aplicadas exclusivamente ao GRUPO EXPERIMENTAL.

4.1. Resultados dos inquéritos do grupo experimental

Nos itens 4.1.1, a 4.1.4, são apresentados e discutidos os dados levantados acerca dos inquéritos aplicados ao GRUPO EXPERIMENTAL, subdividido em GRUPO 1 (falantes com 4 anos de escolarização), GRUPO 2 (falantes com 11 anos de escolarização) e GRUPO 3 (falantes com 15 a 17 anos de escolarização).

4.1.1. Frases com verbos inergativos

As estruturas sintáticas formadas por “sujeito composto + verbo + modificador do SV”; “verbo + sujeito simples plural + modificador do SN”; “sujeito simples plural + modificador do SN + verbo”; e “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV”

foram constituídas com a classe dos verbos inergativos, de acordo com os seguintes pares:

(49) Pedro e Maria namora há dois anos.

(50) Pedro e Maria namoram há dois anos.

(51) Escreveram os meus amigos de Portugal.

(52) Os meus amigos de Portugal escreveu.

(53) Os cachorro late sem parar.

(54) Os cachorros latem sem parar.

Do total de 120 participantes, 32 julgaram “normal” a frase (49), enquanto 19 a consideraram “estranha” e 69 “errada”, assim discriminado entre os subgrupos: no GRUPO 1, o julgamento entre “normal”, “estranha” e “errada” foi, respectivamente, 17, 02 e 21; no GRUPO 2: 10, 09 e 21; no GRUPO 3: 05, 08 e 27.

Quanto à frase (50), 94 participantes do GRUPO EXPERIMENTAL a consideraram “normal”, 7 “estranha” e 19 foi o total dos que a julgaram “errada”. A quantidade dos participantes que a consideraram “normal” aumentou nos GRUPOS 1, 2 e 3 na mesma proporção dos anos de escolaridade, tendo em vista que, no GRUPO 1, a escolha entre “normal”, “estranha” e “errada” foi, respectivamente, 25, 02 e 13; no GRUPO 2, 33, 03 e 04; no GRUPO 3, 36, 02 e 02.

Para a estrutura “verbo + sujeito simples plural + modificador do SN”, foi proposta a frase (51), aqui repetida:

(51) Escreveram os meus amigos de Portugal.

Além da inversão da ordem canônica SU-V, o núcleo do sujeito, “amigos”, foi precedido de dois determinantes a fim de avaliar se o plural do artigo “os” e do pronome “meus” poderia influenciar em um maior número de participantes que classificariam essa estrutura como “normal”. Ressalte-se que, segundo Scherre e Naro (1998), a concordância SU-V é regida pelo núcleo do sujeito, neste caso o sintagma nominal “amigos”, somente em duas opções: quando o sujeito ocupa a posição pré-verbal e,

simultaneamente, é formado por um único núcleo de estrutura sintagmática simples ou, por outro lado, quando é constituído por dois ou mais núcleos em que pelo menos um é plural, podendo, nos demais casos, ser feita com base em outros elementos do sintagma.

Da análise dos resultados, tem-se que, para essa estrutura, a opção “normal” foi escolhida por 61 participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, ou 50,83%. Quanto aos demais, 25 a indicaram como uma frase “estranha” e 34 como “errada”.

Entre os que a consideraram “errada”, a grande maioria pertence ao GRUPO 1: 21 participantes. Nos outros dois subgrupos, esse número foi, respectivamente, 07 e 06 nos GRUPOS 2 e 3. Já quanto aos que a consideraram “normal”, o total foi de 17, 21 e 23 nos GRUPOS 1, 2 e 3, respectivamente, e 02, 12 e 11 os que a consideraram “estranha”.

Ao invertermos a ordem da frase e retirarmos a desinência verbal de terceira pessoa do plural, estrutura da frase (52), 39 foi o número de participantes que a julgaram “normal”, 23 os que a consideraram “estranha” e 58 os que a consideraram “errada”. Observando esses números e separando-os conforme os grupos instituídos pelas faixas de escolaridade, obtivemos os seguintes resultados, respectivamente, para os GRUPOS 1, 2 e 3: 24, 11 e 04 o total dos que a consideraram “normal”; 0, 09 e 14 para os que a consideraram “estranha”; e 16, 20 e 22 para os que a consideraram “errada”.

Note-se, então, que novamente o GRUPO 1 representou a grande maioria dos que a consideraram “normal” e, entre os GRUPOS 2 e 3, pouca foi a diferença quanto aos que a consideraram “errada”, fato que confirma Naro (1981), para quem o fator escolaridade é o mais preponderante quanto à variável aqui analisada.

Representando a estrutura “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV”, tivemos as frases (53) e (54) aqui repetidas:

(53) Os cachorro late sem parar.

(54) Os cachorros latem sem parar.

Antes da análise dos resultados, cabem aqui algumas observações importantes. Vários autores realizaram estudos com o objetivo de avaliar a pertinência do princípio do paralelismo, quer no nível oracional, quer no nível discursivo, segundo o qual “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (Naro & Scherre, 2007, p. 177).

Para Vieira (2011), quando temos uma frase em que o SN sujeito plural não apresenta as marcas de plural em todos os seus constituintes, haverá uma tendência de que essa ausência seja manifestada também no SV, assim como ocorre na frase (53): “Os cachorro late sem parar”, sendo válido também o contrário: a presença do morfema de plural em todos os constituintes do SN sujeito tende a ocorrer também no verbo correspondente. Segundo a autora, esse princípio é justificado não pela repetição de ideias, mas, sim, pela repetição de formas.

Nessa mesma linha, Naro e Scherre (1993) apontam evidências de que existe uma correlação entre o tipo de marca existente no sujeito, sintagma controlador da concordância, e o tipo de marca presente no verbo, desempenhando o paralelismo formal um fator central quanto ao uso das marcas linguísticas no fenômeno aqui investigado.

Dessa forma, a fim de avaliar o princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas, espera-se que um sujeito que apresenta o morfema de plural apenas no seu primeiro constituinte seja correlacionado a um verbo com marca zero de plural, sendo aqui ressaltado que basta o morfema “s” estar presente em um constituinte do SN, geralmente o determinante, para afirmarmos que estamos diante de um sujeito formalmente plural.

Partindo desse pressuposto, na frase (53), o morfema de plural estava representado somente no determinante “os” e tanto o núcleo do sujeito, “cachorro”, quanto o verbo foram apresentados na forma singular. Para essa estrutura, foi observado que 20%, ou 24 participantes, julgaram essa forma como “normal”, 08 a consideraram “estranha” e 88 a julgaram “errada”.

Ao observarmos esses números entre os subgrupos (GRUPOS 1, 2 e 3), o número dos que a consideram “errada” foi, respectivamente, 25, 32 e 31, devendo ser destacado

que, enquanto no GRUPO 3 o número que a considerou “errada” foi 31, no GRUPO 2 esse número foi um pouco maior: 32. Apesar de pequena essa diferença, esse dado chama a atenção, tendo em vista a diferença de escolaridade entre ambos os grupos, descrita no item 3.3.1.

Quanto ao número dos que a consideraram “normal”, temos 14, 05 e 05, respectivamente, para os GRUPOS 1, 2 e 3, e apenas 01, 03 e 04, respectivamente, para os que a assinalaram como uma estrutura “estranha”. Logo, 35% dos participantes com pouca escolaridade têm como normal a ausência de morfema verbal plural nesse tipo de estrutura, dado que confirma a pertinência do princípio do paralelismo formal.

Já em relação à frase (54) “Os cachorros latem sem parar”, a maior diferença apresentada entre os grupos ocorreu no GRUPO 1, no qual 25 a consideraram “normal”, enquanto 14 a julgaram “errada” e apenas 01, “estranha”. No GRUPO 2, 33 a assinalaram como “normal”, 05 a consideraram “estranha” e apenas 02 a julgaram como “errada”. No GRUPO 3, por sua vez, apenas 01 a considerou “estranha” e os demais 39 a avaliaram como a opção “normal” do par. Dessa forma, do total, 97 foram os participantes que a consideraram “normal”, contra 16 que a consideraram “errada” e 07 que a acharam “estranha”.

É importante perceber que, nessa estrutura em particular, nenhum participante do GRUPO 3 considerou “errada” a concordância estabelecida e, no GRUPO 2, esse número corresponde a apenas 5%. No GRUPO 1, em contrapartida, 35% dos inquiridos a julgaram “errada”, o que confirma os resultados apresentados da análise da frase (53). Ressalte-se ainda que este é um verbo que apresenta uma oposição não acentuada relativamente à saliência fônica (late/latem), situação que desfavoreceria o uso do morfema de plural, fato observado apenas no GRUPO 1.

Os valores percentuais relativos aos GRUPOS 1, 2 e 3 estão resumidos na tabela 2, na qual “N” significa “normal” ou “correta”; “EST” significa “estranha” e “ERR” significa “errada”, conforme os juízos de gramaticalidade informados pelos participantes do inquérito.

Tabela 2 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos inergativos

	FRASES COM VERBOS INERGATIVOS								
	GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3		
	N	EST	ERR	N	EST	ERR	N	EST	ERR
Pedro e Maria namora há dois anos.	42.5%	5%	52.5%	25%	22.5%	52.5%	12.5%	20%	67.5%
Pedro e Maria namoram há dois anos.	62.5%	5%	32.5%	82.5%	7.5%	10%	90%	5%	5%
Escreveram os meus amigos de Portugal.	42.5%	5%	52,5%	52.5%	30%	17.5%	57.5	27.5%	15%
Os meus amigos de Portugal escreveu.	60%	0%	40%	27.5%	22.5%	50%	10%	35%	55%
Os cachorro late sem parar.	35%	2.5%	62.5%	12.5%	7.5%	80%	12.5%	10%	77.5%
Os cachorros latem sem parar.	62.5%	2.5%	35%	82.5%	12.5%	5%	97.5%	2.5%	0%

Fonte: Produzida pela autora

4.1.2. Frases com verbos inacusativos

A fim de avaliar o índice de concordância SU-V com sujeito simples plural pré-verbal adjacente ao verbo, na estrutura “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV”, os inquiridos avaliaram o seguinte par frásico, representado nas frases (55) e (56) do inquérito:

(55) Os meninos chegou tarde.

(56) Os meninos chegaram tarde.

Para a frase (55), 99 participantes a consideraram “errada”, enquanto somente 14 a julgaram “normal” e 07 a assinalaram como “estranha”, número discriminado nos subgrupos deste modo: nos GRUPOS 1, 2 e 3, o número dos que a consideraram “errada” foi maior proporcionalmente aos anos de escolaridade, respectivamente, 30, 34 e 35. Enquanto isso, os que a consideraram “normal” foram 09 no GRUPO 1, 03 no GRUPO 2

e apenas 02 no GRUPO 3, enquanto 01, 03 e 03, respectivamente nos GRUPOS 1, 2, 3, a assinalaram como “estranha”.

Conseqüentemente, a segunda opção do par, frase (56), foi a mais aceita, destacando-se aqui o número de participantes do GRUPO 3 que a consideraram “normal”: 39. No GRUPO 2, esse número foi 35 e, no GRUPO 1, 30, totalizando 104 participantes. O número dos que a consideraram “estranha” foi, respectivamente, 03, 03 e 0 nos GRUPOS 1, 2, 3, com total de 06, enquanto apenas 01 inquirido do GRUPO 3 a considerou “errada”, escolhendo igualmente essa opção 02 participantes do GRUPO 2 e 07 participantes do GRUPO 1, ou seja, 10 do total.

Relativamente à estrutura “verbo + sujeito simples plural formado por numeral + modificador do SV”, foram propostas as seguintes frases, a fim de avaliarmos o comportamento da concordância perante sujeito composto por numeral:

(57) Morreram vinte pessoas no acidente.

(58) Morreu vinte pessoas no acidente.

A frase (57), cujo verbo está flexionado na terceira pessoa do plural, foi avaliada como “normal” por 92 dos 120 participantes, dos quais 07 a julgaram “estranha” e 21 a assinalaram como “errada”. Desse último número, 66,66% correspondem ao GRUPO 1, totalizando 25 participantes que julgaram “errada” essa flexão, enquanto, nos GRUPOS 2 e 3, esse número corresponde, respectivamente, a 05 e 02 participantes.

Nos GRUPOS 1, 2 e 3, o número dos que a consideraram “normal” foi, respectivamente, 25, 31 e 36. Já os que a julgaram como “estranha” foi, respectivamente, 01, 04 e 02 para esses três grupos.

Quanto à segunda opção do par, frase (58), 61,66% dos participantes a consideraram “errada”, 15% a julgaram “estranha” e 28% a assinalaram como “normal”. Avaliando esses números nos subgrupos, ou seja, GRUPOS 1, 2 e 3, temos, respectivamente: 14, 09 e 05 a consideraram “normal”; 0, 08 e 10 a julgaram “estranha”; e 26, 23 e 25 a consideraram “errada”. Assim, observou-se que 12,5% dos participantes do GRUPO 3 consideraram “normal” essa estrutura.

Com o objetivo de avaliar se a colocação do sujeito na posição canônica, ou pré-verbal, afetaria as escolhas quanto à gramaticalidade das frases (57) e (58), ambas foram reescritas, conforme a seguinte sequência: “sujeito simples plural formado por numeral + verbo + modificador do SV”, resultando nas seguintes frases:

(59) Vinte pessoas morreram no acidente.

(60) Vinte pessoas morreu no acidente.

Mencionando os resultados totais, 70,83% dos participantes, ou seja, 85, julgaram “normal” a opção que apresenta o verbo no plural, frase (59). Para essa estrutura, o julgamento como “estranha” foi assinalado por 14 inquiridos e, como “errada”, 21. Quanto aos GRUPOS 1, 2 e 3, temos, respectivamente, 22, 27 e 36 participantes que a consideraram “normal”; 04, 09 e 01 que a julgaram “estranha”; e 14, 04 e 03 que a assinalaram como “errada”.

No tocante à segunda frase apresentada (60), com o verbo representado na terceira pessoa do singular, apenas 20,83% dos participantes totais utilizaram essa estrutura como “normal”. No entanto, o percentual dos que a consideraram “estranha” foi praticamente o mesmo, 20%, e 59,17% a consideraram “errada”. Esses números, analisando os GRUPOS 1, 2 e 3, são, respectivamente: 15, 07 e 03 para os que a consideraram “normal”; 03, 12 e 09 quanto aos que a julgaram “estranha”; e 22, 21 e 28 em relação aos que a consideraram “errada”.

Dessa forma, nota-se um fato interessante. Nos grupos menos escolarizados, GRUPOS 1 e 2, o número dos que consideraram “normal” a concordância na ordem V-SU (57) foi maior do que aqueles que consideraram “normal” a ordem SU-V (59). No GRUPO 3, mais escolarizado, a mudança da ordem não alterou o resultado, pois 90% consideraram “normais” ambas as frases, dados que corroboram o argumento de Pilati (2006), para quem os verbos inacusativos são os mais frequentes em orações na ordem V-SU em PB.

Realizada essa comparação, interessou ainda observar outra construção estabelecida com verbo inacusativo, para a qual foi selecionada a ordem “verbo + modificador do SV + sujeito simples plural”, representada nas frases (61) e (62):

(61) Ocorreu, na última semana, muitos acidentes.

(62) Ocorreram, na última semana, muitos acidentes.

Considerando-se todos os participantes do GRUPO EXPERIMENTAL, 40% consideraram a frase (61) “normal”. Esse número é bastante elevado, especialmente considerando-se que o número de participantes dos GRUPOS 1, 2 e 3 que também a julgaram “normal” foi próximo: 18, 16 e 14, respectivamente.

Quanto aos que a consideraram “errada”, 52 foi o total de participantes, subdivididos em: 20 do GRUPO 1, 17 do GRUPO 2 e 15 do GRUPO 3. Quanto à classificação “estranha”, o número foi, respectivamente, 02, 07 e 11 para os GRUPOS 1, 2 e 3, totalizando 20.

Ao analisarem, por outro lado, a opção com o verbo flexionado na terceira pessoa do plural, frase (62), 62.5% concordaram quanto à normalidade da estrutura apresentada, percentual que corresponde ao número de 75 participantes. Ainda do total, 15 a consideraram “estranha” e 30 a julgaram “errada”.

O grupo que mais destoou foi o GRUPO 1. Nele, 17 participantes julgaram a frase “errada”, contra 07 e 06 dos GRUPOS 2 e 3, respectivamente. Por outro lado, no GRUPO 3, tivemos um maior número de inquiridos que a consideraram “normal”, 29, contra 20 e 26 dos GRUPOS 1 e 2, respectivamente. A quantidade de participantes que a assinalaram enquanto “estranha” foi 03, 07 e 05, respectivamente, para os GRUPOS 1, 2 e 3.

O resumo desses resultados apresenta-se na tabela 3, a seguir:

Tabela 3 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos inacusativos

	FRASES COM VERBOS INACUSATIVOS								
	GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3		
	N	EST	ERR	N	EST	ERR	N	EST	ERR
Os meninos chegou tarde.	22.5%	2.5%	75%	7.5%	7.5%	85%	5%	7.5%	87.5%
Os meninos chegaram tarde.	75%	7.5%	17.5%	87.5%	7.5%	5%	97.5%	0%	2.5%

	FRASES COM VERBOS INACUSATIVOS								
	GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3		
	N	EST	ERR	N	EST	ERR	N	EST	ERR
Morreram vinte pessoas no acidente.	62.5%	2.5%	35%	77.5%	10%	12.5%	90%	2%	8%
Morreu vinte pessoas no acidente.	35%	0%	65%	22.5%	20%	57.5%	12.5%	25%	62.5%
Vinte pessoas morreram no acidente.	55%	10%	35%	67.5%	22.5%	10%	90%	2.5%	7.5%
Vinte pessoas morreu no acidente.	37.5%	7.5%	55%	17.5%	30%	52.5%	7.5%	22.5%	70%
Ocorreu, na última semana, muitos acidentes.	45%	5%	50%	40%	17.5%	42,50%	35%	28%	37.5%
Ocorreram, na última semana, muitos acidentes.	48%	7.5%	42.5%	65%	17.5%	17.5%	72.5%	12.5%	15%

Fonte: Produzida pela autora

4.1.3. Frases com verbos predicativos

Para trabalharmos com verbos predicativos, foi proposto o seguinte par de frases:

(63) As mensalidades estão cada vez mais altas.

(64) As mensalidade está cada vez mais alta.

Note-se que, na primeira (63), temos determinante e núcleo do SN sujeito no plural: “As mensalidades”. Na segunda (64), por sua vez, o morfema plural está visível apenas no determinante “as” e o verbo corresponde à 3ª pessoa do singular, a fim de investigarmos se o princípio do paralelismo formal, já explicado no item 4.1.1 quando da análise dos verbos inergativos, terá o mesmo comportamento quanto à tipologia verbal predicativa.

Para a frase (63), o GRUPO 3 foi o que mais a considerou “normal”, 34 participantes, contra 5 que a consideraram “estranha” e somente 01 que a considerou “errada”. O GRUPO 2 teve um desempenho parecido: 31 escolhas da frase como “normal”, 05 como “estranha” e 04 como “errada”. O diferencial foi o GRUPO 1, no qual 21 participantes consideraram o uso do plural como “errado”, enquanto 16 consideraram “normal” e 03 como “estranho”.

Com esses números, temos, então, que, do total, 81 participantes consideraram “normal” a frase (63), enquanto 13 a julgaram “estranha” e 26 a assinalaram como “errada”.

Considerando, dessa forma, o princípio do paralelismo ou da coesão estrutural, segundo o qual a não marcação de plural em alguns constituintes do SN sujeito influenciará a ausência do morfema plural verbal, na segunda versão dessa estrutura, frase (64), 42 participantes consideraram a concordância estabelecida “normal”, enquanto 14 a julgaram “estranha” e 64 “errada”. Observando os números em cada grupo, temos, nos GRUPOS 1, 2 e 3, respectivamente, 23, 10 e 09 que a consideraram “normal”, 01, 07 e 06 que a julgaram “estranha” e 16, 23 e 25 que a assinalaram como “errada”. Esses dados, resumidos na tabela 4, demonstram mais uma vez que o fenômeno da concordância SU-V em PB é uma regra variável:

Tabela 4 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos predicativos

	FRASES COM VERBOS PREDICATIVOS								
	GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3		
	N	EST	ERR	N	EST	ERR	N	EST	ERR
As mensalidades estão cada vez mais altas.	40%	7.5%	52.5%	77.5%	12.5%	10%	85%	12.5%	2.5%
As mensalidade está cada vez mais alta.	57.5%	2.5%	40%	25%	17.5%	57.5%	22.5%	15%	62.5%

Fonte: Produzida pela autora

4.1.4. Frases com verbos transitivos

Para completar os tipos de estruturas avaliadas e a relação destas com a presença/ausência de concordância SU-V, foi também proposto aos inquiridos o julgamento gramatical do seguinte par de frases, constituído por verbo transitivo, considerando-se a seguinte ordem: “sujeito composto + verbo + sintagma preposicional (selecionado pelo V)”.

(65) O gerente e o vendedor respondeu ao questionamento do cliente.

(66) O gerente e o vendedor responderam ao questionamento do cliente.

Quanto à frase (65), 41 foi o total de participantes que consideraram “normal” a opção singular do verbo, enquanto 17 a consideraram “estranha” e 62 “errada”.

Avaliando esses números nos subgrupos, ou seja, GRUPOS 1, 2 e 3, temos que o grande diferencial se refere às respostas dadas pelo GRUPO 1, pois 65% de seus participantes, os quais têm 4 anos de escolaridade, consideraram “normal” a frase, o que representa 26 inquiridos. Desse grupo, apenas 02 consideraram a frase “estranha” e 12 “errada”. Nos GRUPOS 2 e 3, respectivamente, 09 e 06 a consideraram “normal”; 09 e 06 a consideraram “estranha”; e 22 e 28 a consideraram “errada”.

Quanto ao julgamento da segunda opção, frase (66), com o verbo no plural, 85 foram os participantes que a consideraram “normal”, 08 a assinalaram como “estranha” e 27 a classificaram “errada”. Novamente, o grande diferencial é representado pelo GRUPO 1: apenas 15 a interpretaram como “normal”; 01, “estranha”; e 24, “errada”.

Nos GRUPOS 2 e 3, tivemos um equilíbrio: 35 em ambos os grupos a consideraram “normal”; 03 e 04, respectivamente, a consideraram “estranha”; 02 do GRUPO 2 a julgaram “errada” e apenas 01 do GRUPO 3 escolheu essa opção, conforme demonstrado na tabela 5, a seguir:

Tabela 5 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos transitivos

	FRASES COM VERBOS TRANSITIVOS								
	GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3		
	N	EST	ERR	N	EST	ERR	N	EST	ERR
O gerente e o vendedor respondeu ao questionamento do cliente.	65%	5%	30%	22.5%	22.5%	55%	15%	15%	70%
O gerente e o vendedor responderam ao questionamento do cliente.	37.5%	2.5%	60%	87.5%	7.5%	5%	87.5%	10%	2.5%

Fonte: Produzida pela autora

4.1.5. Síntese

Da observação dos dados apresentados nas frases com verbos inergativos, tem-se que as estruturas constituídas com o sujeito em sua posição canônica favoreceram o uso da concordância, tendo em vista que, em todos os grupos, o número dos que consideraram normal a frase (50), com a ordem SU-V, foi proporcionalmente maior em comparação aos que consideraram normal a frase (51), cujo sujeito está na posição pós-verbal.

Também é importante destacar o percentual de participantes dos GRUPOS 2 e 3 que consideraram “estranha” a frase (51), cuja ordem foi a V-SU, 30% e 27,5%, respectivamente. Esse número foi bastante elevado quando observamos esse mesmo total entre os que avaliaram como “estranha” a frase (50), 7,5% e 5%, respectivamente, nos GRUPOS 2 e 3. Logo, podemos concluir o quanto a ordem V-SU é pouco utilizada e reconhecida como gramatical na comunidade pesquisada, corroborando argumentos como os de Lima (2006), segundo os quais o sujeito pós-verbal em PB possui um enfraquecimento quanto à concordância, ou seja, a ausência de concordância verbal em frases com sujeito pós-verbal está diretamente relacionada à ordem V-SU.

A concordância em todos os constituintes do sujeito também foi um fator linguístico que influenciou a realização da concordância SU-V, especialmente no grupo

mais escolarizado. Esse resultado está de acordo com os resultados apresentados em Lucchesi et al. (2009), os quais afirmam que há uma tendência de ocorrer a concordância verbal quando é realizada a concordância nominal em todos os constituintes do SN sujeito, princípio intitulado “coesão estrutural”, também conhecido como paralelismo por outros autores, conforme já discutido aqui.

Note-se que, nas faixas menos escolarizadas, núcleo ou núcleos do sujeito adjacentes ao verbo também influenciam o uso do morfema verbal de plural, haja vista ter sido maior o número de participantes dos GRUPOS 1 e 2 que indicaram como “normal” a frase (54) em comparação à frase (49).

Pelo exposto, confirmamos o argumento de Lima (2006), autora a qual defende que, apesar de os verbos inergativos concordarem obrigatoriamente com o sujeito, mesmo que este seja pós-verbal, encontramos em PB construções gramaticais em que essa tipologia verbal, tanto na ordem SU-V quanto na ordem V-SU, não dispara a concordância.

Nas estruturas constituídas por verbos inacusativos, podemos afirmar que, da análise dos inquéritos, na faixa mais escolarizada (GRUPO 3), as ordens SU-V / V-SU não influenciaram quanto ao número de participantes que consideraram “normal” as estruturas (57) “Morreram vinte pessoas no acidente” e (59) “Vinte pessoas morreram no acidente”.

Nos GRUPOS 1 e 2, por sua vez, chama a atenção o fato de que a ordem V-SU desencadeou um aumento do uso da concordância, em detrimento à ordem SU-V, quando o sujeito foi um numeral, levando-nos a confirmar a análise de Pilati (2006), segundo a qual a ordem V-SU em PB é mais frequente em contextos com verbos inacusativos. Some-se ainda que, mesmo em PE, ocorre a ordem V-SU sem concordância com verbos inacusativos, fenômeno corrente na língua oral, inclusive entre falantes escolarizados, ao contrário do que ocorre na ordem SU-V, em que a concordância é sentida como obrigatória (Costa, 2000).

Por outro lado, ao analisarmos o aspecto adjacência do sujeito em relação ao verbo, nota-se que sujeitos constituídos por numerais que dão ideia de plural

desfavorecem a concordância, dada a comparação, em todos os grupos, dos resultados apresentados da análise das respostas às frases (56) “Os meninos chegaram tarde”, em que o núcleo do sujeito é um substantivo, e (59) “Vinte pessoas morreram no acidente”.

Por fim, confirmaram-se também os resultados dos estudos de Lemle e Naro (1977), Naro (1981) e Scherre e Naro (1998), os quais demonstraram que sujeito anteposto ao verbo ou a ele mais próximo favorecem a variante explícita de concordância verbal, enquanto sujeito anteposto distante ou posposto ao verbo a desfavorece, efeito este que independe do grau de escolarização dos falantes.

Dois fatos chamam a atenção na análise dos fatores linguísticos relacionados às frases formadas por verbo predicativo. O primeiro deles refere-se ao fato de que, apesar da adjacência do sujeito em relação ao verbo, conforme observado na frase (63), o percentual de participantes da faixa menos escolarizada que consideraram “errada” a opção em que se estabeleceu a concordância foi maior do que o percentual dos que a consideraram “normal”: 52,5% e 40%, respectivamente. Com isso, não se confirmou, neste exemplo em particular, a hipótese de que verbos com uma oposição acentuada em pelo menos uma das formas verbais, como é o caso de “é/são” favorecem a concordância (Naro & Lemle, 1976). Outras análises serão realizadas a partir das entrevistas para avaliarmos esse fator.

Quanto às demais faixas, GRUPOS 2 e 3, apesar de maior o percentual dos que consideraram “normal” a frase (63), observou-se que, quando da comparação a frases com esse tipo de estrutura formada por outro tipo de verbo, frase (54) “Os cachorros latem sem parar”, o percentual aqui foi menor. Logo, a concordância verbal foi mais favorável com os verbos inergativos em relação a esse tipo de estrutura do que com verbos predicativos.

É ainda mais interessante observar os resultados apresentados na análise da frase (64). Veja-se que, no GRUPO 1, o número dos que a consideraram gramatical ou “normal” foi maior do que aqueles que a consideraram “errada”. Ademais, quando avaliamos a outra opção do par, percebe-se que o índice dos que a consideraram “errada” foi menor do que o total esperado, fatos que corroboram o argumento de que

“marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (Naro & Scherre, 2007, p. 177), confirmando o princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas.

No tocante às frases constituídas por verbos transitivos, foi observado, na faixa menos escolarizada, o elevado índice de aceitação de concordância apenas com o sujeito mais próximo, quando da análise de estrutura formada por “sujeito composto + verbo transitivo”. Esse índice é maior inclusive quando comparado a uma estrutura similar formada por verbo inergativo, por exemplo.

Assim, vê-se que “sujeito composto + verbo transitivo + sintagma preposicional argumento verbal”, ainda ressaltando que o sujeito estava adjacente ao verbo, não favoreceu o uso da concordância entre os menos escolarizados, fato que somente ocorreu na camada mais escolarizada, porém num índice menor em comparação a uma frase do tipo (50) “Pedro e Maria namoram há dois anos”, com verbo inergativo.

A concordância aqui foi menos estabelecida também quando da comparação entre esta estrutura (sujeito composto adjacente ao verbo) e estrutura com sujeito simples plural adjacente a verbo inacusativo. Acerca disso, frise-se que, conforme Lucchesi (2015, p. 188), “os verbos transitivos se revelaram um fator bem próximo à neutralidade”.

Assim, nota-se, novamente, uma oscilação na aceitação da concordância de número SU-V, confirmando que o fenômeno aqui investigado é uma regra variável em PB, desde as faixas menos até as faixas mais escolarizadas, ainda que tenhamos a ordem canônica e o sujeito adjacente ao verbo, quer com sujeitos simples, quer compostos.

Lembre-se ainda que a tradição gramatical admite o verbo no singular referente a sujeito composto em algumas situações, entre as quais quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos, quando há uma enumeração gradativa ou quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, não estando nesse rol o sujeito avaliado nas frases (65) e (66).

4.2. Cruzamento dos resultados do grupo experimental conforme as variáveis sociológicas

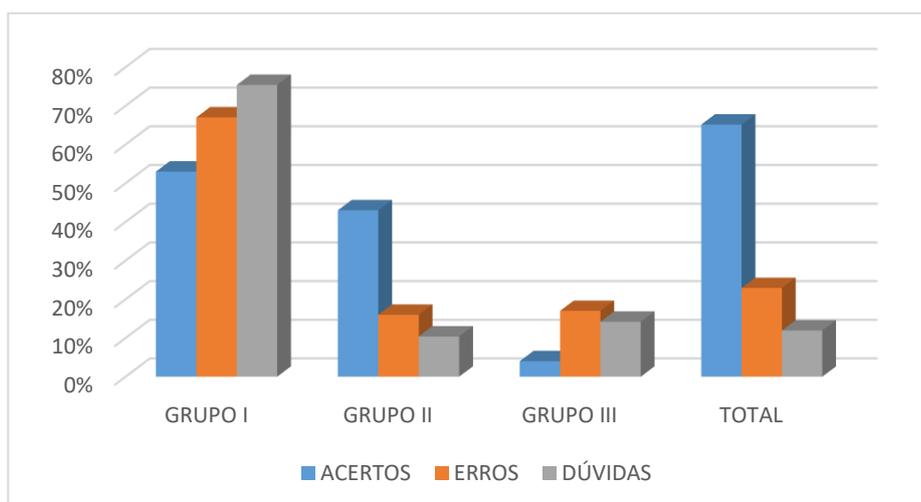
Conforme já mencionado e detalhadamente apresentado, 18 foram as frases avaliadas pelos participantes com o objetivo de avaliar a sua gramaticalidade no quesito concordância sujeito-verbo.

Em linhas gerais, o GRUPO EXPERIMENTAL, formado pelo conjunto dos GRUPOS 1, 2 e 3, apresentou 65,14% de respostas condizentes com as regras de concordância SU-V, 22,92% de desvios de concordância e 11,94% de dúvidas (aqui considerada a quantidade de frases as quais os participantes consideraram “estranhas”).

Quanto a esses subgrupos, selecionados conforme a faixa escolar, tivemos, para o GRUPO 1, 53% de respostas condizentes, 43% de desvios e apenas 4% de dúvidas. No GRUPO 2, por sua vez, o uso padrão da variante corresponde a 67% dos resultados, com desvios totalizando 16% e dúvidas equivalentes a 17%. Já no GRUPO 3, os totais foram, respectivamente, 75, 4%, 10,4% e 14,2% para uso padrão, desvio e dúvidas.

A distribuição desses resultados pode ser melhor visualizada no gráfico 2, ilustrado a seguir:

Gráfico 2 – Quantitativo percentual da relação entre as respostas dos participantes e o uso padrão da concordância SU-V



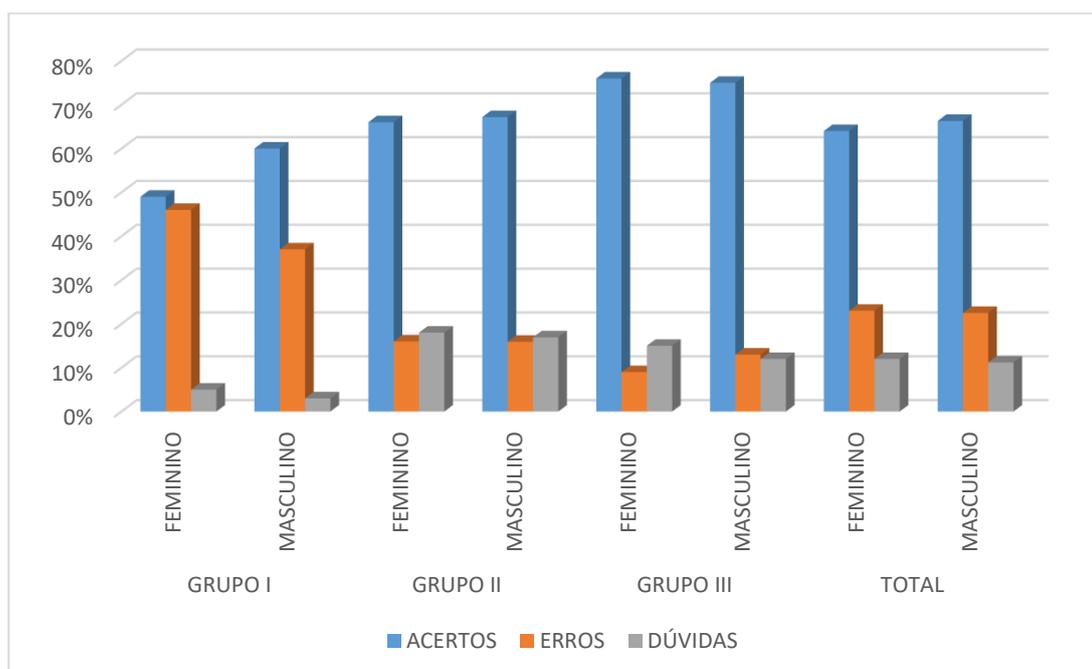
Fonte: Produzido pela autora

No cruzamento de dados relativos ao uso padrão do fenômeno investigado com o gênero dos inquiridos, as participantes do gênero feminino tiveram o seguinte desempenho: quanto ao uso da concordância, 49%, 66%, 76%, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, com um total de 64%. Quanto aos desvios de concordância, 46% no GRUPO 1, 16% no GRUPO 2, 9% no GRUPO 3, com total de 23%. Quanto às respostas em que o uso de concordância apresentado foi julgado “estranho”, tivemos 5%, 18% e 15% para os GRUPOS 1,2 e 3, respectivamente, e 12% no total.

Relativamente aos participantes do gênero masculino, os resultados obtidos foram: quanto ao uso da concordância, 60%, 67%, 17% e 75%, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, e 66,3% no total. Quanto aos desvios de concordância, 37% no GRUPO 1, 15,91% no GRUPO 2, 13% no GRUPO 3 e 22,5% no total. Quanto às respostas em que o uso de concordância apresentado foi julgado “estranho”, tivemos 3%, 16,92% e 12% para os GRUPOS 1, 2 e 3, respectivamente, e 11,2% no total.

A distribuição desses resultados pode ser melhor visualizada no gráfico 3, ilustrado a seguir:

Gráfico 3 – Quantitativo percentual da relação entre as respostas dos participantes versus gênero

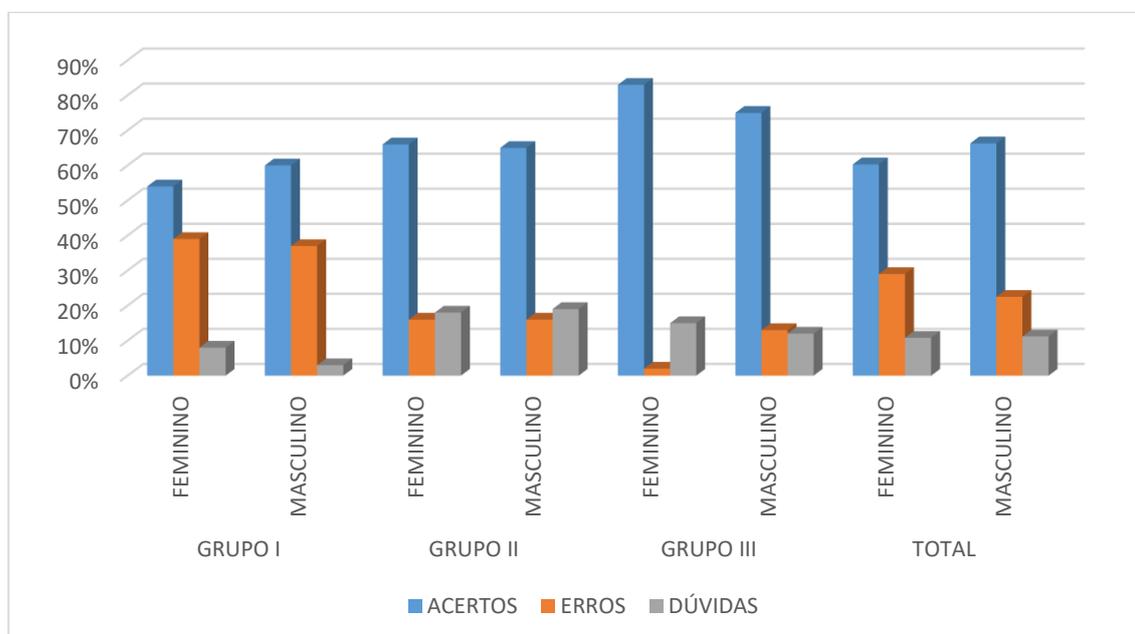


Fonte: Produzido pela autora

Entretanto, fez-se necessário um recorte do número de participantes quanto a esse critério. Dessa forma, tendo em vista que o número de homens e mulheres é diferente nos três grupos apresentados, foram escolhidos aleatoriamente inquéritos da amostra total a fim de igualar o número de inquéritos comparados em ambos.

Com isso, foram avaliados, para ambos os gêneros, 16 inquéritos do GRUPO 1, 18 do GRUPO 2, 10 do GRUPO 3, totalizando 44 tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. Os resultados dessa análise são apresentados objetivamente no gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 - Recorte do quantitativo percentual da relação entre as respostas dos participantes versus gênero



Fonte: Produzido pela autora

Dessa forma, foi observado que a quantidade de homens cujas escolhas foram condizentes com o padrão de concordância SU-V foi ligeiramente maior: 66,3% de acertos no grupo masculino e 60,3% no grupo feminino. Conseqüentemente, mais mulheres não estabeleceram a concordância: 28,9% no grupo feminino e 22,5% no grupo masculino. Quanto às dúvidas apresentadas, o percentual foi maior no grupo masculino, 11,2%, enquanto no feminino esse valor foi 10,8%.

Apesar disso, o único subgrupo no qual o gênero feminino apresentou um percentual menor do que o masculino quanto à quantidade de acertos foi o GRUPO 1: 54% no feminino e 60% no masculino. No GRUPO 2, foram 66% e 65% de acertos entre os participantes do gênero feminino e masculino, respectivamente, ou seja, praticamente o mesmo comportamento entre ambos. Já no GRUPO 3, maior diferença detectada, 83% de acertos entre as mulheres e 75% entre os homens.

Pelo exposto, vê-se que os dados observados nos dois grupos mais escolarizados convergem para o que já foi argumentado em diversos estudos, entre os quais podemos mencionar Callou (1980), Rodrigues (1987), Labov (1990) e Romaine (2000), unânimes em afirmar que as mulheres são mais receptivas às formas reconhecidas como padrão em fenômenos variáveis.

Entretanto, análises que demonstram resultados divergentes a essa ideia, como o GRUPO 1 aqui analisado, devem ser interpretadas considerando-se outros fatores, como, por exemplo, o acesso de cada gênero ao mercado de trabalho e a divisão sociocultural do trabalho entre homens e mulheres numa dada comunidade. Quanto a isso, é importante lembrar que, no GRUPO 1, 17,5% das mulheres não estavam inseridas no mercado de trabalho e tinham como atividade principal as tarefas domésticas.

Relativamente ao cruzamento do perfil cidade de trabalho com o uso da concordância SU-V, esta pesquisa considerou duas subdivisões: de um lado, os participantes que trabalham em Valparaíso ou outras cidades próximas e, de outro, aqueles que trabalham em Brasília. Do resultado total, apresentado pelos participantes que trabalham em Valparaíso e região, 67,4% das frases avaliadas foram devidamente respondidas conforme o padrão no quesito concordância SU-V, 21,42% foram julgadas equivocadamente e 11,18% foram consideradas “estranhas”. Quanto aos que trabalham em Brasília, esses mesmos dados correspondem, respectivamente, a 61,24%, 25,51% e 13,26%.

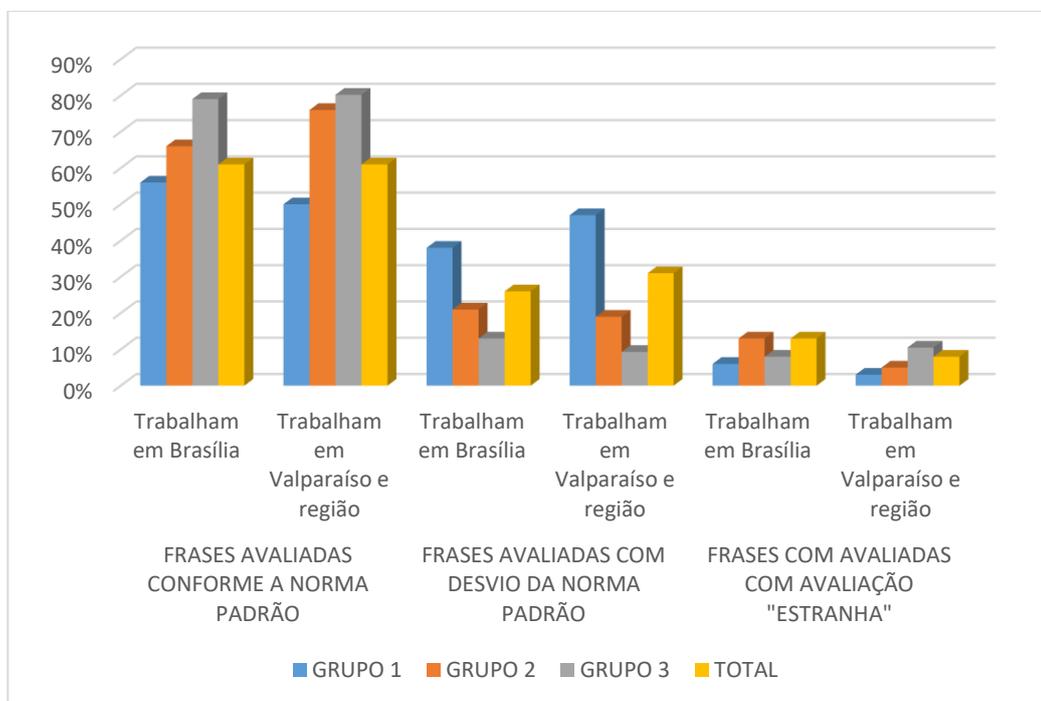
Avaliando esses números quanto ao total de participantes subdivididos nos GRUPOS 1, 2 e 3, tem-se que, quanto aos que trabalham em Brasília, o GRUPO 1 apresentou 56%, 38% e 6% de acertos, erros e dúvidas, respectivamente. O GRUPO 2:

57%, 18% e 25%. O GRUPO 3, por sua vez, 72%, 15% e 14%. Já em relação aos que trabalham no Valparaíso ou regiões próximas, os quantitativos foram, quanto a acertos, erros e dúvidas, respectivamente: 50%, 47% e 3% no GRUPO 1; 70,8%, 14,9% e 14,3% no GRUPO 2; e 77%, 8% e 14% no GRUPO 3.

Novamente fazendo um recorte do número de participantes quanto a esse critério, tendo em vista que o número dos que não trabalham em Brasília é menor nos três subgrupos apresentados, foram escolhidos aleatoriamente inquéritos de participantes que trabalham em Valparaíso e região a fim de igualar o número de inquéritos comparados em ambos.

Com isso, foram avaliados 38 inquéritos do GRUPO 1, 24 do GRUPO 2, 26 do GRUPO 3, totalizando 88, considerando-se que, em cada um, metade é referente ao grupo dos que trabalham em Brasília e metade aos que trabalham em Valparaíso e região. Os resultados dessa análise são apresentados objetivamente no gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5 - Quantidade, em percentual, do recorte do cruzamento dos dados local de trabalho versus uso da concordância



Fonte: Produzido pela autora

Da análise desses dados, é importante frisar que havia uma expectativa de que os participantes que trabalham em Brasília realizariam mais a concordância SU-V em razão da pressão e influência social realizadas na capital em comparação à realidade no município de Valparaíso. Essa hipótese, no entanto, foi confirmada apenas entre os falantes do grupo menos escolarizado, o que pode nos confirmar o quanto a perda das características rurais da cidade pesquisada, a qual vem constantemente deixando de lado seu *status* de cidade-dormitório, influencia diretamente o comportamento linguístico de seus habitantes em torno da busca quanto ao uso da norma de prestígio.

Pelo exposto, em linhas gerais, e conforme já esperado, há uma variação quanto ao uso das regras de concordância SU-V, variação essa que se demonstra maior na faixa menos escolarizada e mais velha e que melhora na mesma proporção em que aumentam os anos de estudo. Ainda assim, podemos dizer que, para o grupo mais escolarizado, o índice geral ainda é considerado baixo, pois tivemos apenas 75% de uso padrão da variante.

Quanto à atuação da variável gênero, também foi confirmado o trabalho apresentado em Scherre (1996), segundo o qual os anos de escolarização influenciam a que as mulheres utilizem mais as regras de concordância e reconheçam nela um fator de prestígio e ascensão social em comparação ao gênero masculino, para o qual interferem tanto a escolarização quanto o mercado ocupacional, fatos corroborados principalmente quando da análise do GRUPO I, único em que as mulheres utilizaram menos concordância do que os homens.

Chamou atenção o cruzamento do uso da variável concordância *versus* cidade de trabalho, pois uma das hipóteses era a de que os participantes cuja cidade de trabalho é a capital federal tenderiam a estabelecer a concordância SU-V numa proporção maior em comparação aos que trabalham na cidade onde a pesquisa foi realizada. Ao contrário, essa ideia foi confirmada apenas no grupo menos escolarizado, mantendo-se, no entanto, o mesmo percentual quando comparado o total dos que trabalham em Valparaíso com os que trabalham em Brasília. Logo, analisando apenas o quantitativo total, este não se demonstrou um fator preponderante.

Por fim, acerca dos fatores média de escolaridade dos pais e tempo de residência em Valparaíso, cabem ligeiramente alguns comentários. É importante mencionar que, dada a média de 6 anos de escolaridade dos pais, filhos cujos pais têm escolaridade até a média apresentaram 69% de acertos. Enquanto isso, filhos cujos pais têm acima de 6 anos de escolaridade apresentaram um patamar maior de concordância, correspondente a 76%.

Quanto ao segundo fator, considerando-se que a média do tempo de residência em Valparaíso é de 25 anos, aqueles que alegaram morar na cidade até essa média apresentaram 72,5% de concordância e, quanto aos que moram no município há mais de 25 anos, o percentual de concordância foi menor: 70.5%.

Dados esses valores, vê-se que a escolaridade dos pais influencia no uso da concordância de forma direta, fato que será novamente avaliado quando da análise do GRUPO DE CONTROLE, ao passo que o tempo de residência em Valparaíso se mostrou apenas um pouco desfavorável.

4.3. Resultados do grupo de controle

O primeiro e mais importante dado observado na avaliação dos inquéritos do GRUPO DE CONTROLE refere-se ao fato de que nenhuma das frases avaliadas foi respondida com inobservância às regras de concordância SU-V, inobservância aqui entendida no sentido de que nenhuma frase em que a concordância foi de fato estabelecida foi julgada “errada” e, ainda, nenhuma frase com desvio de concordância foi julgada “correta”.

Em outras palavras, nenhum participante julgou “errada” uma frase correta ou “normal” uma frase errada. Houve, no máximo, a escolha da opção “estranha” para algumas construções, tendo em vista que, entre os 30 participantes, 18 escolheram essa opção para uma ou mais de uma frase proposta, conforme será apresentado a seguir.

4.3.1. Frases com verbos inergativos

Relembrando os dados apresentados no item 3.4, as estruturas sintáticas constituídas por “sujeito composto + verbo + modificador do SV”; “verbo + sujeito

simples plural + modificador do SN”; “sujeito simples plural + modificador do SN + verbo”; e “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV” foram constituídas com a classe dos verbos inergativos, de acordo com os seguintes pares:

(67) Pedro e Maria namora há dois anos.

(68) Pedro e Maria namoram há dois anos.

(69) Escreveram os meus amigos de Portugal.

(70) Os meus amigos de Portugal escreveu.

(71) Os cachorro late sem parar.

(72) Os cachorros latem sem parar.

Do total de 30 participantes do GRUPO DE CONTROLE, 27 julgaram “normal” a frase (67), enquanto 03 a consideraram “estranha”. Quanto à segunda opção do par, frase (68), 28 a consideraram “normal” e apenas 02 a julgaram “estranha”.

Para a estrutura “verbo + sujeito simples plural + modificador do SN”, foi proposta a frase (69), aqui repetida:

(69) Escreveram os meus amigos de Portugal.

Além da inversão da ordem canônica SU-V, o núcleo do sujeito, “amigos”, foi precedido de dois determinantes a fim de avaliarmos se o plural do artigo “os” e do determinante possessivo “meus” poderia influenciar no maior número de participantes que classificariam essa estrutura como “normal”.

Os resultados obtidos demonstram que esta foi a frase do inquérito mais avaliada como “estranha” pelos participantes do GRUPO DE CONTROLE: enquanto 22 a consideraram “normal”, 8 a julgaram “estranha”.

Ao invertermos a ordem da frase e retirarmos a desinência verbal de terceira pessoa do plural, estrutura da frase (70), todos os participantes a assinalaram como “errada”.

Isto quer dizer que, inclusive para o grupo de controle, a ordem V-SU, a chamada inversão livre do SU, foi considerada um fator de estranheza, o que vai ao encontro do

que dizem muitos linguistas brasileiros, segundo os quais a ordem V-SU está em perda no PB.

Representando a estrutura “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV”, tivemos as frases (71) e (72), a seguir repetidas:

(71) Os cachorro late sem parar.

(72) Os cachorros latem sem parar.

Todos os participantes do GRUPO DE CONTROLE avaliaram como “errada” a frase (71) e como “normal” a frase (72). Assim, pode-se afirmar que o princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas, defendido por autores como Naro e Scherre (1993), Vieira (1995), Monguilhot (2001 e 2009), Rúbio (2008) e Araújo (2014), expressa uma tendência nas faixas menos escolarizadas, conforme constatado no item 4.1.1, no qual observamos que 35% dos falantes com 4 anos de escolarização utilizam a estrutura de (71) como “normal”.

Pelo exposto, o resumo desses dados pode ser melhor observado na tabela 6:

Tabela 6 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos inergativos

	FRASES COM VERBOS INERGATIVOS		
	GRUPO DE CONTROLE		
	N	EST	ERR
Pedro e Maria namora há dois anos.	0%	10%	90%
Pedro e Maria namoram há dois anos.	93%	7%	0%
Escreveram os meus amigos de Portugal.	73%	27%	0%
Os meus amigos de Portugal escreveu.	0%	0%	100%
Os cachorro late sem parar.	0%	0%	100%
Os cachorros latem sem parar.	100%	0%	0%

Fonte: Produzida pela autora

Assim, vê-se que, também no GRUPO DE CONTROLE, a ordem SU-V é um importante contexto para a avaliação do fenômeno, pois influencia o uso da

concordância, ao passo que a ausência da marcação de plural em parte dos constituintes do sujeito se demonstrou irrelevante neste grupo.

Ademais, considerando-se os resultados obtidos da análise da frase (69) “Escreveram os meus amigos de Portugal”, observa-se que, apesar de estabelecida a concordância verbal com o SN sujeito “os meus amigos de Portugal”, a ordem V-SU é estranhada enquanto uma frase legítima no PB relativamente a esse tipo de estrutura, tendo em vista 100% dos participantes concluírem ser “errada” a frase (70) “Os meus amigos de Portugal escreveu”, ao passo que apenas 73% consideraram “normal” a frase (69) “Escreveram os meus amigos de Portugal”.

Destaque-se ainda que, tendo em vista tratar-se de frases com verbos inergativos, para estes, o tipo estrutural do sujeito teve bastante relevância, pois o sujeito simples plural adjacente ao verbo demonstrou-se uma regra categórica: 100% de concordância estabelecida, conforme observado nos resultados da interpretação realizada para as frases (71) “Os cachorro late sem parar” e (72) “Os cachorros latem sem parar”.

4.3.2. Frases com verbos inacusativos

A fim de avaliar o índice de concordância SU-V na estrutura “sujeito simples plural + verbo + modificador do SV”, os inquiridos avaliaram o seguinte par de frases, representado nas frases 3 e 4 do inquérito, aqui repetidas, respectivamente, nos exemplos (73) e (74):

(73) Os meninos chegou tarde.

(74) Os meninos chegaram tarde.

Novamente, foi observada uma regra categórica para a concordância SU-V no GRUPO DE CONTROLE, tendo em vista 100% dos participantes consideraram “errada” a frase (73) e “normal” a frase (74).

Relativamente à estrutura “verbo + sujeito simples plural (formado por numeral + N) + modificador do SV”, foram propostas as frases seguintes:

(75) Morreram vinte pessoas no acidente.

(76) Morreu vinte pessoas no acidente.

A opção (75), cujo verbo está flexionado na terceira pessoa do plural, foi avaliada como “normal” por 24 dos 30 participantes do GRUPO DE CONTROLE, dos quais 06 a julgaram “estranha”.

Quanto à segunda opção do par (76), 27 participantes a consideraram “errada” e 03 a assinalaram como “estranha”, o que significa dizer que a concordância SU-V é muito importante, apesar de a ordem ser V-SU, fato que não condiz muito com a proposta de Costa (2000), segundo a qual, no PE, na ordem V inacusativo + SN SU, o cumprimento da concordância é menos imperativo do que a ordem SN SU-V.

Além disso, com o objetivo de avaliar se a colocação do sujeito na posição canônica, ou pré-verbal, afetaria as escolhas quanto à gramaticalidade das duas frases acima discutidas, ambas foram reescritas, seguindo esta sequência: “sujeito simples plural formado por numeral + verbo + modificador do SV”, conforme se observa a seguir:

(77) Vinte pessoas morreram no acidente.

(78) Vinte pessoas morreu no acidente.

Com essa nova estrutura, 29 participantes avaliaram a frase (77) como “normal” e esse mesmo total avaliou a frase (78) como “errada”. Logo, ambas tiveram apenas 01 avaliação como “estranha”, o que significa dizer que, para o GRUPO DE CONTROLE, a ordem SN SU-V é fator determinante para a gramaticalidade das frases.

Realizada essa comparação, interessou ainda observar outra construção estabelecida com verbo inacusativo, para a qual foi selecionada a ordem “verbo + modificador do SV + sujeito simples plural”, representada nas frases (79) e (80):

(79) Ocorreu, na última semana, muitos acidentes.

(80) Ocorreram, na última semana, muitos acidentes.

Sobre esse par, é interessante observar que, enquanto para a frase (80) 29 participantes a consideraram “normal” e apenas 01 a assinalou como “estranha”, para a frase (79), 06 foram os que a consideraram “estranha”, enquanto 24 a assinalaram como “errada”, ou seja, a presença de um modificador verbal entre o verbo inacusativo

e o sujeito posposto causa um estranhamento acerca da gramaticalidade da frase, mas não ao ponto de que seja aceitável a não concordância do verbo, ao contrário do que foi observado no item 4.1.2 relativamente ao GRUPO EXPERIMENTAL. Para melhor visualização, veja-se a tabela 7, a seguir:

Tabela 7 - Resultados dos julgamentos de gramaticalidade das frases com verbos inacusativos

	FRASES COM VERBOS INACUSATIVOS		
	GRUPO DE CONTROLE		
	N	EST	ERR
Os meninos chegou tarde.	0%	0%	100%
Os meninos chegaram tarde.	100%	0%	0%
Morreram vinte pessoas no acidente.	73%	27%	0%
Morreu vinte pessoas no acidente.	0%	10%	90%
Vinte pessoas morreram no acidente.	97%	3%	0%
Vinte pessoas morreu no acidente.	0%	3%	97%
Ocorreu, na última semana, muitos acidentes.	0%	20%	80%
Ocorreram, na última semana, muitos acidentes.	97%	3%	0%

Fonte: Produzida pela autora

Dessa forma, tem-se que:

As estruturas SU-V cujos sujeitos são formados por “determinante + substantivo” favorecem o uso da concordância SU-V e, quando o sujeito é formado por “Q / numeral + substantivo”, a observância da concordância pode ser um fator de oscilação (a partir da análise das respostas dadas aos pares de frases (75) / (76) e (77) / (78).

A natureza de V inacusativo não parece ser um fator tão decisivo, como propõe Costa (2000), pois frases com esse tipo de verbo na ordem V-SU e sem concordância não receberam qualquer aceitação de “bem feita”.

Mais importante parece ser o fator adjacência entre o SN SU e o V, conforme podem confirmar os resultados apresentados para as frases (73) e (74) se comparadas com (79) e (80), mesmo quando a posição do sujeito é pós-verbal.

4.3.3. Frases com verbos predicativos

Conforme já avaliado no item 4.1.3, os verbos predicativos foram representados nas seguintes frases:

(81) As mensalidades estão cada vez mais altas.

(82) As mensalidade está cada vez mais alta.

Os participantes do GRUPO DE CONTROLE foram unânimes ao considerarem “normal” a frase (81) e “errada” a frase (82), razão pela qual mais uma vez podemos concluir acerca da relevância da adjacência do sujeito ao verbo enquanto fator que influencia o comportamento categórico da regra de concordância e, ainda, o fato de que é nas camadas menos escolarizadas que se observa o princípio de que marcas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas.

4.3.4. Frases com verbos transitivos

Para completar os tipos de construções avaliadas e a relação destas com a presença/ausência de concordância SU-V, foi também proposto aos inquiridos o julgamento gramatical do seguinte par de frases, constituído por verbo transitivo, considerando-se a seguinte ordem: “sujeito composto + verbo + sintagma preposicional argumental”.

(83) O gerente e o vendedor respondeu ao questionamento do cliente.

(84) O gerente e o vendedor responderam ao questionamento do cliente.

Quanto à frase (83), 29 participantes a julgaram “errada” e apenas 01 a considerou “estranha”. Na frase (84), por sua vez, houve unanimidade: 100% dos inquiridos a assinalaram como “normal”.

Dessa forma, diferentemente do GRUPO EXPERIMENTAL, a configuração “sujeito composto + verbo transitivo + sintagma preposicional argumental” demonstrou-se

irrelevante em termos de estrutura que pudesse desencadear a não aplicação da concordância. Recorde-se que não foi analisada aqui a ordem de palavras, uma vez que a chamada inversão livre do SU em frases transitivas é altamente restringida em Português.

4.3.5. Síntese

Considerando-se os resultados apresentados no GRUPO DE CONTROLE, podemos inferir algumas evidências acerca dos fatores linguísticos aqui avaliados.

Primeiramente, ao contrário dos resultados observados no GRUPO EXPERIMENTAL, tivemos, no GRUPO DE CONTROLE, o que podemos chamar de regra de uso categórico em algumas situações. É interessante observar que o critério da diferenciação quanto ao tipo de verbo não apresentou nenhuma relevância estatística, tendo em vista que o uso categórico foi registrado em todas as tipologias mencionadas: frases com verbos inacusativos, inergativos, predicativos e transitivos.

Os fatores marcantes, na verdade, foram a adjacência do sujeito em relação ao verbo somada à estrutura tipológica do SN sujeito, isso porque o uso categórico ocorreu somente com sujeitos formados por D + SN, tanto simples quanto composto, a saber: “os cachorros”, “os meninos”, “as mensalidades” e “o gerente e o vendedor”.

Quando, por sua vez, o sujeito composto pré-verbal não foi acompanhado do determinante, como na frase (68) “Pedro e Maria namoram há dois anos”, apesar de nenhum participante escolher a opção “errada” para essa estrutura, 7% a julgaram estranha, não se registrando, portanto, o uso categórico da regra. O mesmo pode ser dito para sujeito formado por numeral, o qual gerou estranhamento por parte de 3% dos participantes, desfavorecendo a concordância.

Apesar disso, o fator que menos favoreceu a concordância foi o posicionamento pós-verbal do sujeito, conforme observado nos resultados apresentados acerca das frases (69) “Escreveram os meus amigos de Portugal” e (75) “Morreram vinte pessoas no acidente”, as quais 27% dos participantes julgaram “estranhas”, confirmando, assim, o que foi dito por Naro (1981), o qual afirma que a concordância SU-V é quase categórica

entre os falantes escolarizados e que a maior variação ocorre quando o sujeito é posposto.

Por fim, nenhum participante correlacionou sujeito com marca zero de plural no núcleo com verbo igualmente sem marca, frases (71) “Os cachorro late sem parar” e (82) “As mensalidade está cada vez mais alta”, ou seja, essa é uma influência inerente às faixas menos escolarizadas do PB.

4.4. Cruzamento dos resultados do grupo de controle conforme as variáveis sociológicas

Entre os 30 participantes do GRUPO DE CONTROLE, é importante mencionar que 12, ou 40%, assinalaram todas as questões conforme os critérios de concordância estabelecidos pela norma-padrão da língua portuguesa. Entre esses, 8 são do gênero feminino e 4 do gênero masculino, com idade média de 39,4 anos, tendo 34 o mais novo e 61 o mais velho. Também cabe ressaltar que 50% moram em Brasília, em média há 30 anos, e 50% em Valparaíso, em média há 22,5 anos.

Outro dado que também chama atenção é a média de 16,8 anos de escolaridade, fator que se demonstrou relevante, conforme será confirmado a seguir. Quanto à média escolar dos pais, 12 anos é a média de escolaridade das mães e 13,3 a dos pais.

Os demais 18 participantes desse grupo, correspondentes a 60%, foram avaliados, considerando-se, de um lado, aqueles que assinalaram a opção “estranha” para uma ou duas frases do inquérito e, de outro, aqueles que assinalaram essa opção para 3 a 5 frases. Diante disso, temos, respectivamente, 14 e 4 participantes, o que significa dizer que 46,66% do total do GRUPO DE CONTROLE apresentaram até duas dúvidas, enquanto apenas 13,34% apresentaram 3 a 5 dúvidas.

Entre os que apresentaram até duas dúvidas, 06 são do gênero feminino e 08 são do gênero masculino, com idades entre 17 e 69 anos, com uma média de 37 anos. Apenas 02 residem em Brasília, em média há 26,5 anos, e os 12 demais em Valparaíso, em média há 23 anos. A maioria, porém, trabalha em Brasília, 11, enquanto apenas 03 trabalham no Valparaíso. Quanto à média de escolaridade, 15,4 anos é o valor

correspondente a esses participantes, enquanto a escolaridade dos pais e mães é, respectivamente, 11,28 e 11,98 anos.

Em relação aos que tiveram 03 a 05 dúvidas, apenas 04 participantes, 03 são do gênero masculino e apenas 01 do gênero feminino, com média de 24 anos de idade, tendo 19 anos o mais novo e 33 o mais velho. Desses, apenas 01 mora em Brasília, em média há 33 anos, e 03 em Valparaíso, em média há 15 anos. Também é importante citar que 03 trabalham em Brasília e 01 no Valparaíso e que a média de escolaridade entre eles é de 15 anos, igualmente à média de anos escolares de seus pais e mães.

Diante desses resultados, podemos sintetizar algumas conclusões. Primeiramente, ficou evidenciado que o fator escolaridade influenciou diretamente o uso da concordância, pois aqueles que não apresentaram dúvidas foram os participantes mais escolarizados do grupo, enquanto os que mais a apresentaram foram, por sua vez, os menos escolarizados. Seguindo esse mesmo padrão, os pais dos que estabeleceram 100% de concordância foram também os que mais estudaram.

Em segundo lugar, é importante observar que os participantes mais velhos foram os que tiveram melhor desempenho, o mesmo ocorrendo quanto aos participantes do gênero feminino. Esse último dado confirma a observação de que, “nos grandes centros urbanos, as mulheres lideram a mudança em direção à norma de prestígio” (Lucchesi, Baxter & Silva, 2009, p. 359).

Em terceiro lugar, o fator local de residência confirmou uma das hipóteses deste estudo, segundo a qual os moradores do Valparaíso apresentariam mais dúvidas, o que, por outro lado, não se confirmou no GRUPO EXPERIMENTAL. Do mesmo modo, foi observado que 100% dos que julgaram todas as frases segundo a norma-padrão trabalham em Brasília, dado que também confirma a hipótese da influência exercida pela capital federal, onde o contato com padrões linguísticos prestigiados é maior.

Em quarto lugar, foi confirmada a hipótese de que o comportamento linguístico dos falantes é ajustado à língua-padrão na mesma proporção das exigências estabelecidas pela profissão exercida, fato que também corresponde à expectativa criada. Assim, quanto maior é o prestígio social da atividade desempenhada, maior é o

estabelecimento da aplicação das regras de concordância, sendo quase categórico o estabelecimento da concordância SU-V nesses casos.

4.5. Entrevistas

Com o objetivo de ampliar a interpretação dos dados dos inquéritos aplicados, os participantes do GRUPO EXPERIMENTAL foram submetidos a uma entrevista orientada, de curta duração, com o tema “Lazer”. Seguindo as normas de ética, que devem pautar toda e qualquer pesquisa, a todos os inquiridos foi solicitada autorização para gravação da conversa, sendo concedidas 113 autorizações, entre as quais: 39 foram do GRUPO 1, 40 do GRUPO 2 e 34 do GRUPO 3.

O roteiro que serviu de suporte envolveu, em linhas gerais, quatro perguntas básicas:

- 1 – Você e sua família costumam ter momentos de lazer aos finais de semana?
- 2 – O que costumam fazer?
- 3 – Com qual frequência você costuma se encontrar com os amigos?
- 4 – Quais sugestões você daria para melhorar o lazer na cidade?

É importante destacar que, a depender do envolvimento do participante, em alguns momentos foi preciso ser mais interveniente, pois, ou por motivo de desinteresse do entrevistado ou até mesmo em razão de pressa, as respostas foram por vezes bastante curtas e pontuais, sem grande envolvimento entre entrevistadora-entrevistado (a). Por esse motivo e, ainda, em razão dos argumentos apresentados na introdução desta dissertação, o tempo de duração das entrevistas variou de pouco menos de 1 minuto a 7 minutos.

4.5.1. Metodologia

As entrevistas foram coletadas entre os meses de dezembro de 2019 e maio de 2020 e ocorreram, *in loco*, logo após cada participante responder ao inquérito, já detalhadamente apresentado no item 3.4. Apesar da utilização de um roteiro dirigido, as entrevistas seguiram um estilo informal de conversa, com o objetivo de propiciar um

contexto descontraído, e todos os informantes foram previamente orientados a utilizarem sua fala espontânea do dia a dia.

Para a gravação, foi utilizado um *smartphone* e, após a coleta, todos os áudios foram transcritos, optando-se pela manutenção gráfica das palavras de acordo com a forma com que estas foram pronunciadas pelos entrevistados.

Após a transcrição, foram apenas selecionadas as formas verbais de primeira e terceira pessoas do plural, tanto aquelas com a presença explícita da marca de concordância número-pessoa quanto aquelas em que a marca se demonstrou ausente, com vistas às análises quantitativa e qualitativa apresentadas a seguir.

Também é importante frisar que foram excluídos da análise: verbos cujos sujeitos foram a expressão “a gente”, tendo em vista a possibilidade de concordância semântica; os verbos “ter” e “vir”, em razão da homofonia parcial entre singular e plural (tem / têm, vem / vêm, e isto por receio de erro na transcrição); verbos no infinitivo cuja escolha entre infinitivo pessoal e infinitivo impessoal era facultativa; e verbos de sujeitos de expressões partitivas/quantitativas (do tipo “a maioria de” + nome plural), tendo em vista a dupla possibilidade de concordância que acontece tanto no PE quanto no PB.

Os valores quantitativos registrados e posteriormente analisados tiveram em conta: as formas verbais que manifestaram visivelmente a morfologia verbal de número na primeira e na terceira pessoas do plural e o número de formas verbais em que a morfologia explícita não foi verificada.

Em seguida, essas ocorrências foram selecionadas, inicialmente, com base nos quatro grupos de verbos já avaliados nos itens 4.1 e 4.3: inacusativos, inergativos, transitivos e predicativos. Em seguida, essa classificação foi cruzada com os seguintes fatores: posição do sujeito (ordem SU-V ou V-SU); marcação uniforme ou não uniforme da concordância no SN (Naro & Scherre, 1993), isto é, a presença do morfema de plural em todos os elementos do SN ou apenas no D / Q / numeral; a realização do sujeito (nulo ou explícito); e a distância SU-V, ou melhor, a adjacência ou não adjacência entre o SN sujeito e a forma verbal pela presença ou não de um modificador verbal.

Exemplos dessas entrevistas podem ser observados no anexo 2 e os resultados da análise aqui realizada podem ser observados no item 4.5.2.

4.5.2. Resultados

Da análise das 113 entrevistas que constituem o *corpus*, o sujeito plural foi contabilizado somente em 79 e o total de formas verbais relacionadas a esses sujeitos é de 239, considerando-se algumas repetições.

A distribuição desse total ocorreu da forma apresentada na tabela 8, a seguir, conforme os quatro grupos de verbos considerados:

Tabela 8 - Quantidade de formas verbais por subclasse, considerando a presença de concordância (+pl) e a ausência (-pl)

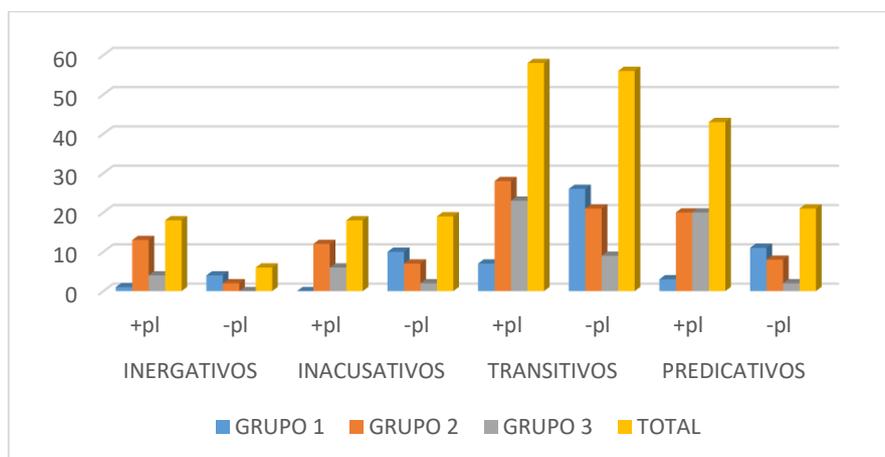
	INERGATIVOS		INACUSATIVOS		TRANSITIVOS		PREDICATIVOS	
	+pl	-pl	+pl	-pl	+pl	-pl	+pl	-pl
GRUPO 1	01	04	0	10	7	26	03	11
GRUPO 2	13	02	12	7	28	21	20	08
GRUPO 3	4	0	6	2	23	09	20	02
TOTAL	18	06	18	19	58	56	43	21

Fonte: Produzida pela autora

Tivemos 137 ocorrências de formas verbais com a devida desinência de plural, o que representa um total de 57,32%. Quanto às formas verbais que se mantiveram no singular, mesmo com um referente sujeito plural, o percentual de ocorrências apresentado é de 42,68%, ou 102/239.

A partir desses dados gerais, mencione-se que 47,69% de formas verbais detectadas são do tipo transitivas, o que representa um total de 114. Por outro lado, os verbos inergativos foram os menos utilizados, totalizando 24 ou 10,05%. Os verbos predicativos, por sua vez, representam 26,78% do total, com 64 ocorrências, e os inacusativos, por fim, representam 15,48%, com 37 ocorrências, conforme se observa no gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6 - Representação numérica da relação entre os tipos de verbos e o uso da concordância



Fonte: Produzido pela autora

4.5.2.1. Ocorrência de verbos inergativos

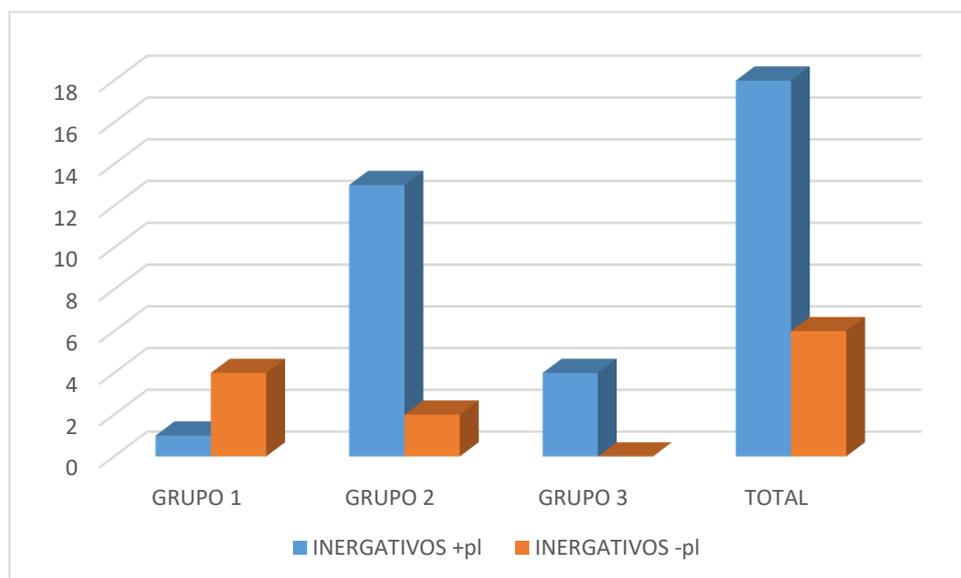
Conforme já informado, o total de entrevistas do *corpus* é 113, com 239 sujeitos plurais detectados em 79 delas, dos quais 24 são sujeitos de verbos inergativos, como *brincar, correr, namorar e pensar* (este usado intransitivamente ou com objeto nulo).

A maior ocorrência dessa tipologia verbal foi observada no GRUPO 2, com 15 casos. Sua menor frequência, por outro lado, foi no GRUPO 3, com apenas 04 ocorrências. No GRUPO 1, 05 foi a quantidade, somando-se, então, 24 no total.

Da avaliação do comportamento da concordância desses verbos nos grupos pesquisados, observa-se que, somente no GRUPO 3, houve 100% de concordância em relação aos seus respectivos sujeitos. No GRUPO 2, o que mais utilizou verbos inergativos, apenas 02 casos não apresentaram morfema de plural, enquanto 13 tiveram a desinência explícita. No GRUPO 1, por sua vez, ocorreu praticamente o inverso: enquanto apenas 1 verbo concordou com o sujeito, 04 não apresentaram a desinência de plural, dados que nos demonstram o papel fundamental do fator escolarização.

A proporção desses números pode ser melhor visualizada no gráfico 7, que representa os verbos inergativos detectados no *corpus*, considerando-se o quantitativo que apresentou concordância (+pl) e o total que não apresentou a desinência de plural (-pl):

Gráfico 7 - Total de verbos inergativos flexionados no plural (+pl) e não flexionados (-pl)



Fonte: Produzido pela autora

Como anunciado, vamos agora cruzar esse tipo de verbo com os demais fatores linguísticos, quais sejam: a presença de concordância plural com a posição do sujeito, item 4.5.2.1.1, com a forma da concordância no SN sujeito, item 4.5.2.1.2, a realização do sujeito, item 4.5.2.1.3, e, por fim, com a distância sujeito-verbo, item 4.5.2.1.4.

4.5.2.1.1. Relação da concordância verbal com a posição do sujeito

Com exceção de 01 caso no GRUPO 2, as ocorrências de verbos inergativos apresentaram o sujeito na posição canônica SU-V, conforme a frase (85), retirada da fala do entrevistado nº 24 do GRUPO 2, no qual a concordância SU-V foi devidamente estabelecida:

(85) Nós temos exemplos aí de praça infantil em Luziânia, que... ali no local onde elas *correm*. (24G2)

Relativamente às frases inergativas cujos verbos permaneceram na terceira pessoa do singular, não concordando com o sujeito plural, vejam-se as frases (86) e (87), retiradas da fala dos entrevistados nºs 01 e 25 do GRUPO 1:

(86) (Nós)...*dançamo*, tomamo um chopp. (01G1)

(87) Nós *passeia* um pouquinho na praça, (nós) dá uma voltinha. (25G1)

Vê-se, então, que a ordem SU-V realmente tem um grande peso em PB, mas, por outro lado, um fator linguístico como a posição adjacente do sujeito em relação ao verbo não é capaz de garantir o estabelecimento da marca visível de concordância verbal entre os falantes menos escolarizados. Acerca disso, frise-se que, no GRUPO 3, todas as formas verbais inergativas receberam a desinência de plural e, no GRUPO 1, todos os casos de desvio de concordância ocorreram em contextos com sujeito na posição pré-verbal.

4.5.2.1.2. Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito

Ao observarmos o comportamento da flexão verbal perante o uso das marcas de plural dos seus respectivos sujeitos, para o total de 24 ocorrências de formas verbais inergativas, todos os sujeitos receberam uniformemente as marcas de plural, tanto no seu núcleo quanto nos seus determinantes, a exemplo da fala do entrevistado nº 24 do GRUPO 2, na frase (88):

(88) Nós temos exemplos aí de praça infantil em Luziânia, que... onde as crianças *brincam*. (24G2)

No trecho observado, o morfema “s” está expresso tanto no núcleo do sujeito da forma verbal brincar, “crianças”, quanto no seu determinante, “as”. Logo, não foi possível observar aqui o argumento de que sujeito plural com marca zero de plural em alguns de seus constituintes influenciaria a marca zero também no verbo.

4.5.2.1.3. Relação da concordância com a realização do sujeito

Entre as 18 frases cujas formas verbais foram flexionadas no plural, 07 apresentaram sujeito explícito, todas no GRUPO 2.

Quanto às ocorrências de não concordância explícita SU-V, 04 realizaram explicitamente o sujeito, sendo 03 no GRUPO 1 e 01 no GRUPO 2, enquanto apenas 02 frases foram construídas com sujeitos nulos, 01 no GRUPO 1 e 01 no GRUPO 2, conforme se observa a seguir, em trechos retirados das falas dos entrevistados nºs 01 e 16 dos GRUPOS 1 e 2, respectivamente frases (89) e (90):

(89) Mas foi bom. (Nós) ...*dançamo*, tomamo um chopp. (01G1)

(90) Principalmente as pessoas ter medo de fazer as coisas, de investir...
de fazer as coisas... (as pessoas) só *pensa*... (16G2).

Embora os exemplos sejam escassos, vê-se que a presença / ausência do sujeito não é um elemento relevante para a manifestação do morfema de plural no verbo.

Por outro lado, parece confirmar-se que o PB oscila quanto à realização ou não de sujeito pronominal, podendo suprimi-lo se a forma do verbo for suficientemente identificadora do SN sujeito (dançamo) e se o SU puder ser identificado pelo contexto próximo.

4.5.2.1.4. Relação da concordância com a distância sujeito-verbo

Os critérios para avaliação desse fator consideraram três diferentes configurações: SN sujeito diretamente adjacente ao verbo, SN sujeito separado do verbo por apenas um sintagma (em geral um adjunto ou modificador verbal) e SN sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas (em geral modificadores verbais), eventualmente uma oração.

Para a primeira configuração, SN sujeito diretamente ligado ao verbo, 14 foram as ocorrências de concordância explícita SU-V, das quais 01 no GRUPO 1, 09 no GRUPO 2 e 04 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que permaneceram na terceira pessoa do singular, 02 foram as ocorrências no GRUPO 1 e 01 no GRUPO 2.

Quanto à configuração “SN sujeito + um sintagma + verbo”, foram contabilizadas apenas 04 ocorrências de formas verbais que receberam a desinência de plural, todas no GRUPO 2. Quanto àquelas que não receberam essa flexão, 03 foram as ocorrências, sendo 02 no GRUPO 1 e 01 no GRUPO 2.

A última configuração, sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas (que não complementos ou modificadores nominais), foi ainda menos recorrente, com apenas 02 casos em que o verbo concordou com o sujeito plural, ambos no GRUPO 2. Quanto aos verbos que permaneceram na terceira pessoa do singular, nenhuma ocorrência foi detectada.

Para ilustrar, são mencionados os seguintes exemplos, retirados das entrevistas nº 24 do GRUPO 1 (primeira configuração) e nº 08 do GRUPO 2 (segunda configuração), respectivamente (91) e (92):

(91) *Nois vive* morto é só na bola mermo. É a semana todinha jogando bola. (24G1)

(92) algumas namoram, *outras* também *namoram*. (08G2)

4.5.2.1.5. Síntese

A partir da observação dos dados apresentados, pode-se concluir que, para a classe de verbos inergativos, tivemos quase uma unanimidade dos falantes pela ordem SU-V, mostrando a importância desta ordem no PB, e que a maior concentração de frases cujos verbos não receberam a desinência de plural se manteve no GRUPO 1, com 04 casos, apenas 02 no GRUPO 2 e nenhum no GRUPO 3.

No tocante à forma da concordância de número no SN sujeito, não foi possível, para essa classe verbal, estabelecer comparações, tendo em vista que tanto formas verbais que foram flexionadas na primeira ou terceira pessoas do plural quanto aquelas que se mantiveram na terceira pessoa do singular apresentaram sujeitos com todos os seus constituintes marcados uniformemente quanto ao morfema de plural.

Relativamente à realização do sujeito, o número de verbos que não foram flexionados na terceira pessoa do plural que apresentou sujeitos realizados foi próximo aos que apresentaram sujeitos nulos: 04 e 02, respectivamente. Logo, não se pode afirmar que é esperada a ausência de concordância verbal no contexto de orações com sujeitos nulos, inclusive porque, na maioria das orações nas quais os verbos concordaram com o sujeito plural, este foi nulo: 13 ocorrências.

Por fim, da análise da distância SU-V, observou-se que, para cada 07 construções nas quais o SN sujeito estava distanciado do verbo por um sintagma, 03, ou 42,85%, não apresentaram concordância explícita, confirmando a ideia já referida, quando da análise dos inquiridos, de que a distância entre SN SU e V, pela existência da presença de modificadores verbais, tem alguma influência na forma da concordância verbal.

4.5.2.2. Ocorrência de verbos inacusativos

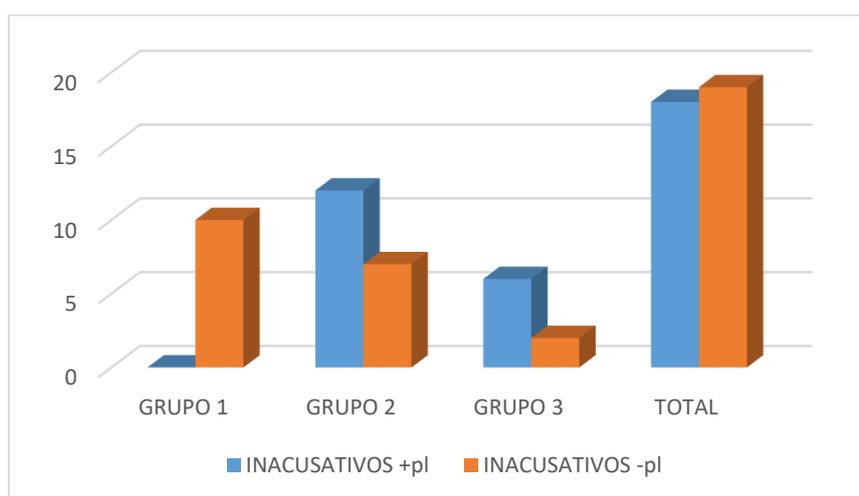
Entre as formas verbais com sujeito referente plural detectadas no *corpus*, 37 são da classe de verbos inacusativos, entre as quais 18 apresentaram o morfema de plural e 19 foram utilizadas no singular.

A maior ocorrência dessa classificação verbal foi observada no GRUPO 2, no qual formas verbais do tipo *chegar, faltar, morrer, sair* e *vir* foram mencionadas 19 vezes. Sua menor ocorrência, por outro lado, foi no GRUPO 3, com 08 casos. No GRUPO 1, 10 foi a quantidade total.

Da avaliação do comportamento da concordância nesses verbos nos grupos pesquisados, chama a atenção o fato de que, no GRUPO 1, nenhuma das 10 ocorrências apresentou o morfema verbal de plural. Enquanto isso, no GRUPO 2, entre os 19 casos, 12 foram flexionados no plural e, no GRUPO 3, apenas 02 das 08 ocorrências permaneceram no singular.

O gráfico 8 ilustra objetivamente essa proporção, que considera o quantitativo que apresentou concordância (+pl) e o total que não foi flexionado na terceira pessoa do plural (-pl):

Gráfico 8 - Total de verbos inacusativos flexionados no plural (+pl) e não flexionados (-pl)



Fonte: Produzido pela autora

Sejam, agora, observados os resultados do cruzamento com os fatores linguísticos nos itens 4.5.2.2.1 a 4.5.2.2.4.

4.5.2.2.1. Relação da concordância com a posição do sujeito

Todas as ocorrências de formais verbais inacusativas que apresentaram o morfema plural ocorreram na ordem SU-V. A título de exemplo, pode ser observado o excerto transcrito a seguir (93), retirado da fala do entrevistado nº 01 do GRUPO 3, no qual a concordância SU-V foi devidamente estabelecida:

(93) Nós *saímos* pra lancha, pra clube, pra... sei lá... com os amigos, com a família. (01G3)

Relativamente às orações inacusativas cujos verbos permaneceram na terceira pessoa do singular, não concordando com o sujeito plural, 19 foram as ocorrências, entre as quais apenas duas ocorreram na ordem V-SU: 01 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3.

Quanto às demais, ou seja, na ordem SU-V, foram detectadas 10 ocorrências no GRUPO 1, 06 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3.

Vejam-se as frases (94) e (95), retiradas da fala dos entrevistados nºs 24 do GRUPO 1 e 10 do GRUPO 3:

(94) *Nois chega* do serviço, Celefa sintético direto. (24G1)

(95) falta opção, *falta* também *coisas* pra crianças, parques. (10G3)

Quer dizer, embora a ordem SU-V pareça favorecer a concordância, a ordem V-SU não leva necessariamente à não concordância, embora essa ocorra por vezes.

4.5.2.2.2. Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito

Ao observarmos o comportamento da flexão verbal perante o uso das marcas de plural dos seus respectivos sujeitos, para o total de 37 ocorrências de formas verbais inacusativas, todas as que foram flexionadas no plural, 18, apresentaram sujeitos com o morfema plural em todos os seus constituintes, confirmando-se, então, a predição de que um SN como “as crianças” atuará como um fator mais favorecedor da aplicação da concordância verbal do que um SN como “as criança” (Lucchesi et al., 2009).

Entre essas ocorrências, 12 estão localizadas no GRUPO 2 e 06 no GRUPO 3, a exemplo das frases (96) e (97), retiradas das entrevistas nºs 29 e 09 dos GRUPOS 2 e 3, respectivamente:

(96) Os meus amigos, eles *vão* pra rocar. (29G2)

(97) Todos os meus amigos são diferentes de mim. Porque *eles saem*...
(09G3)

Ressalte-se que o sujeito “eles”, na entrevista 09G3, retoma o sujeito do verbo “são” da oração anterior: “Todos os meus amigos”.

Já em relação às 19 formas verbais que exibiram concordância no singular, os sujeitos referentes constituíram-se da seguinte forma: no GRUPO 1, 08 sujeitos tiveram as marcas de plural em todos os seus sintagmas, enquanto 02 tiveram a marca explícita apenas no D e no modificador; no GRUPO 2, 07 sujeitos apresentados, apenas 02 não receberam o morfema em todos os constituintes; no GRUPO 3, as duas ocorrências foram com os sintagmas devidamente marcados.

A título de exemplo, seja observada a frase (98), retirada da fala do entrevistado nº 28 do GRUPO 2, em que o sujeito do verbo melhorar, “as coisa”, recebeu o morfema de plural apenas no determinante “as”:

(98) cada um fazendo um pouquinho as coisa *melhora*. (28G2)

Frise-se, mais uma vez, que esse fenômeno é frequente na camada menos escolarizada, não havendo nenhuma ocorrência desse tipo de sujeito no grupo mais escolarizado. Ademais, nenhum sujeito com marca zero de plural em algum de seus constituintes teve o verbo correspondente flexionado no plural, ou seja, a ausência de morfema plural nos constituintes do SN sujeito não favorece a concordância verbal (Naro & Scherre, 1993).

4.5.2.2.3. Relação da concordância com a realização do sujeito

Da observação entre a quantidade de sujeitos realizados explicitamente e de sujeitos nulos, podemos dizer que houve um equilíbrio na distribuição entre os que tiveram a forma verbal flexionada no plural. Isso porque, entre as formas verbais

flexionadas, 09 tiveram o sujeito realizado e 09 são relativas a sujeitos nulos. Quanto àquelas que não foram flexionadas no plural, 12 apresentaram sujeito expresso e 07 são relativas a sujeito nulo.

Entre os grupos, a distribuição ocorreu da seguinte forma: entre as formas verbais flexionadas no plural com sujeito realizado, 05 foram detectadas no GRUPO 2 e 04 no GRUPO 3. Quanto aos sujeitos nulos, 07 fazem parte do GRUPO 2 e 02 do GRUPO 3. Já em relação aos verbos que tiveram marca zero de plural, tivemos 05, 05 e 02, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, com sujeitos realizados, e 05, 02 e 0 nos GRUPOS 1, 2 e 3, respectivamente, com sujeito nulo.

Exemplos dessas estruturas detectadas no *corpus* podem ser observados nos trechos a seguir, frases (99) e (100), transcritas das entrevistas nº 5 do GRUPO 1 e nº 1 do GRUPO 2:

(99) Aí elas *morre*, morre de achar graça. (05G1)

(100) Geralmente nós se encontrava em casa, né? Fazia festa em casa, almoço, uma janta, um churrasquinho. (Nós) *saía* também como eu já falei pro shopping, esses lugarzinho assim: parquinho, praia. (01G2)

Pelo exposto, vê-se que, na faixa menos escolarizada, a realização ou não realização do sujeito não influenciou a ocorrência ou não da flexão verbal de plural, mas foi capaz de influenciar os resultados nos GRUPOS 2 e 3, tendo em vista que a maior ausência de concordância SU-V ocorreu nas frases com sujeitos realizados. Isso confirma a hipótese de Lucchesi, para quem “o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo de concordância verbal” (2015, p. 185).

4.5.2.2.4. Relação da concordância com a distância sujeito-verbo

Considerando-se as três diferentes configurações já mencionadas: sujeito diretamente adjacente ao verbo, SN sujeito separado do verbo por apenas um sintagma (em geral um adjunto ou modificador verbal) e SN sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas, eventualmente uma oração, observou-se novamente uma

preferência pelo uso do verbo diretamente ligado ao sujeito (27 ocorrências, entre o total de 37).

Para a primeira configuração, sujeito diretamente ligado ao verbo, 15 foram as ocorrências em que as formas verbais receberam a flexão de plural, das quais 10 no GRUPO 2 e 05 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que permaneceram no singular apesar do sujeito referente plural, 08 foram no GRUPO 1 e 04 no GRUPO 2.

Quanto à configuração “SN sujeito + um sintagma + verbo”, foram contabilizadas apenas 03 ocorrências de formas verbais que receberam a desinência de plural, sendo 02 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que não receberam essa flexão, 01 ocorreu no GRUPO 1, 03 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3.

A última configuração, SN sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas, foi ainda menos recorrente, com apenas 02 casos em que o verbo não concordou com o sujeito plural, sendo 01 no GRUPO 1 e 01 no GRUPO 3. Entre os verbos que concordaram com os respectivos sujeitos, nenhuma foi a ocorrência.

Sejam mencionadas as frases (101) e (102), retiradas das entrevistas nº 25 do GRUPO 2 (segunda configuração, com um advérbio de negação entre o SN sujeito e o verbo) e 11 do GRUPO 3 (terceira configuração, com locução modificadora temporal entre o SN sujeito e o verbo), respectivamente:

(101) eu acho que eles num *sai* assim também não. (25G2)

(102) Aí eu e o Anderson quase todo final de semana *vai* pra lá com os meninos. (11G3)

A partir desses dados, podemos observar que, nas frases constituídas por verbos inacusativos, a adjacência do sujeito em relação ao verbo contribuiu para a maior ocorrência de concordância SU-V, mas garantiu uma regra categórica apenas na faixa mais escolarizada. Por outro lado, a presença de constituintes intervenientes entre SU-V, considerando-se entre ambos dois ou mais sintagmas, inibiu a aplicação da regra de concordância verbal, inclusive entre os participantes mais escolarizados, confirmando

as análises acerca do tema, segundo as quais a falta de concordância é mais saliente quando o sujeito plural é separado do verbo por elementos intervenientes.

4.5.2.2.5. Síntese

A partir da observação dos dados apresentados, pode-se concluir que, relativamente à ordem dos constituintes, nas frases com verbos inacusativos, houve uma preferência da grande maioria dos participantes pela ordem SU-V, como já esperado, e que, apesar de terem sido poucas as ocorrências com a ordem V-SU, apenas 02, nestas os verbos não concordaram com os respectivos sujeitos.

Quanto ao fator atinente à concordância de número no SN sujeito, foi detectado que todos os 18 verbos que receberam o morfema de plural apresentaram sujeitos nos quais todos os constituintes também estavam devidamente marcados com o morfema “s” (em concordância uniforme no SN). Já entre os verbos que se mantiveram no singular, o mesmo não ocorreu, tendo em vista uma oscilação entre sujeitos com todos os constituintes marcados e sujeitos com o morfema de plural apenas nos respectivos determinantes.

No que diz respeito à realização do sujeito, pode-se afirmar que esse fator se demonstrou irrelevante na faixa menos escolarizada, porém relevante nos dois grupos mais escolarizados, com maior ausência de concordância SU-V nas frases com sujeitos realizados, confirmando o argumento de que “o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo de concordância verbal” (Lucchesi, 2015, p. 185).

Por fim, da análise da distância SU-V, observou-se novamente uma preferência pela adjacência entre ambos e que, para as únicas duas orações nas quais sujeito e verbo se apresentaram separados por dois ou mais sintagmas, a concordância SU-V não foi estabelecida, sendo também maior a proporção da ausência de concordância nos casos em que sujeito e verbo foram separados por apenas um sintagma em comparação aos casos de adjacência SU-V. Assim, quanto maior a distância SU-V, menores são as chances de ocorrer a concordância verbal.

4.5.2.3. Ocorrência de verbos transitivos

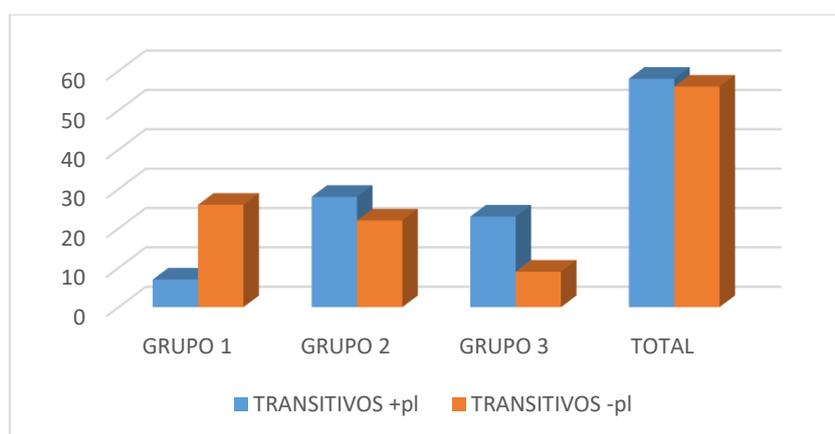
A classe de verbos transitivos foi detectada 114 vezes no *corpus*, entre os quais 58 apresentaram o morfema de plural e 56 foram utilizados no singular, mesmo com sujeito referente plural, ou seja, praticamente a mesma proporção quanto ao quesito presença *versus* ausência de concordância.

A maior ocorrência dessa classificação verbal foi observada no GRUPO 2, no qual verbos do tipo *começar, deixar, fazer, gostar* e *ter* foram mencionados 49 vezes. Quanto aos GRUPOS 1 e 3, o número foi basicamente o mesmo, 33 e 32, respectivamente.

Da avaliação do comportamento da concordância nesses verbos nos grupos pesquisados, chama a atenção o fato de que, no GRUPO 1, das 33 ocorrências, apenas 07 apresentaram o morfema verbal de plural. No GRUPO 2, entre os 49 casos, 28 foram flexionados no plural e, no GRUPO 3, 09 das 32 ocorrências permaneceram no singular. Assim, a escolaridade é novamente um fator importante para a produção da concordância SU-V.

O gráfico 9 ilustra objetivamente essa proporção, ao considerar o quantitativo que apresentou concordância (+pl) e o total que não foi flexionado na primeira ou terceira pessoas do plural (-pl):

Gráfico 9 - Total de verbos transitivos flexionados no plural (+pl) e não flexionados (-pl)



Fonte: Produzido pela autora

Nos itens 4.5.2.3.1 a 4.5.2.3.4, serão apresentados os resultados quanto à relação entre esse tipo de verbo e a concordância com a posição do sujeito, com a forma

da concordância no SN sujeito, com sua realização (sujeito explícito ou nulo) e com a distância sujeito-verbo.

4.5.2.3.1. Relação da concordância com a posição do sujeito

A ordem SU-V foi a única configuração entre as frases com verbos transitivos no *corpus*. Exemplificando uma das ocorrências em que o verbo apresentou o morfema plural de terceira pessoa, observe-se o excerto transcrito a seguir (103), retirado da fala do entrevistado nº 24 do GRUPO 2, no qual a concordância SU-V foi devidamente estabelecida:

(103) irmãos e primos *gostam* mais de sair também. (24G2)

Relativamente às frases transitivas cujas formas verbais permaneceram no singular, não concordando com o sujeito plural, 56 foram as ocorrências, entre as quais mencionamos o trecho a seguir (104), retirado da fala do entrevistado nº 24 do GRUPO 1:

(104) Só essas coisa mesmo que nós *fazia*. (24G1)

Logo, não podemos atribuir ao fator linguístico “ordem do sujeito em relação ao verbo” o alto índice de marca zero de plural na forma verbal relativa a frases transitivas, mas, sim, avaliar os resultados tendo em vista o comportamento dos demais fatores.

4.5.2.3.2. Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito

Ao observarmos o comportamento da flexão verbal perante o uso das marcas de plural dos seus respectivos sujeitos, para o total de 114 ocorrências de formas verbais transitivas, somente duas das 58 que foram flexionadas no plural não apresentaram sujeitos com o morfema plural em todos os seus constituintes, ambas no GRUPO 1. A título de exemplo, mencione-se a frase (105), da entrevista 28G1, em que apenas o determinante “os” recebe o morfema “s”:

(105) os cara *começaram* a discutir. (28G1)

Ressalte-se que, acerca do exemplo apontado acima, para Lucchesi et al. (2009), é mais provável que seja aplicada a regra de concordância verbal sem a aplicação da regra de concordância nominal no núcleo do sujeito do que o contrário, pois, no PB, é

maior a variação na concordância nominal em comparação à variação na concordância verbal.

Já em relação aos 56 verbos que permaneceram no singular, os SNs sujeitos referentes constituíram-se plurais da seguinte forma: no GRUPO 1, todos os constituintes de 24 SNs sujeitos receberam o morfema de plural, enquanto 02 receberam a marca apenas no determinante; no GRUPO 2, 21 SNs sujeitos apresentados, apenas 02 não receberam o morfema em todos os constituintes; no GRUPO 3, em todas as 09 ocorrências, os constituintes do SN sujeito foram devidamente marcados com marcas de plural.

A título de exemplo, seja observada a frase a seguir, retirada da fala do entrevistado nº 28 do GRUPO 2, em que o SN sujeito do verbo *jogar*, “os próprio morador”, recebeu o morfema de plural apenas no seu determinante: “os”:

(106) *mas os próprio morador joga esgoto, joga água na rua.* (28G2)

Note-se, mais uma vez, que a ausência do morfema plural em todos os constituintes do SN sujeito é intrínseca aos falantes menos escolarizados, constituindo, nesses casos, a ausência de concordância verbal uma “repetição meramente mecânica” (Scherre, 1998, p. 49).

4.5.2.3.3. Relação da concordância com a realização do sujeito

Da observação entre a quantidade de sujeitos realizados explicitamente e de sujeitos nulos, foi observado um equilíbrio na distribuição dessas duas formas entre as frases cujos verbos foram flexionados no plural: 29 apresentaram sujeito explícito e 29 foram construídas com sujeito nulo. Já quanto às frases cujos verbos permaneceram no singular, a preferência foi por sujeitos realizados, que totalizaram 34, enquanto 22 ocorreram com sujeito nulo.

Em todos os grupos, ambos os tipos de sujeitos foram detectados, considerando-se a seguinte distribuição: entre os verbos flexionados no plural com sujeito realizado, 03 foram detectados no GRUPO 1, 13 no GRUPO 2 e 13 no GRUPO 3. Quanto aos sujeitos nulos, 04 fazem parte do GRUPO 1, 15 do GRUPO 2 e 10 do GRUPO 3. Já em relação aos

verbos que receberam morfema zero de plural, tivemos 17, 13 e 04, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, com sujeitos realizados, e 09, 08 e 05 nos GRUPOS 1, 2 e 3, respectivamente, com sujeito nulo.

Exemplos dessas estruturas detectadas no *corpus* podem ser observados nas frases a seguir, transcritas das entrevistas nº 2 do GRUPO 2 e nº 38 do GRUPO 1, ambas com sujeito nulo:

(107) (Nós) não *confiamos* muito na segurança pública. (02G2)

(108) “(Nós) *jogamo* vôlei, (nós) *jogamo* futebol. (38G1)

Pelo exposto, com exceção do grupo com maior escolarização, que se manteve basicamente neutro em relação a esse fator, a realização do sujeito em frases com formas verbais transitivas influenciou a uma maior ocorrência da ausência de concordância SU-V.

4.5.2.3.4. Relação da concordância com a distância sujeito-verbo

Para a primeira configuração, sujeito diretamente ligado ao verbo, 47 foram as ocorrências em que os verbos receberam a flexão de plural, das quais 04 no GRUPO 1, 24 no GRUPO 02 e 19 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que permaneceram no singular, 19 foram no GRUPO 1, 17 no GRUPO 02 e 05 no GRUPO 3, totalizando 41.

Quanto à configuração “SN sujeito + um sintagma (modificador verbal) + verbo”, foram contabilizadas 10 ocorrências de verbos que receberam a desinência de plural, das quais 02 no GRUPO 1, 04 no GRUPO 02 e 04 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que não receberam essa flexão, 07 ocorreram no GRUPO 1, 04 no GRUPO 2 e 04 no GRUPO 3.

A última configuração, SN sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas, não foi verificada em frases transitivas.

Para exemplificar um desses casos, veja-se o trecho transcrito a seguir (109), retirado da entrevista 11G3, no qual o verbo “levar” não concorda com o sujeito composto “eu e Anderson”:

(109) às vezes quando é eu e Anderson assim *leva* os meninos pro clube também. (11G3)

É interessante notar que, nas frases formadas por esse tipo de forma verbal, nas duas faixas mais escolarizadas, a presença de um constituinte interveniente entre SU-V não foi capaz de influenciar a presença/ausência de concordância no SV. Ademais, a adjacência do sujeito em relação ao verbo não foi capaz de fazer predominar na faixa menos escolarizada a concordância SU-V, ocorrendo essa influência apenas nos demais grupos.

4.5.2.3.5. Síntese

A partir da observação dos dados apresentados, pode-se concluir que, para a classe de verbos transitivos, nossos dados demonstraram o uso exclusivo da ordem SU-V, razão pela qual não foi possível observar o comportamento da concordância na ordem V-SU.

Quanto ao fator relativo à concordância de número no SN sujeito, foi detectado que apenas 02 dos 58 formas verbais que receberam o morfema de plural apresentaram sujeitos nos quais somente os determinantes estavam marcados com o morfema “s”. Entre aquelas que se mantiveram no singular, essa mesma quantidade, 02, foi apresentada nos GRUPOS 1 e 2, ressaltando-se que, no GRUPO 3, todos os constituintes SNs do sujeito foram devidamente marcados. Logo, ao observarmos as formas verbais que receberam a flexão de plural, nota-se que a grande maioria dos SNs sujeitos também estavam devidamente pluralizados.

No que diz respeito à realização do sujeito, nas duas faixas menos escolarizadas, esse fator influenciou a uma maior ocorrência da ausência de concordância SU-V, não motivando, porém, os resultados apontados nas frases produzidas pelos falantes mais escolarizados.

Por fim, da análise da distância entre o sujeito e o verbo, observou-se novamente uma preferência pela adjacência entre ambos e, ainda, que a presença de um constituinte interveniente entre SU-V influenciou a uma maior ocorrência de não

concordância verbal apenas na faixa menos escolarizada. Nesta, ainda, a adjacência SU-V não foi suficiente para garantir a concordância na maioria dos casos.

4.5.2.4. Ocorrência de verbos predicativos

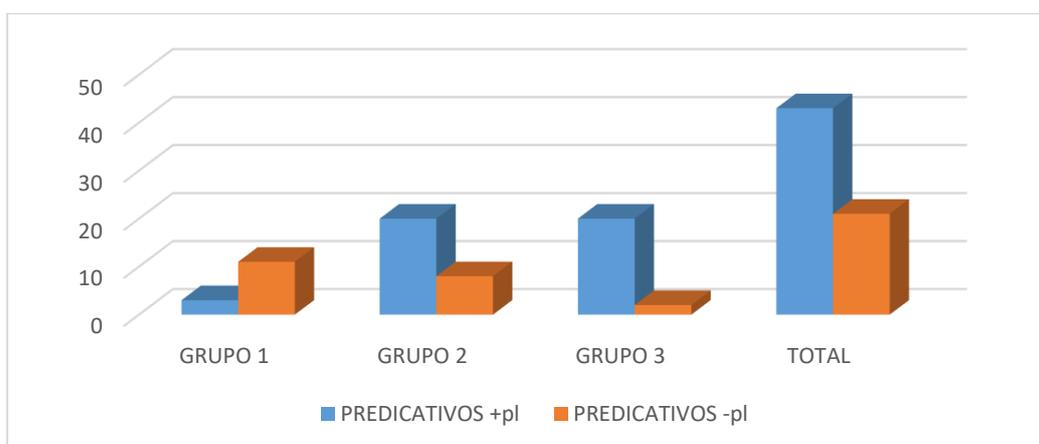
Em nosso *corpus*, foram detectadas 64 frases com formas verbais predicativas referentes a sujeitos plurais, entre as quais 43 flexionadas no plural e 21 no singular. Isso significa que 67,18% das formas verbais apresentaram a concordância SU-V, enquanto 38,82% não a apresentaram.

A maior ocorrência dessa classe verbal foi observada no GRUPO 2, no qual verbos do tipo *ser*, *estar*, *ficar* e *existir* foram utilizados 28 vezes. Quanto aos GRUPOS 1 e 3, o número foi, respectivamente, 14 e 22.

Da avaliação do comportamento da concordância nesses verbos nos grupos pesquisados, chama bastante atenção o fato de que, no GRUPO 1, das 14 ocorrências, apenas 03 apresentaram o morfema verbal de plural. No GRUPO 2, entre as 28 ocorrências, 20 foram flexionadas no plural e, no GRUPO 3, apenas 02 das 22 ocorrências permaneceram no singular. Logo, mais uma vez o fator extralinguístico escolaridade desempenhou um papel preponderante acerca do fenômeno aqui avaliado.

O gráfico 10 ilustra objetivamente essa proporção, que considera o quantitativo dos verbos os quais apresentaram concordância (+pl) e o total dos que não foram flexionados na terceira pessoa do plural (-pl):

Gráfico 10 - Total de verbos predicativos flexionados no plural (+pl) e não flexionados (-pl)



Fonte: Produzido pela autora

Nos itens 4.5.2.4.1 a 4.5.2.4.4, são apresentados os resultados considerando-se a posição do sujeito, a concordância no SN sujeito, a sua realização e a sua distância em relação ao verbo.

4.5.2.4.1. Relação da concordância com a posição do sujeito

Entre as 43 ocorrências de frases predicativas com a devida concordância SU-V, 39 apresentaram o sujeito na ordem canônica, enquanto 04 apresentaram-se na ordem V-SU. Entre os grupos, essa distribuição ocorreu da seguinte forma: na ordem SU-V, 03, 17 e 19 ocorrências, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3; na ordem V-SU, nenhuma ocorrência no GRUPO 1, 03 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3.

Como exemplo de concordância na ordem V-SU, veja-se a frase (110), trecho da entrevista 18 do GRUPO 2:

(110) *Ficaram* só minha mãe, meus irmãos. (18G2)

Relativamente às frases predicativas cujos verbos permaneceram no singular, não concordando com o sujeito plural, tivemos, na ordem SU-V, 10, 06 e 01 ocorrências, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, enquanto, na ordem V-SU, esses números foram, respectivamente, 01, 02 e 01 nos GRUPOS 1, 2 e 3.

A título de exemplo, seja observada a sentença (111), trecho da entrevista nº 26 do GRUPO 1:

(111) Em todo o, o... em todo o Goiás que eu conheço, em algumas regiões, *existe* esses parques, é muito legal pra você andar. Já aqui no Valparaíso não tem nenhum. Então eu gostaria que aqui tivesse um assim. (26G1)

Dessa forma, nota-se a preferência pela ordem SU-V, canônica, e que, nas frases em que a concordância verbal foi devidamente estabelecida na ordem V-SU, nenhuma é referente ao grupo menos escolarizado, pois, na única frase em que tivemos essa ordem no grupo dos falantes com 4 anos de escolarização, a concordância não foi estabelecida.

Frise-se ainda que, na grande maioria das frases nas quais a concordância não foi estabelecida, a ordem apresentada foi a canônica, SU-V, com exceção do grupo mais escolarizado, no qual a quantidade de casos foi a mesma em ambas as ordens.

4.5.2.4.2. Relação da concordância com as marcas de plural do SN sujeito

Ao observarmos o comportamento da flexão verbal perante o uso das marcas de plural dos seus respectivos sujeitos, constatou-se que, entre as 43 formas verbais predicativas flexionadas no plural, somente 01 apresentou sujeito cujo núcleo não recebeu uniformemente morfema de plural, caso exemplificado na frase (112), a seguir, retirada da entrevista 5 do GRUPO 2:

(112) *todas as vizinha* que também são. (05G2)

Já em relação aos 21 verbos que permaneceram no singular, os sujeitos referentes constituíram-se da seguinte forma: no GRUPO 1, todos os sintagmas de 10 sujeitos receberam uniformemente o morfema de plural, enquanto 02 receberam a marca apenas no núcleo; no GRUPO 2, 08 sujeitos apresentados, 02 não receberam o morfema em todos os constituintes; no GRUPO 3, o sujeito foi devidamente marcado em 01 ocorrência e não marcado em outra.

A título de exemplo, seja observada a seguinte frase (113), retirada da fala da entrevistada nº 05 do GRUPO 1, em que o sujeito do verbo *ficar*, “os vizinho”, recebeu o morfema de plural apenas no determinante “os”:

(113) Os vizinho *fica*, diz assim. (05G1)

Assim, vê-se aqui a ausência de concordância verbal relacionada a SN sujeito com ausência de morfema plural em todos os seus constituintes na faixa menos escolarizada, apesar de essa ocorrência ter sido um caso isolado. Rara também é a ocorrência de concordância com sujeito cujo núcleo não recebeu o devido morfema, porém prevista por autores como Lucchesi (2009).

4.5.2.4.3. Relação da concordância com a realização do sujeito

Da observação entre a quantidade de sujeitos realizados explicitamente e de sujeitos nulos, verificou-se que o número de sujeitos realizados foi igual para as formas

verbais flexionadas no plural e para as que permaneceram no singular: 20 em cada. Já quanto às frases cujos sujeitos foram nulos, enquanto foi detectado apenas 01 caso relacionado a verbo cuja concordância não foi estabelecida, 13 foram as ocorrências relacionadas a verbos que receberam o morfema de plural.

Entre os grupos, a distribuição ocorreu da seguinte forma: entre os verbos flexionados no plural com sujeito realizado, 03 foram detectados no GRUPO 1, 11 no GRUPO 2 e 16 no GRUPO 3. Quanto aos sujeitos nulos, nenhum foi detectado no GRUPO 1, 09 foram contabilizados no GRUPO 2 e 04 no GRUPO 3. Já em relação aos verbos que se apresentaram na terceira pessoa do singular, tivemos 10, 08 e 02, respectivamente, nos GRUPOS 1, 2 e 3, com sujeitos realizados, e apenas 01, localizado no GRUPO 1, com sujeito nulo.

Exemplo dessa estrutura, com sujeito nulo e a devida concordância, pode ser observado no exemplo (114), transcrito da entrevista nº 25 do GRUPO 2:

(114) ENTREVISTADORA: Mas seus parentes estão mais lá ou aqui?

ENTREVISTADA: *Estão* lá. E eu não vejo há muito tempo. (25G2)

Quanto à única ocorrência em que a concordância não foi estabelecida em frase com sujeito nulo, veja-se o seguinte trecho, transcrito da entrevista Nº 05 do GRUPO 1:

(115) Os amigo que eu tenho mesmo são da igreja, (os amigo que eu tenho) *é* de falar de Deus. (05G1)

Assim, vê-se mais uma vez que a presença de sujeito nulo influenciou a uma maior ocorrência de concordância SU-V e que o caso exclusivo em que essa influência não foi detectada ocorreu na faixa menos escolarizada, na qual, na única ocorrência de sujeito nulo, a concordância não foi estabelecida.

4.5.2.4.4. Relação da concordância com a distância sujeito-verbo

Para a primeira configuração, sujeito diretamente ligado ao verbo, 25 foram as ocorrências em que as formas verbais receberam a flexão de plural, das quais 03 no GRUPO 1, 13 no GRUPO 02 e 09 no GRUPO 3. Quanto às formas verbais que

permaneceram na terceira pessoa do singular, 06 foram no GRUPO 1, 03 no GRUPO 02 e 01 no GRUPO 3, totalizando 10.

Quanto à configuração “SN sujeito + um sintagma (modificador verbal) + verbo”, foram contabilizadas 10 ocorrências de verbos que receberam a desinência de terceira pessoa, sendo 04 no GRUPO 2 e 06 no GRUPO 3. Quanto aos verbos que não receberam essa flexão, 03 ocorreram no GRUPO 1, 02 no GRUPO 2 e 01 no GRUPO 3.

A última configuração, SN sujeito separado do verbo por dois ou mais sintagmas, foi contabilizada 08 vezes relativamente aos verbos que concordaram com o sujeito plural, sendo 03 no GRUPO 2 e 05 no GRUPO 3. Entre os verbos que não concordaram com os respectivos sujeitos, 02 foram as ocorrências no GRUPO 1 e 03 no GRUPO 2, totalizando 05 casos.

A fim de ilustrar os exemplos nos quais a concordância SU-V não foi estabelecida na configuração “sujeito + um sintagma + verbo”, veja-se a frase (116), retirada da entrevista 1 do GRUPO 1:

(116) os aborrecentes já *fica* junto também. (01G1)

Quanto aos verbos que se apresentaram distantes do núcleo de seus sujeitos por dois ou mais sintagmas, a título de exemplo, seja observado trecho da entrevista 14 do GRUPO 3, frase (117), na qual a concordância foi devidamente estabelecida:

(117) Nossos lazeres na verdade *são* mais em casa. (14G3)

Com isso, observamos que nem a adjacência do sujeito em relação ao verbo foi capaz de garantir um maior índice de concordância verbal no grupo menos escolarizado, confirmando-se ainda mais a ausência de concordância SU-V na medida em que eram inseridos elementos intervenientes entre sujeito e verbo. Somente no grupo mais escolarizado a concordância foi estabelecida quando da inserção de dois ou mais elementos intervenientes.

4.5.2.4.5. Síntese

Da observação do comportamento dos verbos predicativos no *corpus*, constatou-se a preferência pela ordem SU-V e sua influência à ocorrência de

concordância, sendo a ordem V-SU desfavorável à aplicação da regra e ausente na faixa menos escolarizada. Apesar disso, mesmo na ordem SU-V, a ausência de concordância foi considerada alta para as frases com verbos predicativos.

Quanto ao fator relativo à concordância de número no SN sujeito, podemos concluir que a marcação de plural uniforme em todos os sintagmas nominais influenciou a concordância SU-V, ao passo que sujeitos nos quais apenas o determinante recebeu o morfema “s” influenciaram a ausência de concordância, o que ocorreu na faixa menos escolarizada. Frise-se que, com essa tipologia verbal, foi detectada a ocorrência de concordância com sujeito cujo núcleo não recebeu o devido morfema, situação prevista por autores como Lucchesi et al. (2009).

Em relação à realização do sujeito, esse fator demonstrou comportamentos distintos conforme os grupos. No grupo em que a escolaridade dos participantes era mais baixa, todos os casos de concordância ocorreram com sujeitos realizados. Nos GRUPOS 2 e 3, por sua vez, todas as ocorrências de verbos que não concordaram com seus respectivos sujeitos se deram com sujeitos realizados. Assim, vê-se mais uma vez que a presença de sujeito nulo influenciou a uma maior ocorrência de concordância SU-V.

Por fim, da análise da distância entre o sujeito e o verbo, observou-se novamente uma preferência pela adjacência entre ambos, confirmando-se ainda mais a ausência de concordância na medida em que eram inseridos elementos intervenientes entre ambos, com exceção do grupo mais escolarizado, no qual a concordância foi estabelecida quando da inserção de dois ou mais elementos intervenientes.

4.5.3. Cruzamento dos resultados das entrevistas conforme as variáveis sociológicas

Diante do cenário apresentado no item 3.3.3, observou-se que a tendência de concordância SU-V, nomeadamente a aplicação do morfema verbal de terceira pessoa do plural, foi menos estabelecida pelos falantes mais velhos e com menos anos de escolaridade, aumentando ao longo dos grupos em que os entrevistados mais estudaram. Frise-se que, na faixa menos escolarizada, o percentual de desvio de

aplicação da regra foi na ordem de 82%. Essa lógica foi observada quando da comparação da média de escolaridade das mães dos entrevistados, 3, 6 e 7 anos, respectivamente.

Já em relação à variável gênero, e considerando-se a composição de cada grupo, os resultados apresentados demonstraram que a aplicação da concordância SU-V foi mais realizada pelos entrevistados do gênero feminino. Frise-se, aqui, que todos os entrevistados moram em Valparaíso e que apenas 40 trabalham em Brasília.

Por fim, apesar da maior tendência à não aplicação da regra de concordância nas faixas menos escolarizadas, foi descartada a hipótese de que essa variável seria pouco recorrente entre os mais escolarizados, tendo em vista que os entrevistados com nível superior, ainda assim, apresentaram nível de desvio de concordância na ordem de 20%.

5. PARA UM TRATAMENTO FORMAL DA CONCORDÂNCIA SU-V

5.1. Os primeiros trabalhos na Sintaxe Generativa

Apesar da estabilidade da concepção de número enquanto um traço formal de concordância ao longo dos trabalhos desenvolvidos na gramática generativa, ao traçarmos um panorama com o objetivo de retomar aspectos principais que definem cada concepção proposta, percebemos, na verdade, que a forma como os mecanismos de concordância foram vistos apresentou distinções.

Conforme o Modelo Padrão⁶ da Gramática Generativa (Chomsky, 1965), havia uma distinção entre regras sintagmáticas, geradoras da estrutura profunda⁷ das frases, e regras transformacionais, responsáveis por gerar a estrutura de superfície⁸ após atuarem sobre a estrutura profunda.

Conforme nos lembra Neto (2009), esse sistema, caracterizado essencialmente por regras, realizava o reconhecimento de traços sintáticos, os quais faziam parte da base de traços relativa aos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos, de modo que os valores dos traços eram atribuídos aos verbos por meio das regras do sistema. Em outras palavras, os processos flexionais, e, neste caso, a concordância, eram o resultado da aplicação de regras transformacionais sobre traços sintáticos de itens lexicais.

Mais tarde, a partir dos pressupostos da Teoria Padrão Estendida, que baseava a estrutura das frases nos princípios da Teoria X-Barra, explicar o modelo passou a ser uma prioridade em detrimento à descrição. Apesar disso, foi somente no Modelo de

⁶ Modelo concebido como “um sistema de regras, as quais podiam ser ou sintagmáticas ou transformacionais. O formato dado a essas regras era altamente flexível, possibilitando a formulação de regras capazes de descrever qualquer fenômeno linguístico observável.” (Neto, 2009, p. 02)

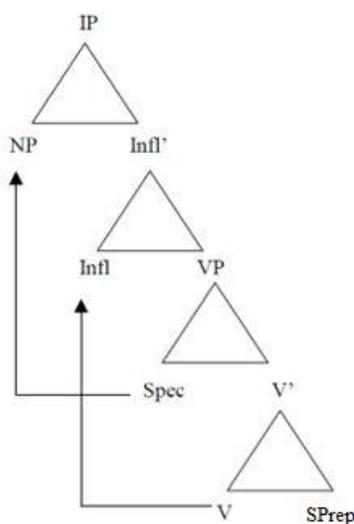
⁷ Estrutura “descrita como aquela em que as informações semânticas básicas do léxico seriam representadas, tais como a saturação de argumentos e a atribuição de papéis temáticos” (Kenedy, 2019, p. 214).

⁸ Estrutura “enviada para a forma fonética e a forma lógica a fim de sofrer novas modificações antes da pronúncia e da interpretação final” (Kenedy, 2019, p. 214).

Princípios e Parâmetros⁹ (Chomsky, 1981) que os processos flexionais de concordância foram analisados de forma mais intensa.

Esse modelo trouxe como uma de suas inovações a criação da categoria funcional INFL (flexão), que atribui à concordância o estatuto autônomo que é conferido à flexão verbal. Sucintamente, INFL continha as marcas de tempo e concordância morfofonologicamente realizadas na estrutura da frase. Assim, essa categoria projetaria núcleos sintáticos segundo os princípios da Teoria X-Barra, de modo que “a primeira projeção de INFL (Infl’) abarcaria INFL e o VP da oração, na posição de complemento de INFL, enquanto que a projeção máxima de INFL (Infl’’ ou IP) conteria INFL’ e o NP sujeito da oração na posição de especificador de INFL’’” (Neto, 2009, p. 06), conforme representado na árvore sintática a seguir, figura 1:

Figura 1 - Categoria Funcional INFL



Fonte: Adaptada de Neto (2009, p. 06).

Vê-se, com base nesse esquema, que o verbo é alçado para a categoria INFL a fim de receber os traços de tempo e concordância, os quais seriam posteriormente lidos na interface e morfofonologicamente realizados. Entretanto, conforme ressalta Neto

⁹ “Teoria segundo a qual a GU deve ser compreendida essencialmente como um conjunto de regularidades gramaticais universais (os princípios) e um conjunto limitado de variações linguísticas possíveis (os parâmetros)” (Kenedy, 2019, p. 97).

(2009), ao se comparar INFL com outras categorias funcionais, questionamentos surgiram no sentido de não estar claro se quem projetava era T ou AGR, razão pela qual foram propostas outras representações, conforme será visto nos itens 5.2 a 5.4.

5.2. A concordância como nó funcional (Pollock)

Como vimos no item 5.1, em certos estudos dos anos 70 e 80, argumentava-se que a estrutura da frase continha apenas um nó FLEX (INFL).

Contudo, no final dos anos 80, várias investigações sugeriram que FLEX se deveria dividir em dois nós (“Split inflexion”) e que o movimento do V em umas línguas e não em outras explicaria certas ordens de palavras em frases finitas e em frases infinitivas. A mais importante dessas propostas foi a de Pollock (1989).

Suas evidências ocorreram em primeiro lugar a partir da observação de que no francês há o movimento obrigatório do verbo para uma categoria superior, enquanto no inglês essa regra seria limitada, tendo como referência a comparação entre construções das duas línguas mencionadas (relativas à posição da negação, à posição do V em interrogativas globais, à posição de advérbios temporo-aspectuais e à posição do Q *all / tous* (Pollock, 1989, pp. 367 e segs.)), conforme observado nas frases (118) a (121):

(118) a. *John likes not Mary.

b. Jean (n’) aime pas Marie.

(O João não gosta da Maria.)

(119) a. *Likes he Mary?

b. Aime-t-il Marie?

(Ele gosta da Maria?)

(120) a. *John kisses often Mary.

b. Jean embrasse souvent Marie.

c. John often kisses Mary.

d. *Jean souventembrasse Marie.

(João beija muitas vezes a Maria.)

(121) a. *My friends love all Mary.

b. Mes amis aiment tous Marie.

c. My friends all love Mary.

d. * Mes amis tous aiment Marie.

(os meus amigos gostam todos da Maria.)

Pollock argumentava a favor da agramaticalidade da frase (118a) pelo fato de, nesse caso, ter ocorrido um movimento do verbo para INFL, o que não é possível, uma vez que no inglês o movimento é restrito aos verbos auxiliares *have* (ter) e *be* (ser/estar).

Pelo contrário, no francês todos os verbos lexicais são movidos para essa posição, sendo então justificada a gramaticalidade de (118b) e, ainda, de (119b), uma vez que no francês o verbo ocupa uma posição anterior ao sujeito, não ocorrendo o mesmo no inglês, motivo que justifica a agramaticalidade de (119a).

Com base na estrutura [_{IP}NP I ([_{Neg}not/pas]) [_{VP} (Adv.) V...]] (Pollock, 1989, p. 366), observações similares foram também realizadas para as frases (120) e (121). Supondo que nem em francês nem em inglês é permitido que advérbios temporos / aspectuais se movam para a direita, a única forma de “often”, em (120a), estar entre o verbo e seu objeto seria, conforme o autor, se o verbo se movesse para INFL, o que não é possível, sendo (120c) a única frase aceitável. Por sua vez, a agramaticalidade de (120d) é explicada, pois em francês o movimento verbal é obrigatório para INFL, sendo gramatical apenas a frase (120b).

Os fatos em (121) são paralelos aos de 119 e, segundo Pollock, recebem a mesma explicação se adotarmos a visão de Sportiche (1988), segundo a qual os quantificadores “flutuantes”, quando modificam o argumento sujeito, são gerados na posição de especificador de SV e aí permanecem ou se movem no SN sujeito para especificador de SFLEX; tudo conjugado, com o movimento do V para FLEX em francês e o não movimento do V para FLEX em inglês, explica os fenômenos em 121.

Pollock considerou que os verbos auxiliares sofrem um movimento longo em francês, que ocorre por cima de advérbios e da negação, movendo-se o verbo para o núcleo T, situado mais acima que Agr na estrutura da frase, enquanto no inglês há apenas um movimento curto, pelo qual os verbos auxiliares movem-se somente sobre

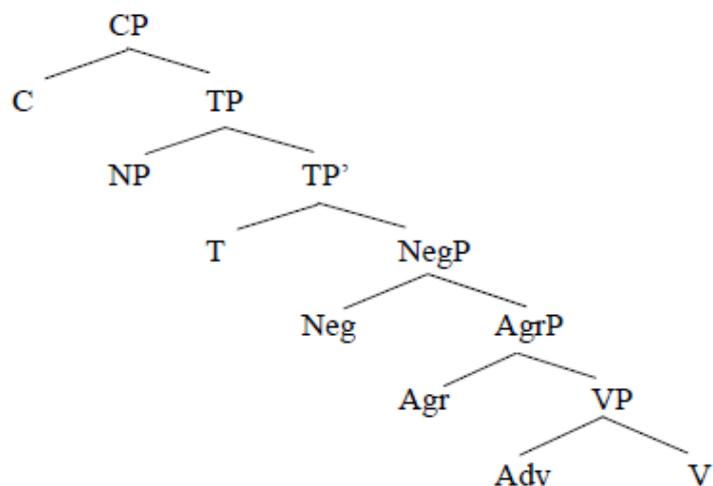
os advérbios, não sendo possível esse movimento por cima da negação, sendo gramatical uma frase como (122):

(122) Ne pas posséder de voiture en banlieue rend la vie difficile (Não possuir um carro no subúrbio torna a vida difícil). (1989, p. 387)

Assim, a partir da observação de frases do inglês e do francês, foi levantada por Pollock a ideia de divisão de INFLP em dois núcleos funcionais autônomos: T e Agr. Com base na análise da posição do verbo em relação ao advérbio, da partícula de negação e do quantificador nessas línguas, esse linguista assumiu que o núcleo T projetaria o nível TP, o qual seria responsável pelos traços de tempo, enquanto o núcleo Agr, por sua vez, projetaria o nível AgrP, responsável pelos traços de número e pessoa.

Mais ainda, NegP seria dominado por TP, mas, por outro lado, dominaria AgrP, conforme pode ser observado na figura 2, a partir do esquema representado na árvore sintática a seguir:

Figura 2 - Proposta da flexão cindida (Pollock)



Fonte: Braga (2004, p. 13).

Um pouco mais tarde, Belletti (1990) reformulou a proposta de Pollock e assumiu que a categoria mais elevada seria AGRP e acima de TP, de modo a explicar o modo como no Italiano e em línguas similares (incluindo o Português) o V toma primeiro os morfemas de Tempo e só depois os de AGR, como em *leva-va-mos*.

Dessa forma, quer a partir de Pollock quer a partir de Belletti, foi estabelecida uma oposição entre riqueza *versus* pobreza morfológica dos núcleos AGR. De um lado, temos no francês uma riqueza morfológica, associada ao conceito de *transparência*, em que todos os verbos poderiam ser movidos para uma posição superior, AGR.

No inglês, língua para a qual Pollock associou o conceito de *opacidade*, temos, por outro lado, núcleos AGR morfológicamente pobres, movendo-se apenas os verbos auxiliares para a posição superior, tendo em vista estes não terem papéis- ϕ a atribuir. Assim, dada a transparência do núcleo AGR no francês, não há bloqueio para a atribuição de papéis- ϕ (Neto, 2009).

Esses conceitos de *opacidade* e *transparência* foram também estendidos para as explicações relativas ao núcleo T, sendo aplicadas aos verbos auxiliares e principais as mesmas restrições em frases infinitivas quanto ao movimento verbal.

Conforme ressaltado (Neto, 2009), no tocante ao comportamento da posição verbal perante advérbios e quantificadores, no francês todos os verbos finitos estariam à esquerda, ao passo que no inglês apenas os auxiliares *be* e *have* são possíveis nessa posição, enquanto todos os demais estariam à direita do advérbio ou do quantificador.

A origem dessas diferenças nas duas línguas seria derivada da natureza de AGR, pois o inglês, morfológicamente pobre, torna-se opaco à transmissão do papel temático, enquanto o AGR morfológicamente rico em francês é transparente à transmissão, permitindo o alçamento de qualquer tipo de verbo.

Apesar de interessantes, essas generalizações levantaram algumas indagações, como, por exemplo, por que razão o movimento de verbos para INFL (T e AGR / CONC) é lexicalmente restrito no inglês e por que não se aplica aos afixos de frases temporalizadas em francês.

Assim, no Programa Minimalista, e como veremos detalhadamente no item 5.3, Chomsky (1995) põe de parte este modelo em causa e considera que só Tempo é visível para a interface conceitual, pelo que advoga a supressão de AGR como categoria funcional distinta.

A partir deste quadro, a concordância SU-V na frase, isto é, o acesso do V às marcas de pessoa e número do sujeito como movimento sintático, deixa de fazer sentido no modelo.

5.3. A concordância não é um nó funcional (Chomsky)

No Programa Minimalista (PM), iniciado por Chomsky em 1995, encontramos diferentes abordagens para o fenômeno da concordância SU-V, entre as quais podemos considerar como principais a abordagem baseada em checagem de traços (1995) e a abordagem baseada na valoração de traços (1999, 2001).

Com base no modelo de checagem de traços, Chomsky (1995) argumenta que o movimento é necessário apenas para checar os traços (propriedade central no sistema computacional) já existentes na entrada lexical do verbo, traços esses que poderiam ser fortes, não interpretáveis [- interpretáveis] nos sistemas de interface, caso do francês, ou fracos, interpretáveis [+ interpretáveis] nas interfaces, caso do inglês.

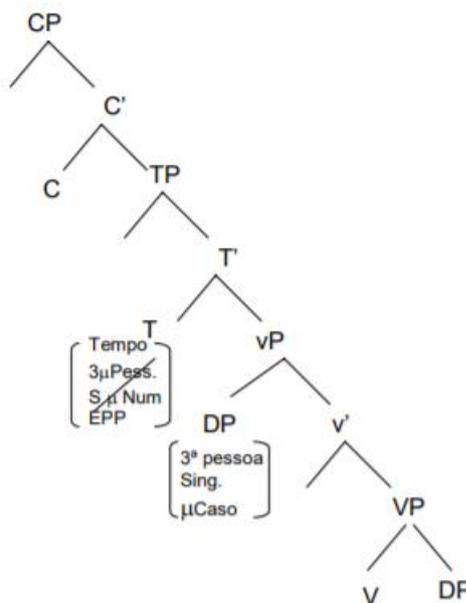
Em outras palavras, os itens lexicais já vêm flexionados do léxico e há uma diferenciação entre os traços lexicais que recebem interpretação na interface fonológica e os que a recebem na interface lógica. A categoria AGR conteria somente traços [- interpretáveis] e estaria presente na computação apenas por motivos internos à teoria, razão pela qual é proposta por Chomsky a sua eliminação enquanto nó funcional da árvore sintática, sugerindo-se, assim, que as relações de concordância entre itens lexicais sejam estabelecidas por meio de uma relação entre especificador-núcleo em TP (Barbosa, 2012).

Com isso, o nó AgrP deve ser eliminado, tendo em vista sua irrelevância para a interpretação, reestruturando, dessa forma, a árvore sintática a partir dos princípios de economia, simplicidade e não redundância. Por sua vez, categorias funcionais como tempo (T), complementador (C) e determinante (D) fornecem instruções para os níveis de interface em razão de serem traços [+ interpretáveis].

Já no modelo de valoração de traços (Chomsky, 1999, 2001), resumido em Rodrigues (2006), a concordância entre os traços do núcleo e do constituinte presente no mesmo domínio é estabelecida pela operação Agree, a qual prevê um núcleo T com

traços-*phi* não interpretáveis, que se movem em busca de um elemento (alvo) que contenha traços já valorados, conforme representado na figura 3, a seguir, em que o alvo é o DP na posição de especificador de um verbo, neste caso, um V transitivo:

Figura 3 - Computação da concordância verbal a partir da operação AGREE



Fonte: Rodrigues (2006, p. 29)

Mencionando Chomsky (1999), Henrique (2016) lembra-nos de que três condições são necessárias para o estabelecimento da operação Agree, quais sejam: “a sonda deve possuir traços [- interpretáveis] e c-comandar o alvo ou, em outras palavras, o alvo deve ocupar a posição de complemento da sonda; os traços da sonda e do alvo devem ter uma identidade entre si; e o alvo deve estar ativo para o sistema computacional a fim de que seu traço de caso seja valorado” (2016, p. 47).

Com base nessas condições, entendemos que, quando a sonda encontra um elemento nominal ativo no seu domínio, é estabelecida uma relação de Agree com o alvo, o qual, por sua vez, checa e apaga os traços não interpretáveis e, ainda, verifica o traço de caso do alvo, que precisa ser eliminado devido ao seu caráter [- interpretável].

Assim, enquanto no sistema proposto por Pollock o verbo incorporava seus morfemas de pessoa/número (concordância) e tempo a partir do movimento, no PM a

economia derivacional e a representacional fixaram-se na ideia de que o deslocamento sintático é sempre acionado com o objetivo de eliminar elementos e propriedades ininterpretáveis.

Nesse sentido, retomando Braga (2004), quando um objeto direto ocupa a posição de sujeito, o traço de caso, ininterpretável, pode ser bloqueado pelo núcleo flexional concordante, operação que, simultaneamente, bloqueia os traços de concordância ininterpretáveis no núcleo flexional. O bloqueio de um traço corresponde à sua eliminação do caminho derivacional que leva à computação da FL (Forma Lógica), razão pela qual o deslocamento é o último recurso, tendo em vista ser motivado pelo objetivo de eliminar traços ininterpretáveis (Chomsky, 1995, 2001).

Nessa caracterização do PM, conforme ressaltado por Kenedy (2019), a operação Agree é fundamental, no sentido de que estabelece uma relação entre dois elementos presentes na derivação, garantindo na estrutura a permanência apenas dos traços interpretáveis e a eliminação dos traços não interpretáveis. Dessa forma, traços formais não interpretáveis nas categorias funcionais como os traços de gênero, número e pessoa são eliminados antes de *spell-out*¹⁰.

Chomsky (1999) admite ainda outro mecanismo, no qual a concordância é operada *in situ*, ou via Merge¹¹, somente no nível sintagmático. Destaque-se que Merge não é aplicável apenas a itens lexicais, pois um item lexical pode ser concatenado a um constituinte sintático já formado e, também, dois constituintes já formados em paralelo (Kenedy, 2019).

Por fim, outra opção também é dada como possível pela operação copiar, a qual, juntamente com a operação Merge, substitui as regras de movimento das teorias pré-minimalistas, nas quais já havia um local para onde determinado constituinte se moveria.

¹⁰ *Spell-Out* é “uma espécie de comando do Sistema Computacional, o qual é responsável por enviar a representação até então construída para o processamento computacional nos sistemas de interface”. (Kenedy, 2019, p. 224)

¹¹ Sinônimo de fusão, concatenação, combinação.

Sintetizando, em linhas gerais, o PM concebe o número gramatical enquanto traço formal, sendo a concordância ressignificada e vista como uma operação sobre esses traços. Inicialmente, Chomsky (1995) propõe a formulação de uma categoria funcional, AGR, e propõe que todo movimento tem o objetivo de checar traços. Logo, no nível sentencial, a concordância sujeito-verbo pressupõe uma valoração de traços, sendo os traços não interpretáveis eliminados pelo componente sintático.

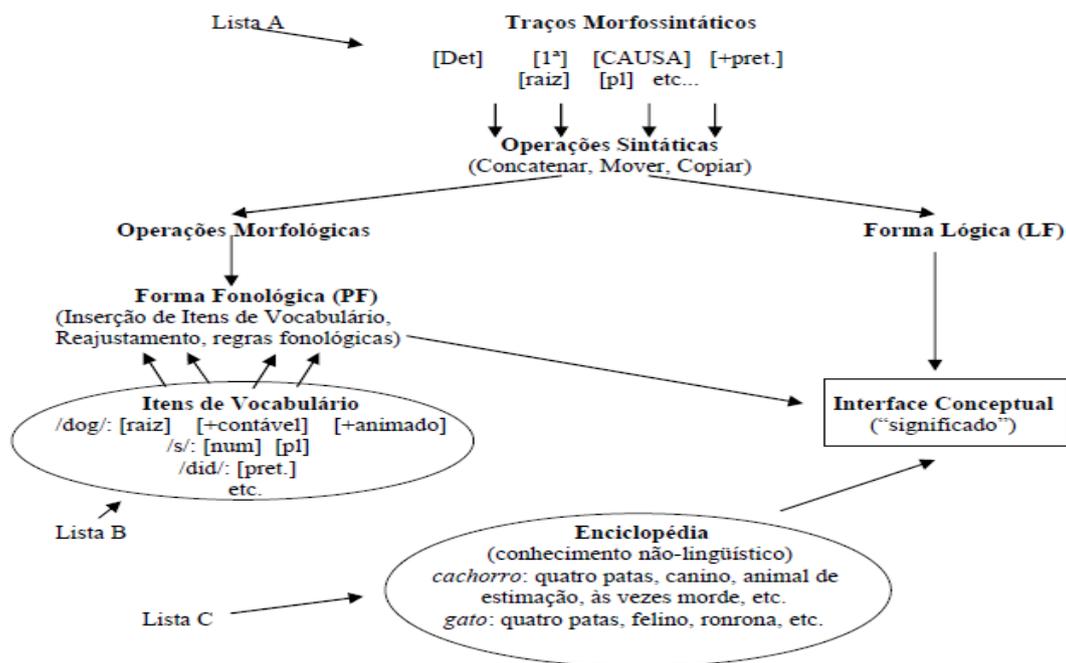
Já em relação à valoração de traços, o item sintático que possui traço não interpretável possui um papel de sonda e busca um alvo na estrutura com o objetivo de valorar e eliminar esses traços. Assim, essas relações ocorrem por meio da operação AGREE a partir desses dois elementos.

5.4. A concordância na Morfologia Distribuída

No início da década de 1990, Halle (1990) e Halle e Marantz (1993) propõem uma teoria de interface entre a sintaxe e a morfologia: a Morfologia Distribuída (MD). Apesar de enquadrar-se no modelo de arquitetura da gramática proposto por Chomsky (1981; 1995), a MD rejeita a hipótese lexicalista, tendo em vista o papel antes atribuído ao componente lexical descrito pelas abordagens anteriores estar agora distribuído pelos demais componentes da arquitetura gramatical.

Essa nova abordagem é representada de acordo com o seguinte modelo de organização (Harley & Noyer, 1999, p. 02), representado na figura 4, a seguir:

Figura 4 - Morfologia Distribuída

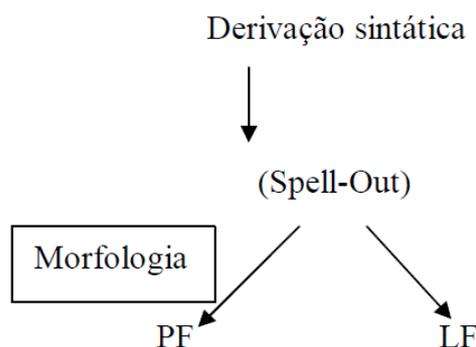


Fonte: Harley & Noyer (1999, p. 04)

Há três listas no esquema representado na figura 4. Na primeira, “A”, constam raízes e morfemas abstratos; na segunda, “B”, os itens de vocabulário, regras originadas do conteúdo fonológico a morfemas abstratos; na terceira, “C”, por sua vez, há um repertório de significados especiais, com informação semântica de uma raiz ou de um objeto sintático.

Em linhas gerais, a MD defende que a morfologia tem o seu próprio componente, o qual está situado em um nível de interface entre a sintaxe e a fonologia, sugerindo que “o componente morfológico tem processos que operam independentemente de qualquer outro fenômeno linguístico” (Carneiro, 2008, p. 20). Assim, a estrutura sintática está sujeita a operações subsequentes na derivação nos níveis PF (FF) (forma fonológica) e LF (FL) (forma lógica) e é gerada por um conjunto de regras (Embick & Noyer, 2007), conforme representado na figura 5, a seguir:

Figura 5 - Arquitetura da gramática



Fonte: Carneiro (2008, p. 36)

Por outro lado, apenas a sintaxe é responsável pela derivação das palavras e dos sintagmas, os quais constituem objetos complexos cuja derivação ocorre por meio das operações sintáticas concatenar e mover. Nesse sentido, “a sintaxe constitui um conjunto de regras que geram estruturas sintáticas, objetos para outras operações que podem ocorrer em PF e LF” (Pereira, 2006, p. 66), e as regras que operam sobre a morfologia são as mesmas que operam na sintaxe. A morfologia, por preocupar-se tanto com os traços fonológicos quanto com os não fonológicos, representa a interface entre a sintaxe e a fonologia.

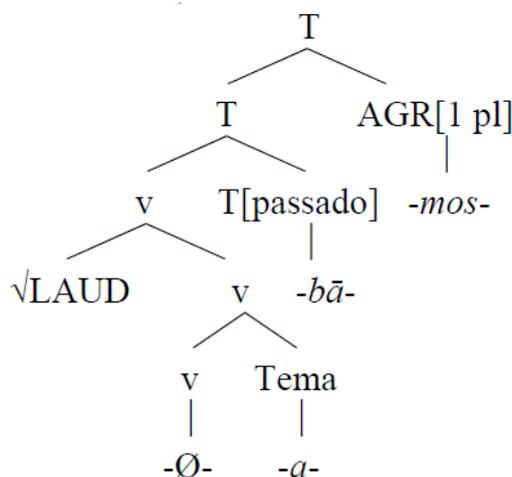
Nesse contexto, os morfemas podem ser de dois tipos: morfemas-F, que correspondem às categorias funcionais, e morfemas-L, os quais correspondem às categorias lexicais. O conteúdo de um “morfema ativo na sintaxe consiste em traços sintático-semânticos retirados de um conjunto de traços disponibilizado pela GU” (Tenório, 2008, p. 26).

Embick e Noyer (2001), por sua vez, propõem dois tipos de morfemas: o morfema sintático, também intitulado morfema *singleton*, e o morfema não sintático, sendo o caso de AGR, intitulado morfema dissociado, o qual não figura na sintaxe propriamente dita, mas é inserido depois dela, ou seja, após *Spell-out*, configurando um processo de inserção tardia, aparentemente violando, no componente morfológico, a condição de inclusividade proposta por Chomsky (1995), a qual proíbe, no curso da derivação, a introdução de um material que não tenha sido previsto na numeração.

Apesar dessa violação, para os autores, a forma fonológica não tem o poder de adicionar qualquer tipo de traço.

Para representar como ocorre esse mecanismo, tem-se o seguinte exemplo do latim, “*laudabamus*” (louvávamos), no qual AGR é inserido pós-sintaticamente e antes da inserção de vocabulário, conforme representação dada na figura 6:

Figura 6 - Inserção de AGREE pós-sintaxe



Fonte: Tenório (2008, p. 28).

Com base no esquema apresentado, a estrutura morfológica tem mais posições do que a estrutura sintática (Tenório, 2008). No modelo concreto da MD, é então defendido que os morfemas são feixes de traços abstratos relevantes apenas para a sintaxe, sem informação fonológica ou morfológica, sendo inseridos os expoentes fonológicos de cada morfema apenas no momento de *Spell out* (Oliveira, 2014).

Ressalte-se que os morfemas abstratos, sendo este o caso do morfema de [pl], recebem “um conjunto de traços fonológicos que ativam as instruções para os sistemas perceptivo e articulatório” (Oliveira, 2014, p. 44), não dispondo de nenhum conteúdo fonético ou fonológico na derivação sintática, conforme defendem Embick e Noyer (2007).

Pelo exposto, a MD propõe uma arquitetura de gramática que tem a sintaxe como única componente generativa, cabendo à morfologia interpretar o *output* da

derivação sintática e fornecer a informação fonológica (Oliveira, 2014). Assim, os morfemas abstratos e a sintaxe visível constituem os elementos principais da computação sintática, resultado de todos os processos de organização e interpretação dos morfemas desde a derivação sintática até as formas lógicas e fonológicas.

Utilizando essa abordagem, autores como Costa e Silva (2006), ao analisarem a concordância no SN em PE (os meninos) e em PB (os menino), assim como as diferenças na concordância SU-V nas duas variantes, advogam a favor da ideia de que os efeitos de concordância visível nas variedades do português derivam do tipo de morfema envolvido (*singleton* ou dissociado) e do desencadeamento ou não de concordância em configuração especificador-núcleo (Brito & Sedrins, 2017).

Nesse contexto, no PE e em dialetos do PB, não haveria evidência para postularmos lugares diferentes para o pouso do verbo, o qual parece mover-se de V para T sem alcançar o núcleo funcional mais alto (Costa, 1996; Costa & Galves, 2002).

De qualquer modo, para manter a ideia de que as diferenças morfológicas se correlacionam estritamente ao movimento verbal, esses autores propõem que a diferença em alguns dialetos do PB está vinculada ao papel desempenhado pela natureza do morfema de número: enquanto temos em PE o [plural] como um morfema dissociado, inserido após *Spell-out*, temos no PB um morfema *singleton*, que se adjunge ao elemento que apresenta a informação relativa ao número.

Nesse sentido, em uma frase como (123), o verbo e o determinante apresentam morfologia de número e a concordância que ocorre entre o sujeito e o verbo, morfologicamente visível, é desencadeada pela configuração especificador-núcleo. Já em uma frase como (124), apenas o determinante “as” recebe o morfema de número, sendo este um exemplo de morfema *singleton*.

(123) As criança tão [estão] alegre.

(124) As criança tá [está] alegre.

Sumariando, e no caso concreto da concordância SU-V na frase, a flexão verbal resulta de operações sintáticas, significando uma combinação de núcleos sintáticos na

derivação, obedecendo a restrições de localidade (Bassani & Lunguinho, 2011, p. 09). No componente morfológico, pós-sintático, o núcleo AGR é inserido pós-sintaticamente, ressaltando-se as diferenças entre morfemas dissociados e morfemas *singleton*.

5.5. Síntese

Neste capítulo e de modo a procurar um modelo formal que dê conta dos fatos de concordância no PE e no PB, observados nesta dissertação, foram apresentadas algumas das mais importantes abordagens relacionadas à evolução do fenômeno da concordância sujeito-verbo segundo a gramática generativa, partindo da abordagem de Pollock (1989), que considerava a concordância como nó funcional, passando pelos sistemas de checagem e valoração de traços de Chomsky (2001) e pela concepção à luz da Morfologia Distribuída.

O trabalho de Pollock formulou hipóteses marcantes para a teoria generativa, como a existência de duas posições prováveis para o sujeito e para o verbo, e forneceu base teórica para análises acerca do movimento de núcleos, como, por exemplo, o movimento do verbo para T e CONC (INFL).

Enquanto para esse autor o movimento do verbo era necessário para que ao radical fossem incorporados afixos, na proposta do PM, cuja tendência é enxugar ao máximo o modelo para uma arquitetura gramatical simples e econômica, o movimento verbal é apenas para checar os traços já existentes na sua entrada lexical, os quais poderiam ser fortes, por isso não interpretáveis nos sistemas de interface, ou fracos, interpretáveis nas interfaces (Chomsky, 1995).

Quanto à valoração de traços, noção desenvolvida após a ideia de checagem, Chomsky (2001) assume que a computação sintática realiza a operação AGREE a fim de eliminar os traços não interpretáveis, os quais não podem ser lidos pela interface da gramática. Assim, há uma relação de c-comando entre Alvo e Sonda, visando a que os traços não interpretáveis possam ser valorados e eliminados de modo que a operação sintática convirja.

Qualquer dessas abordagens é preferível em termos de adequação explicativa e descritiva à proposta de a Concordância ser uma categoria funcional própria.

A MD, por sua vez, propõe uma arquitetura de gramática que permite estabelecer de que forma a estrutura das palavras se relaciona às estruturas geradas pelas regras da sintaxe. Diferentemente de outros modelos, não há duas computações distintas, mas apenas uma, que, por sua vez, é geradora de palavras e frases, deixando a palavra de ser unidade mínima de análise, dando lugar a unidades abstratas menores desprovidas de substância fônica.

Pensamos que os dados fornecidos nesta dissertação, em que a concordância é tão variável na gramática do PB, dependendo de diversos fatores, conforme visto no cap. 4, corroboram a proposta de que as diferenças no PB estão vinculadas ao papel desempenhado pela natureza do morfema de número, o qual, sendo *singleton*, é adjungido ao elemento que apresenta a informação relativa a plural.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, investigamos, analisamos e discutimos a concordância SU-V de 1ª e 3ª pessoas do plural em uma comunidade do município de Valparaíso, localizado no estado de Goiás, entorno de Brasília, capital federal do Brasil.

A investigação foi realizada a partir da coleta de dados de inquéritos e entrevistas aplicados a moradores daquela comunidade, os quais foram relacionados com diversos estudos teóricos sobre o tema. A partir dos resultados gerais, confirmamos a concordância verbal no PB enquanto um fenômeno predominantemente variável, conforme apontado por vários autores aqui mencionados, em maior ou menor grau a depender dos fatores linguísticos e (ou) extralinguísticos envolvidos.

Recorde-se aqui a hipótese 1, exposta na Introdução desta dissertação e relativa aos principais fatores linguísticos que interagem com a concordância SU-V, conforme notado por vários autores:

1. Quanto aos fatores linguísticos, a maior ausência do morfema verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural ocorre em contextos com: sujeito posposto ao verbo (como já proposto em Bazenga & Vieira, 2018); verbos com menor saliência fônica (Scherre & Naro, 1998); maior distância SU-V (Graciosa, 1991); frases com verbos inacusativos (Monguilhot, 2001); sujeitos com marca de plural apenas no determinante (Vieira, 1995); e sujeitos realizados (Lucchesi, 2015).

A ordem SU-V com o sujeito adjacente ao verbo foi ratificada enquanto o fator linguístico mais relevante para o estabelecimento da concordância nos inquéritos sobre juízos de gramaticalidade, especialmente nos contextos com frases formadas por verbos inergativos e inacusativos, em comparação aos contextos com verbo predicativo e transitivo. Somente com esse tipo de configuração, à exceção da frase predicativa, tivemos a classificação semicategórica para a regra no GRUPO EXPERIMENTAL, com 97,5% de concordância em conformidade às normas da gramática tradicional, e a classificação categórica no tocante aos resultados do GRUPO DE CONTROLE.

Nesse sentido, concordamos com a afirmação de Lucchesi, segundo a qual a variável posição do sujeito “tem-se mostrado fundamental para a compreensão de como a configuração estrutural da oração afeta o mecanismo da concordância” (2015, p. 183), ressaltando-se que, nas frases com ordem canônica SU-V, há uma facilidade para a realização do processamento linguístico.

Quer na comparação entre frases com o mesmo tipo de verbo, quer na comparação com frases formadas por tipologia verbal diferente, também é interessante destacar que, no nosso *corpus*, a concordância morfológica visível foi menor com sujeitos formados por mais de um núcleo (sujeito composto) ou quando formados por “numeral + SN”, mesmo considerando a ordem SU-V em que o SU era adjacente ao verbo, o que nos leva a sintetizar que não é exatamente todo sujeito pré-verbal que favorece o estabelecimento da concordância visível, mas, principalmente, os sujeitos constituídos por apenas um núcleo (sujeitos simples).

Por outro lado, a ordem V-SU demonstrou-se o fator mais desfavorecedor, especialmente na configuração “verbo + sujeito simples plural + modificador do SN”. Apesar de já se esperar uma tendência para ausência de concordância visível para essa estrutura, a expectativa era de que essa ausência seria ainda maior nos resultados relativos à configuração “verbo + modificador do SV + sujeito simples plural”, tendo em vista a adjacência SU-V naquela primeira configuração, o que não se confirmou, inclusive no GRUPO DE CONTROLE.

A única exceção a essa constatação deu-se com frases inacusativas com sujeito formado por “numeral + SN”, para as quais a concordância foi quantitativamente mais estabelecida na ordem V-SU, corroborando o argumento de Pilati (2006), para quem os verbos inacusativos são os mais frequentes em orações na ordem V-SU em PB. Assim, a tipologia verbal é, de fato, um fator relevante, tendo em vista favorecer ou não a ocorrência da ordem V-SU. No contexto de verbos inacusativos, por exemplo, o argumento interno pode não se mover para a posição pré-verbal, mais alta, havendo frases como “chegou as crianças”, em que o sujeito permanece *in situ* e o verbo não apresenta a flexão de número correspondente.

Este fato tem uma explicação formal. Assim, o caso nominativo é atribuído ao *pro* nulo expletivo inserido na posição de experienciador de IP. Esse expletivo é obrigatório “para satisfazer a um requerimento de ordem sintática: a atribuição de caso estrutural” (Silva, 2004, p. 576): $TP[pro_T[chegou_{iVP}[t_{iAS} \text{crianças}]]]$. Nessa configuração, a concordância tende a não operar, como aliás já sugerido para o PE por Costa (2001).

Cabe aqui ressaltar que, à luz da gramática generativa, alguns processos sintáticos ocorrem da direita para a esquerda e de cima para baixo. Isso significa que, quando temos a ordem SU-V, é possível mais facilmente a checagem dos traços de pessoa e número entre o sujeito e o verbo, estabelecendo-se, conseqüentemente, a concordância, o que não ocorre quando temos a ordem V-SU.

Avaliou-se também que a marcação de plural apenas no determinante do SN sujeito está relacionada com uma maior aceitação da forma verbal singular em comparação a estrutura semelhante na qual, contudo, o SN imediatamente antes do verbo está flexionado no plural em todos os seus elementos, sobretudo em frase com verbo predicativo, corroborando o argumento de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (Naro & Scherre, 2007, p. 177) e, conseqüentemente, o princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas.

Ao observarmos o fator saliência fônica, seguindo os pressupostos apontados por Lemle e Naro (1977), percebeu-se nitidamente uma maior aplicação da concordância SU-V nas formas verbais com maior grau de diferenciação morfofonológica entre as formas de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural. Essa constatação foi verificada a partir dos dados das entrevistas, tendo em vista que, das 81 formas verbais com oposição acentuada, 53, ou seja, a grande maioria, apresentaram a marca explícita de plural. Por sua vez, entre 158 formas verbais com oposição não acentuada, 83 receberam o morfema de plural, número próximo ao das formas que não se flexionaram no plural: 75. Logo, há, de fato, maior probabilidade de concordância SU-V entre formas verbais fonologicamente mais salientes.

Da análise da distância SU-V, observou-se uma preferência pela adjacência entre ambos e que a presença de um constituinte interveniente influenciou uma maior

ocorrência de não concordância verbal apenas na faixa menos escolarizada. Nesta, ressalte-se, a adjacência não foi suficiente para garantir a concordância na maioria dos casos.

Outra variável selecionada foi a realização do sujeito. Da análise dos resultados das entrevistas, pudemos constatar que “o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo de concordância verbal” (Lucchesi, 2015, p. 185), ou seja, a maioria das ocorrências de não concordância SU-V ocorreram com sujeitos realizados, conforme esperado.

Percebemos ainda, também conforme nossa expectativa, preferência pela ordem SU-V nas frases elaboradas na linguagem oral, especialmente naquelas formadas por verbos transitivos, tipologia verbal que não registrou frase alguma na ordem V-SU, ordem esta que induziu sobremaneira a ausência do morfema verbal de plural.

Destaque-se também que, corroborando com os resultados verificados nos inquéritos, quanto maior a distância SU-V, maiores foram as chances de não concordância nas frases avaliadas nas entrevistas. A exceção a essa observação ocorreu apenas em frases com verbos predicativos elaboradas por falantes de nível superior de escolaridade.

Recorde-se agora as outras hipóteses colocadas na Introdução:

2. O fenômeno da variação da concordância SU-V no PB está associado principalmente ao baixo nível de escolaridade;
3. As mulheres, assim como os participantes mais jovens, são mais receptivas às formas reconhecidas como padrão;
4. Os participantes que trabalham em Brasília, capital, são os que mais realizam a concordância em comparação aos que trabalham em Valparaíso e região, tendo em vista a pressão exercida pelos grandes centros urbanos; e
5. Entre os falantes mais escolarizados, poucos são os casos de variação de concordância SU-V, em contraste aos dados relativos à faixa menos escolarizada.

Do cruzamento dos fatores linguísticos com as variáveis sociológicas, pudemos concluir que o fator escolaridade foi o mais relevante entre os fatores extralinguísticos selecionados, pois os morfemas explícitos de plural aumentam na mesma proporção dos anos de ensino, inclusive relativamente aos pais. Essa última diferença é ainda mais facilmente percebida quando comparamos a escolaridade dos pais dos participantes do GRUPO DE CONTROLE, 12.5 anos, e dos pais dos participantes do GRUPO 1, 6 anos, metade daquele.

Bastante associado a esse fator, não podemos deixar de considerar a variável profissão ou atividade realizada, pois os resultados apresentados pelos participantes cuja atividade exige de forma mais intensa o uso das normas estipuladas pela norma padrão (GRUPO DE CONTROLE) revelaram regra categórica perante alguns fatores linguísticos, tais como sujeito simples plural adjacente a verbo inergativo, e regra semicategórica em contexto com sujeito formado por “numeral + SN” adjacente a verbo inacusativo.

Sobre o fator gênero, confirmamos que, “nos grandes centros urbanos, as mulheres lideram a mudança em direção à norma de prestígio” (Lucchesi, Baxter & Silva, 2009, p. 359). Quanto à variável idade, obtivemos resultados diferentes em relação ao GRUPO EXPERIMENTAL, no qual os participantes mais velhos foram os que mais se distanciaram da norma padrão, e ao GRUPO DE CONTROLE, em que, ao contrário, os participantes mais velhos apresentaram melhor desempenho.

Foi também a partir dos dados do GRUPO DE CONTROLE que confirmamos a hipótese da influência exercida pela capital federal, onde indubitavelmente o contato com padrões linguísticos prestigiados é maior. Nele, todos os participantes que julgaram as frases segundo a norma padrão trabalham em Brasília, ressaltando-se ainda que aqueles que moram em Valparaíso assinalaram mais vezes a opção “estranha” para as frases.

Por todo o exposto, podemos afirmar que a concordância SU-V na comunidade avaliada é, em linhas gerais, uma regra variável, tal como descrito nos estudos linguísticos aqui comentados acerca do PB e do PAFr. Enquanto no PE as raras

ocorrências do plural não marcado são limitadas a contextos específicos (ordem V-SU, entre outros), nas variedades não europeias, conforme visto, a ausência de marcação morfológica acontece em diversos contextos estruturais, ainda que tenhamos a ordem SU-V, e considerando-se vários tipos de verbo, sendo também sensível a fatores sociais (ou extralinguísticos).

Dessa forma, tanto a teoria quanto os dados aqui apresentados possibilitam-nos confirmar duas situações: de um lado, na variedade do PE e das camadas social e educacional mais elevadas do PB e do PAFr, poucos são os fatores que influenciam a ausência de concordância SU-V; de outro, as camadas com menores índices sociais e educacionais das variedades não europeias apresentam vários fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos que determinam a diversidade de contextos que desfavorecem a concordância verbal.

Com isso, apesar da constatação de que o processo de variação do nosso fenômeno já era em certa medida observado no português medieval, conforme visto, não podemos negar a mudança e o contato linguístico enquanto elementos responsáveis por propriedades gramaticais específicas no PB, tornando-o diferente do PE. Assim, concordamos com Galves (2012), a qual argumenta que não apenas os dados sobre as línguas envolvidas no contato são importantes mas também informações sobre o contexto social vivenciado.

Inúmeros estudos disponíveis sobre este fenômeno e o nosso próprio trabalho formam uma base sólida que tende a justificar a existência do *continuum* linguístico afro-brasileiro.

No caso das variedades africanas do Português, e não tendo nós analisado a sintaxe das línguas *Bantu*, não podemos defender de forma forte a transferência de propriedades gramaticais das línguas desse grupo para o português. Assim, mais importante parece ser a aquisição deste como segunda língua e a consequente formação de uma língua em grande parte emergente do contato de línguas.

Entretanto, no caso do PB, a situação de contato não pode explicar por si só os fenômenos aqui apresentados. De qualquer modo, consideramos que a abordagem

teórica que melhor parece se aplicar ao nosso fenômeno é a da mudança enquanto resultado de um contato e transmissão linguística irregular, que marcaram sem dúvida a formação do PB nos séculos da colonização e da escravatura.

Do ponto de vista sintático, não parece, portanto, ser o movimento do verbo para uma categoria funcional de Concordância suficiente para explicar nosso fenômeno, dados os diferentes padrões de concordância, conforme já apontado em Costa e Galves (2002). De fato, conforme corroboram os dados desta pesquisa, o PB comporta-se diferentemente do PE. Enquanto neste, à luz da MD, o plural morfológico é um morfema dissociado, na nossa variante temos um morfema do tipo *singleton* (Embick & Noyer, 2001), ou seja, as diferenças aqui encontradas parecem derivar do tipo de morfema associado com a pluralidade.

Em outras palavras, o plural, enquanto um morfema *singleton* em algumas variantes do PB, aparecerá em apenas um núcleo (recorde-se a frase (86) “Nós... dançamo, tomamo um chopp), ao contrário do que ocorre com o morfema dissociado, do PE e da variante padrão do PB, que permite sua associação pós-sintática com todos os elementos que podem trazer a marca de plural, independentemente do tipo de relação configuracional entre o sujeito e o núcleo com o qual concorda (Costa & Silva, 2018), razão pela qual a abordagem não deve ser avaliada no âmbito puramente sintático, mas sim a partir de uma interface sintaxe-morfologia.

Alcançados os objetivos desta investigação, esperamos ter contribuído para os estudos acerca da concordância SU-V nas frases do PB e dos fatores linguísticos e sociolinguísticos que influenciam ou não o fenômeno no contexto de fala selecionado.

Por fim, levantamos aqui um questionamento a ser respondido em um trabalho futuro: a concordância SU-V no município avaliado pode ser caracterizada como um caso de variação estável ou estamos diante de uma mudança ainda em progresso?

Referências Bibliográficas e Bibliografia Geral

Alexandre, N. & Gonçalves, R. (2018). Language contact and variation in Cape Verde and São Tomé and Príncipe. In López, L. A., Gonçalves, P. & Avelar, J. O. de (Eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp. 237-262). John Benjamins B.V.

Araújo, S. S. de F. (2014). *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Tese de Doutorado, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Araújo, S. S. de F. & Lucchesi, D. (2016). Um estudo contrastivo sobre a concordância verbal em Feira de Santana e em Luanda. *Papia*, São Paulo, 26 (1), pp. 71-99.

Avelar, J. & Galves, C. (2014). O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística [online]*, v. 30, nº 2, pp. 241-288.

Bagno, M. (2012). *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

Barbosa, M. F. M. (2012). A checagem de traços formais e a estrutura DP: um estudo comparativo entre o português brasileiro, o inglês e o italiano. *Revista Arredia*, Dourados, MS, Ed. UFGD, v. 1, nº 1, pp. 83-101.

Bassani, I. & Lunguinho, M. V. (2011). Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *Revel*, ed. especial, nº 5, pp. 199-227.

Bazenga, A. (2015). Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal). In Vieira, S. R. (Org.), *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética-Morfossintaxe* (pp. 76-103). Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho.

Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa*, 37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Belletti, A. (1990). *Generalized Verb Movement: Aspects of verb syntax*. Turim: Rosenberg & Sellier.

Belletti, A. & Rizzi, L. (Orgs.) (2006). *Noam Chomsky: Sobre Natureza e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Bickerton, D. (1999). How to acquire language without positive evidence: what acquisitionists can learn from Creoles?. In Degraff, M. (Ed.), *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development* (pp. 49-74). Cambridge: The MIT Press.

Braga, M. M. (2004). *O traço aspectual no agramatismo: reformulando a hipótese da poda da árvore*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Brandão, S. F. & Vieira, S. R. (2012). Concordância nominal e verbal: Contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, 56, pp. 1035-1064.

Brandão, S. F. & Vieira, S. R. (2018). The agreement continuum in urban samples of African, Brazilian and European varieties of Portuguese. In López, L. A., Gonçalves, P. & Avelar, J. O. de (Eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp. 267-288). John Benjamins B.V.

Brito, A. M. (2003). Categorias sintáticas. In Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A., *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 323-432). 5ª ed., revista e aumentada, Ed. Caminho, S.A., Lisboa.

Brito, A. M., Duarte, I. & Matos, G. (2003). Estrutura da frase simples e tipos de frase. In Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A., *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 435-506), 5ª ed., revista e aumentada, Ed. Caminho, S.A., Lisboa.

Brito, D. B. S. de & Sedrins, A. P. (2017). Sistemas de Concordância e de Correferência no Paradigma Pronominal de Primeira Pessoa do Plural no Português

Brasileiro. *Atas do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* (pp. 13-28). Simpósio 2, Configuração do sistema pronominal do português.

Callou, D. M. I. (1980). *Variação e Distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Carneiro, M. M. (2008). *Morfologia de Flexão Verbal no Inglês como L2: Uma Abordagem a partir da Morfologia Distribuída*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

Castilho, A. T. de (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Cegalla, D. P. (2008). *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* de Cegalla. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo. IBGE. *Sidra*: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2011ª. Consultado a 14 de maio de 2020 em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/valparaiso-de-goias.html>>

Chimbutane, F. (2018). Portuguese and African languages in Mozambique: A sociolinguistic approach. In López, L. A., Gonçalves, P. & Avelar, J. O. de (Eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp. 89-107). John Benjamins B.V.

Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications.

Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press.

Chomsky, N. (1999). *Derivation by phase*. MIT. Occasional Papers in Linguistics. Cambridge, nº 18 (Versão revisada publicada em Chomsky, 2001).

Comissão Nacional do Plano (1985). *Informação Estatística – 1975-1985*. Maputo: Direção Nacional de Estatística.

Comissão Nacional do Plano (1992). *Anuário Estatístico – 1991*. Maputo: Direção Nacional de Estatística.

Corbett, G. G. (2006). *Agreement*. New York: Cambridge University Press.

Costa, J. (1996). Adverb positioning and V-Movement in English: Some more evidence. *Studia Linguistica*, 50 (1), pp. 22-34.

Costa, J. (2000). Word order and discourse – Configurationality in European Portuguese. In ___ (Ed.), *Portuguese syntax: new comparative studies* (pp. 94-115). New York: Oxford University Press, 2000.

Costa, J. (2001). Postverbal subject and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 18, pp. 1-17.

Costa, J. & Galves, C. (2002). External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In Beyssade, C., Bok-Bennema, R., Drijkoningen, F. & Monachesi, P. (Eds.), *Proceedings of Going Romance* (pp. 109-125). John Benjamins, Amsterdam, Philadelphia.

Costa, J. & Silva, M. C. F. (2006). Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos XXXV*, pp. 95-109.

Costa, J. & Silva, M. C. F. (2018). Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In Costa, J. & Silva, M. C. F. (Eds.), *Studies on Agreement* (pp. 25-46). John Benjamins B.V.

Cunha, C. & Cintra, L. F. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Embick, D. & Noyer, R. (2001). Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, nº 4, pp. 555-595.

Embick, D. & Noyer, R. (2007). Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In Ramchand, G. & REISS, C. (Eds.), *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces* (pp. 289-324). Oxford: Oxford University Press.

Freudenthal, A. F. (2001). Angola. In Serrão, J. & Marques, A. H. R. de O. (Colabs.), *Nova história da expansão portuguesa: O império africano 1890-1930* (pp. 259-467), v. 11. Lisboa: Editorial Estampa.

Galves, C. (2012). Concordância e origens do português brasileiro. In Sedrins, A. P. et al. (Org.), *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura* (pp. 123-149). Maceió: Edufal.

Gonçalves, P. (2004). Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: Arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 19, pp. 225-259. <<https://doi.org/10.1075/jpcl.19.2.01gon>>

Gonçalves, P. (2015). Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: A concordância nominal e verbal. *Cuadernos de la Alfal*, 7, pp. 9-16.

Gonçalves, P. C. (2017). Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *Almanack*. Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, n. 17, pp. 307-361. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/158051>>

Graciosa, D. M. D. (1991). *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Guimarães, E. (2005). A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 57, nº 2, pp. 24-28.

Guy, G. R. (1998). On the nature and origins of vernacular Brazilian Portuguese. In *Estudios sobre Español de América y lingüística afroamericana* (pp. 226-244). Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.

Halle, M. (1990). An Approach to Morphology. In *Proceedings of NELS 20* (pp. 150-184). University of Massachusetts.

Halle, M. & Marantz, A. (1993). Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In Hale, K. & Keyser, S. J. (Eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger* (pp. 111-176). Cambridge, MA: MIT Press.

Harley, H. & Noyer, R. (1999). State-of-the-article: Distributed Morphology. *Glott International*, v. 4 (4), pp. 3-9.

Henrique, K. da (2016). *Variação linguística e processamento: investigando o papel da distância linear entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Instituto Nacional de Estatística (2010). *III Recenseamento Geral da População e Habitação – 2007: indicadores sócio-demográficos*, Moçambique, Maputo, Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística (2016). Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014. Luanda: INE.

Inverno, L. (2011). *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. <<http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.28123.77600>>

Inverno, L. (2018). Angolan Portuguese: Its historical development and current sociolinguistic setting. In López, L. A., Gonçalves, P. & Avelar, J. O. de (Eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp. 111-133). John Benjamins B.V.

Kachru, B. B. (1982). Models for non-native Englishes. In Kachru B. B. (Ed.), *The other tongue: English across cultures* (pp. 31-37). Urbana-Champaign, IL: University of Illinois Press.

Kenedy, E. (2019). *Curso básico de linguística gerativa*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. University of Pennsylvania Press: Philadelphia.

Labov, W. (1990). *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. In *Language Variation and Change*, v. 2, pp. 205-54.

Lapa, M. R. (1991). *Estilística da Língua Portuguesa*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Lemle, M. & Naro, A. J. (1977). *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro (Mobral) / Fundação Ford.

Lessa, C. (2000). *O Rio de todos os Brasis. Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record.

Lima, A. (2006). *Post verbal subjects and agreement in Brazilian Portuguese*. Dissertação de Mestrado. UCLA.

Lista de municípios de Goiás por IDH (2020). Consultada a 25 de maio de 2020 em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_municipios_de_goiias_por_idh-m>

López, L. A., Gonçalves, P. & Avelar, J. O. de (Eds.) (2018). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. John Benjamins B.V.

Lucchesi, D. (2015). *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto.

Lucchesi, D. & Baxter, A. (2009). A transmissão linguística irregular. In Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (Orgs.), *O português afro-brasileiro* (pp. 101-124). Salvador: Edufba.

Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (Orgs.) (2009). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba.

Lucchesi, D., Baxter, A. & Silva, J. A. D. da (2009). A concordância verbal. In Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (Orgs.), *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba.

Martins, J. (2013). *Aspectos Epistemológicos das Teorias sobre a formação do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107129>>

Mattos e Silva, R. V. (2002). Para a história do português culto e popular brasileiro. In Alkmim, T. (Ed.), *Para a história do português brasileiro* (pp. 443-446), vol. III. São Paulo: Humanitas.

Mattos e Silva, R. V. (2013). *O Português do Brasil*. In Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B. do, Mota, M. A. C. da, Segura, L. & Mendes, A. (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 145-153), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, v. I.

Monguilhot, I. (2001). *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80352>>

Monguilhot, I. (2009). *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92838>>

Motta, M. A. da. (2013). Variant patterns of subject-verb agreement in Portuguese: morphological and phonological issues. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2), pp. 209-234. <<http://dx.doi.org/10.5334/jpl.73>>

Naro, A. J. (1981). *The social and structural dimensions of a syntactic change*. *Language*, LSA, v. 57, nº 1, pp. 63-98. <<http://dx.doi.org/10.2307/414287>>

Naro, A. J. & Lemle, M. (1976). Syntactic diffusion. In *Ciência e Cultura*, v. 29, nº 3, pp. 259-268.

Naro, A. J. & Scherre, M. (1993). *Sobre as origens do português popular do Brasil*. *DELTA*, 9 (número especial), pp. 437-454.

Naro, A. & Scherre, M. (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

Nascentes, A. (1953). *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões.

Neto, J. F. (2009). Evolução histórica do tratamento do número gramatical e da concordância de número. *Vernaculum*, v. 3, p. 3.

Oliveira, T. R. F. (2014). *Para todos saber(em): um caso particular de concordância variável em português europeu*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/33067>>

Othero, G. de A. & Kenedy, E. (Orgs.). (2015). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto.

Othero, G. de A. & Kenedy, E. (Orgs.). (2019). *Chomsky: a reinvenção da linguística*. São Paulo: Contexto.

Pereira, A. L. D. (2006). *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

Pereira, S. M. B. (2003). Concordância com a gente à luz da Morfologia Distribuída. *Atas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto.

Perini, M. A. (2005). *Gramática Descritiva do Português*, 4ª edição, 8ª imp. São Paulo: Ática.

Petter, M. M. T. (2015). *Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro do português*. *Papia*, 25, pp. 305-317.

Pilati, E. (2006). *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18794>>

Pissurno, K. C. da S. (2017). *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Pollock, J. (1989). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 365-424.

Ramos, R. (1998). *Kimbundu/quimbundo*. Consultado a 23 de maio de 2020 em <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/>>

Rodrigues, A. C. S. (1987). *A concordância verbal no português popular de São Paulo*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Rodrigues, E. dos S. (2006). *Processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de frases*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <<http://dx.doi.org/10.17771/PUCRIO.acad.9004>>

Romaine, S. (2000). *Language in Society: an Introduction to Sociolinguistics*. Oxford University Press.

Rubio, C. F. (2008). *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86592>>

Rubio, C. F. (2012). *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Santiago, E. (s.d.). *Bantos (Bantus)*. Consultado a 20 de maio de 2020 em <<https://www.infoescola.com/linguistica/bantos-bantus/>>

Scherre, M. M. P. (1989). Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In Tarallo, F. (Org.), *Fotografias sociolinguísticas* (pp. 301-332). Campinas, Pontes.

Scherre, M. M. P. (1996). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Scherre, M. M. P. (1998). Paralelismo Linguístico. In *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, nº 2, pp. 29-59.

Scherre, M. M. P. & Naro, A. J. (1998). Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Rufinno, G. (Org.), *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística* (pp. 509-523). (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di studi filologici e linguistici siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, v. 5.

Silva, C. R. T. (2004). *A natureza de agree e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas.

Souza, C. M. B. de. (2011). Variáveis Estruturais: Efeitos na Concordância Verbal do Português Falado em Salvador. *Anais do SILEL*, v. 2, nº 2. Uberlândia: EDUFU.

Sportiche, D. (1988). A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry* 19, pp. 425-449.

Tenório, T. dos S. (2008). *A concordância de número e de gênero entre o DP pronominal a gente e o predicativo: uma comparação entre o português brasileiro e o português europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. Disponível em <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/445>>

Vansina, J. (2001). Portuguese vs Kimbundu: Language use in the colony of Angola (1575- c. 1845). *Bulletin des séances, Mededelingen der Zittingen*, Jg. – Ann, v. 47, pp. 267-281. Disponível em <http://www.kaowarsom.be/en/bulletin_2001>

Vieira, S. R. (1995). *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vieira, S. R. (2011). Concordância verbal. In Vieira, S. R. & Brandão, S. F., *Ensino de gramática: descrição e uso* (pp. 85-102). São Paulo: Contexto.

Vieira, S. R & Bazenga, A. (2013). Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2), pp. 7-50.

Wikipedia (s.d.). Consultado a 02 de junho de 2020. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dormitorio>

Anexos

1. Inquérito aplicado ao grupo experimental e ao grupo de controle

Este inquérito objetiva recolher informações que serão utilizadas em uma dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa. Seu preenchimento requer apenas 10 minutos e sua colaboração é muito importante, pois contribuirá para o desenvolvimento desta investigação.

As respostas devem ser dadas conforme o seu conhecimento linguístico, sem consultas a gramáticas ou a terceiros. O sigilo das respostas de todos os informantes é garantido e estas serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Bom trabalho!

I. Informações Pessoais:

1. Idade:

2. Gênero: Feminino () Masculino ()

3. Naturalidade (Cidade e Estado):

4. Há quanto tempo reside no Valparaíso/GO?:

5. Qual é a sua principal atividade?:

6. Em qual cidade sua principal atividade é realizada?:

7. Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental I (antiga 4ª série): ()

Ensino Médio (antigo segundo grau): ()

Nível Superior: ()

Pós-graduação: ()

8. Nível de escolaridade do pai:

Ensino Fundamental I (antiga 4ª série): ()

Ensino Fundamental II (antiga 8ª série): ()

Ensino Médio (antigo segundo grau): ()

Nível Superior: ()

Pós-graduação: ()

9. Nível de escolaridade da mãe:

Ensino Fundamental I (antiga 4ª série): ()

Ensino Fundamental II (antiga 8ª série): ()

Ensino Médio (antigo segundo grau): ()

Nível Superior: ()

Pós-graduação: ()

II. Indique a sua opinião a respeito das frases que se seguem, considerando as seguintes orientações:

- se a frase parece “**normal**”, assinale com um círculo o número **1**;

- se a frase parece um pouco “**estranha**”, assinale com um círculo o número **2**;

- se a frase parece “**errada**”, assinale com um círculo o número **3**.

- | | | | |
|--|---|---|---|
| 1) Pedro e Maria namora há dois anos. | 1 | 2 | 3 |
| 2) Pedro e Maria namoram há dois anos. | 1 | 2 | 3 |
| 3) Os meninos chegou tarde. | 1 | 2 | 3 |
| 4) Os meninos chegaram tarde. | 1 | 2 | 3 |
| 5) Morreram vinte pessoas no acidente. | 1 | 2 | 3 |
| 6) Morreu vinte pessoas no acidente. | 1 | 2 | 3 |
| 7) Vinte pessoas morreram no acidente. | 1 | 2 | 3 |
| 8) Vinte pessoas morreu no acidente. | 1 | 2 | 3 |
| 9) O gerente e o vendedor respondeu ao questionamento do cliente. | 1 | 2 | 3 |
| 10) O gerente e o vendedor responderam ao questionamento do cliente. | 1 | 2 | 3 |
| 11) As mensalidades estão cada vez mais altas. | 1 | 2 | 3 |
| 12) As mensalidade está cada vez mais alta. | 1 | 2 | 3 |
| 13) Escreveram os meus amigos de Portugal. | 1 | 2 | 3 |
| 14) Os meus amigos de Portugal escreveu. | 1 | 2 | 3 |
| 15) Ocorreu, na última semana, muitos acidentes. | 1 | 2 | 3 |
| 16) Ocorreram, na última semana, muitos acidentes. | 1 | 2 | 3 |
| 17) Os cachorro late sem parar. | 1 | 2 | 3 |
| 18) Os cachorros latem sem parar. | 1 | 2 | 3 |

2. Transcrição de algumas entrevistas

2.1. Transcrição de entrevista de participante do grupo 1

ENTREVISTA Nº 05

ENTREVISTADORA: Você e sua família costumam ter momentos de lazer aos finais de semana?

ENTREVISTADA: Sim, eu tenho muito. Quando eu vou mesmo assim lá pra Luziânia, que a minha irmã mora em chácara, né? Então, eu vou pra lá bastante pra lá.

ENTREVISTADORA: Hum... Ah, chácara é legal. O que vocês costumam fazer lá?

ENTREVISTADA: É. Ah... Às vezes eu vou pra dormir. Vou no sábado, né, e faz cachorro-quente... Ontem mesmo a Bruninha já me perguntou quando que eu ia, que tava com saudade... e é aquela festa. Agora foi Natal, final de ano muito bom, muito bom.

ENTREVISTADORA: Hum.

ENTREVISTADA: Fora com os outros da Bahia quando eu viajo pra lá, né? Porque eu vou três vezes às vezes.

ENTREVISTADORA: Haham. E eles na chácara? O que eles fazem mais pra se divertir?

ENTREVISTADA: Ah... Na minha irmã é festa, né? Cachorro, é de baixo de pé de manga, cortando manga pra dar pros cachorro. É a gente sai lá pra, digamos, tem uma pista muito boa pra fazer caminhada.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: É muito bacana.

ENTREVISTADORA: É pertinho da cidade a chácara?

ENTREVISTADA: É perto. Pertinho. Dá pra gente ir a pé.

ENTREVISTADORA: Dá pra ir sempre?

ENTREVISTADA: É, então! A gente vai a pé, conversando, né? Falando do nosso passadinho, porque esse povo não gosta de lembrar muito do passado, mas a gente gostamos, né, de lembrar, porque assim... a gente não tem que ficar assim com mágoa do passado. A gente tem que lembrar do passado, mas sabendo que a gente prosperou e tá bem, porque aquele passado passou, né? Então, assim, a gente dá uma viajadinha no tempo. É muito bacana. E dá risada. E minha sobrinha, como ela não sabe a nossa

história, porque ninguém filmou pra poder mostrar pra ela, a gente conta e ela não acredita, né? Então a gente fala: você dá valor, você estuda porque não sei o quê, não sei o quê, que a gente não tivemos oportunidade.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Aí elas morre, morre de achar graça. Fala: tia, que foi assim? Foi assim mesmo e tal e tal, então é muito bacana.

ENTREVISTADORA: É o exemplo, né?

ENTREVISTADA: Demais... É...

ENTREVISTADORA: É.

ENTREVISTADA: Aí é, é isso. E... e eu aqui só tenho mais ela, porque a outra mora em Sobradinho, né? Então, tipo assim, eu não vou muito, porque a vida dela também é corrida.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: E aí é isso, mais mesmo quando eu vou mermo pra lá. Quando eu viajo.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Quando eu viajo mesmo pra, pra, pra Bahia, porque lá também aí a gente vai contar história do meu pai... que nem eu te falei, eu não tenho muito estudo, aí meu pai conta as história dele, que a gente morre... vamo dormir três hora da manhã... Cara, tudo de bom! Muito bom!

ENTREVISTADORA: Só aí já é uma diversão, né?

ENTREVISTADA: Nossa... A gente acende a fogueira, assa batata-doce na fogueira, milho, castanha a gente assa lá, aí a gente vai dormir três hora da manhã. Os vizinho fica, diz assim: nossa, na casa de Jorge fez a festa!

ENTREVISTADORA: Hum.

ENTREVISTADA: Todo mundo tava ouvindo vocês rindo, conversando. É muito bacana!

ENTREVISTADORA: Ai, que delícia!

ENTREVISTADA: Inclusive eu tô com saudade e eu vou voltar agora em abril. Então assim, lá é um lazer muito bom.

ENTREVISTADORA: É... Bem, bem natural. Bem pra relaxar, mesmo, pra descansar, né?

ENTREVISTADA: Nossa, né? Demais!

ENTREVISTADORA: Sair dessa, dessa correria.

ENTREVISTADA: Isso! Aí um... aí a gente brinca também de amigo secreto, mesmo sem ser na época do Natal, né?

ENTREVISTADORA: Hum.

ENTREVISTADA: Aí meu pai tem as brincadeira... já tá comendo, aí a gente aproveita pra dar os presente quando eles tão comendo. Aí meu pai: joga a comida fora e vai pegar o presente... então é muito bacana!

ENTREVISTADORA: Que legal!

ENTREVISTADA: É... E aqui, assim, quando eu tô aqui, né, no Céu Azul, digamos assim, eu vou pra casa da minha cunhada. Às vezes eu vou pro Guará...

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Então aqui, aqui eu tenho lazer pouco mesmo, assim, mas também é bem bacana, é bem bacana.

ENTREVISTADORA: É? E o que diferencia, assim, o lazer daqui seria resumido a quê?

ENTREVISTADA: Aqui eu gosto, porque também assim... é mais a muvuquinha mesmo. Mais gente, né? Como eu moro também lá em Brasília, aqui é mais parado. As pessoas tem outras...

ENTREVISTADORA: Em Brasília... Você, na verdade, em Brasília você fica quando você tá trabalhando?

ENTREVISTADA: Não. Eu fico lá a semana toda.

ENTREVISTADORA: Ah, então você inverte. Aqui é final de semana?

ENTREVISTADA: Aqui no meu apartamento é só hoje e amanhã à noite eu já tô indo embora de novo.

ENTREVISTADORA: Entendi. Porque fica mais prático pra você já tá lá, né?

ENTREVISTADA: Já tá lá. É, exatamente.

ENTREVISTADORA: Não pegar trânsito, não perder tempo.

ENTREVISTADA: Isso. Aí de lá mesmo eu já vou pra Luziânia às vezes pra minha irmã.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Ou às vezes eu venho aqui em casa e pego só algumas coisa e já vou pra lá. Então é assim minha vida.

ENTREVISTADORA: Mas a sua casa é aqui no Valparaíso?

ENTREVISTADA: A minha...

ENTREVISTADORA: A sua casa mesmo.

ENTREVISTADA: A minha mesmo é... aliás... eu tenho as duas, né? Porque eu fico no Plano e fico aqui

ENTREVISTADORA: Você tem as duas.

ENTREVISTADA: É.

ENTREVISTADORA: Entendi. E com os amigos? Você costuma ter momentos de lazer?

ENTREVISTADA: Então, minha amiga! Agora que vem o problema. Porque assim, quando eu não conhecia Jesus, eu tinha muitos amigos, mas, entre aspas, da onça. Agora eu tenho poucos amigos. Eu dediquei mais à minha família, minha casa, meu marido e às pessoinha da igreja. Então a fé, porque nós precisamos muito, né, Déborah, de, né, ter assim?

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Então assim, eu tenho amigos, mas amigos escolhido. Não tenho aquela mais, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

ENTREVISTADA: Não, não... Tenho quatro ano que Jesus preencheu todas as minhas amizade.

ENTREVISTADORA: Ai que bom.

ENTREVISTADA: Então, assim, eu tenho poucos amigos. Os amigo que eu tenho mesmo são da igreja, é de falar de Deus e eu acho, assim, que é por isso que, que, como eu acabei de te falar que... como é que eu vou te explicar... Eu não troco o meu emprego por outro setor nenhum porque eu sou feliz em todo sentido, né?

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: Independente de...

ENTREVISTADORA: Completa.

ENTREVISTADA: De cargo, de trabalho, de tudo, eu acho assim... primeiramente família, família primeiro lugar, primeiro lugar. Não, primeiro lugar Jesus, depois família, né?

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADA: E aí não tem como dar errado. Só dá certo.

ENTREVISTADORA: É.

ENTREVISTADA: Então assim, a minha vidinha é desse jeito. Amigos eu tenho pouquíssimo. Eu tenho alguns maravilhosos, mas é... tá a missãozinha de Jesus aí.

ENTREVISTADORA: Tá ótimo! Obrigada!

2.2. Tanscrição de entrevista de participante do grupo 2

ENTREVISTA Nº 28

ENTREVISTADORA: É... Você costuma ter momentos de lazer com a sua família aos finais de semana?

ENTREVISTADO: De vez em quando, quando não estou de plantão trabalhando.

ENTREVISTADORA: Ah sim.

ENTREVISTADO: Aí eu saio. Eu vou no *shopping*, eu vou na pracinha...

ENTREVISTADORA: E o que vocês gostam de fazer juntos?

ENTREVISTADO: A gente quando... hoje que as crianças já tão tudo criada, né, só eu e a minha esposa, a gente vai pro cinema, às vezes um lugarzinho, é, uma lanchonete pra fazer um lanchezinho. Às vezes até conversar mais isolado.

ENTREVISTADORA: Huhum. É... e antes de os filhos crescerem, tinha algo a mais além disso que vocês faziam e não fazem hoje?

ENTREVISTADO: Era... não, não fazia porque a gente tinha que cuidar das criança, né? Quando levava as criança tinha que tá cuidando. Eram três filho, né, com a diferença muito... de um ano, um ano e pouco um do outro. Aí a gente tinha que cuidar mais deles. Agora que a gente...

ENTREVISTADORA: Hoje então o lazer melhorou, né?

ENTREVISTADO: Melhorou, melhorou.

ENTREVISTADORA: E com os amigos? O Senhor tem alguma, algum costume de encontrar?

ENTREVISTADO: Eu não tenho costume muito assim de sair com os amigos. Os meus amigos a gente às vezes se reúne pra assistir o jogo, aí a gente vai assistir o jogo, uma coisa assim. Eu não sou muito de tá em bar, não sou muito de tá saindo assim com os

amigos. Às vezes num clube, mas é muito difícil. De ano em ano, dois, três anos que a gente vai em um clube assim com os amigos, mas é mais difícil.

ENTREVISTADORA: Nem os do trabalho, uma confraternização?

ENTREVISTADO: Não, nem do trabalho. No trabalho eu fico mais isolado. Como eu trabalho 12x36, no dia que os amigo meu, no dia que eu tô de folga, eles tão trabalhando. Aí, como é por escala, às vezes eu tô trabalhando no, no sábado, e eles tão trabalhando de folga no domingo. No domingo eu tô de folga e eles tão trabalhando.

ENTREVISTADORA: É. Aí não dá pra marcar nada (rsrs).

ENTREVISTADO: Aí faz mais lazer assim com primo, parente. Às vezes, como eu tenho uma, um sitiozinho, aí quando vai pra lá reúne as pessoas assim...

ENTREVISTADORA: Sim.

ENTREVISTADO: Mata uma galinha, um cabrito, uma coisinha assim, reúne a galera, toma uma cervejinha, toma umazinha e vai bater papo e botar o papo em dias.

ENTREVISTADORA: Sim, sim. Bom. Só pra gente terminar, qual sugestão o Senhor daria pra melhorar essa questão de lazer aqui no Valparaíso como um todo?

ENTREVISTADO: Olha, isso aqui é complicado. Porque às vezes até o poder público faz a parte deles. Constrói pracinha, dá um espaço mais de lazer, mas a própria população não coopera com isso. Vai e destrói e praça, passa... às vezes o pai é um senhor de bem, mas cria o filho mal educado, cria o filho... deixa nas droga. E a praça que seria de lazer da população, de levar uma criança, de uma pessoa já chegar lá e sentar pra conversar com os amigos, se transformou num ponto de tráfico de droga.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADO: Eu dou um exemplo aqui mesmo aqui na, no Céu Azul, tem essa praça aí com esse campo, que já gastaram milhões, faz um campo hoje e às vezes coloca alambrado, coloca gramado e eles destrói tudo. Você não vai numa praça pra não tá pixada.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADO: Então aqui a gente fica assim. Às vezes a gente critica o poder público, mas na maioria a culpa é a população.

ENTREVISTADORA: A população não faz sua parte, né?

ENTREVISTADO: É a população. É a população. Eu, por exemplo, meus pai mora no interior e tem uma praça lá construída há 25 anos. Tá intacta, do mesmo jeito.

ENTREVISTADORA: Onde é que eles moram?

ENTREVISTADO: Em Cotegipe, na Bahia.

ENTREVISTADORA: Bahia.

ENTREVISTADO: É. A praça impecável. Às vezes quando eu vou pra lá de férias, quase todo final de semana às vezes eu saio lá da roça e venho pra praça com a minha esposa, aí tem uns quiosquezinho pra gente fazer uns lanche lá. A gente fica sentado às vezes na... tem um lado gramado e um lado com cerâmica, aí a gente senta lá e fica batendo papo até uma hora, duas horas.

ENTREVISTADORA: Sem se preocupar com violência.

ENTREVISTADO: Sem se preocupar. Não tem violência nenhuma. Não tem. Você não vê um pichamento na cerâmica. Há 25 anos. Agora aqui. Nós, né...

ENTREVISTADORA: É. É isso mesmo.

ENTREVISTADO: É igual a cidade. Todo mundo vê essa buraqueira. Aí as pessoas, tipo, ah, gente, mas a... é o poder público. Sim, o poder público até faz, mas os próprio morador joga esgoto, joga água na rua. Aí aquela água com sabão e q-boua vai infiltrando na terra, o carro vai passando e vai abrindo buraco na, na cidade.

ENTREVISTADORA: Sim. Só reclamam.

ENTREVISTADO: Só reclama. Eu não tô defendendo o poder público, porque eles deixam a desejar, mas a própria população não faz a sua parte.

ENTREVISTADORA: Sim. Se pelo menos a população fizesse a parte dela...

ENTREVISTADO: Haham.

ENTREVISTADORA: Tudo já seria diferente.

ENTREVISTADO: Um dia um cara falou pra mim. Eu fui, falei reclamando do esgoto dele lá na minha rua aí ele falou, é, mas o poder... não tem, não tem o esgoto. Eu falei: já pensou se todo mundo jogasse o esgoto da rua na sua fossa?

ENTREVISTADORA: Que caos! Que caos seria!

ENTREVISTADO: Quem conseguiria andar na cidade? Eu falei. Que caos seria? Aí ele, é, mas nem todo mundo tem o dinheiro. Aí eu falei: engraçado... você pode não ter o dinheiro pra mandar fazer a sua fossa, mas você tem dinheiro pra tá lá no bar bebendo.

ENTREVISTADORA: (rsrs) Isso! Eu concordo com o Senhor, viu?

ENTREVISTADO: Claro.

ENTREVISTADORA: Concordo.

ENTREVISTADO: Huhum.

ENTREVISTADORA: Concordo plenamente. Infelizmente é isso. E assim... mudar, não sei. Eu não vejo perspectiva de mudança.

ENTREVISTADO: Eu não vejo perspectiva de mudança.

ENTREVISTADORA: Desse raciocínio aí...

ENTREVISTADO: É, mas é o próprio raciocínio do povo brasileiro, que cada um só quer levar vantagem. Já é do, da própria população brasileira. Não, eu levei vantagem nisso aqui, não importa seu semelhante.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADO: Do teu lado ou da tua frente. E não importa com o seu próximo.

ENTREVISTADORA: Sim.

ENTREVISTADO: Só pensa no lado dele. Então, por exemplo, se eu, se a pessoa joga uma água na rua, você passa lá, você passa de carro e seu carro fica todo pesteadado, fedido de esgoto. Ele, talvez ele não tenha o carro, mas ele não pensa que alguém tá passando. Ele não pensa que uma criança vai ali de chinelo, uma criança brincando, pisa naquele esgoto e pega uma doença.

ENTREVISTADORA: É.

ENTREVISTADO: Pega uma, uma friteira, pega uma cólera, pega várias doença ali. Contagiosa ali, com aquele esgoto dele passando na rua.

ENTREVISTADORA: Isso.

ENTREVISTADO: Um dia eu reclamei da minha vizinha que um vizinho, eu moro ali perto daquele colégio Antônio Bueno, jogando esgoto, correndo em frente o colégio. Chega tava verde. E eu bati na, na porta do colégio e perguntei, fui lá e falei que queria falar com a diretora. Ela foi lá e falou: mas qual o problema? Eu falei: o problema é o seguinte.

É que esse esgoto tá em frente o seu colégio. Você é a diretora, você é a coordenadora. Mas eu não posso ir lá falar com ele. Pode! A Senhora... e a vigilância sanitária vem, multa a pessoa e tira esse esgoto. Eu falei: Eu agorinha mesmo acabei de ver uma criança... o outro empurrou ele e ele pisou dentro do esgoto e entrou pra dentro da sala. E eu falei: olha aqui, olha pra dentro. Tava a marca da chinela lá dentro e o podridão. Ela... ah, mas tem uma semana. Aí eu falei: engraçado. Tem dois dia que tá soltando esse esgoto. Eu falei: e esse verde aí, esse lodo direto aí? Ela: eu vou tomar uma providência. Veio, pegou meus dado, meu telefone, quando foi no outro dia mandou a vigilância ir lá. Foi lá, multou a pessoa, a pessoa fez o esgoto e acabou, tá lá.

ENTREVISTADORA: Então! Falta atitude, né?

ENTREVISTADO: Falta atitude. Ela estacionou o carro em cima do esgoto. Ela estacionou o carro dela, mas não teve a coragem de ver o vizinho lá na frente, acho que com medo de, de reclamar e o vizinho ficar, falar alguma coisa com ela... eu não sei.

ENTREVISTADORA: Huhum.

ENTREVISTADO: Mas eu acho que cada um fazendo um pouquinho as coisa melhora.

ENTREVISTADORA: É. É, um dia muda. Quem sabe as próximas gerações.

ENTREVISTADO: Um dia muda.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada, viu?

2.3. Tanscrição de entrevista de participante do grupo 3

ENTREVISTA Nº 41

ENTREVISTADORA: Então, você e a sua família costumam ter momentos de lazer aos finais de semana?

ENTREVISTADA: Sempre.

ENTREVISTADORA: E o que vocês costumam fazer juntos?

ENTREVISTADA: Parquinho. Muito parquinho por causa dos meninos. Então é *shopping*, parquinho e clube. É... às vezes quando é eu e Anderson assim leva os meninos pro clube também.

ENTREVISTADORA: Haham.

ENTREVISTADA: Só.

ENTREVISTADORA: Isso é muito por causa dos meninos, né?

ENTREVISTADA: Dos meninos.

ENTREVISTADORA: E antes dos meninos? Era assim também? Ou havia outra programação?

ENTREVISTADA: Antes dos meninos era cinema.

ENTREVISTADORA: Humm

ENTREVISTADA: Barzinho (rsrs). Só. Agora depois dos meninos mudou.

ENTREVISTADORA: Tá. E, em relação aos amigos, vocês costumam se encontrar com alguma frequência?

ENTREVISTADA: Sim. Na semana e no final de semana.

ENTREVISTADORA: E quais são as atividades preferidas de vocês?

ENTREVISTADA: Lanchar. Tomar café e comer pão. Na semana. No final de semana, churrasco ou jantar na casa do Júnior.

ENTREVISTADORA: Huhum. É o cheff do grupo?

ENTREVISTADA: É. É o cozinheiro. O marido da Janaína rsrs. É ótimo cozinheiro rsrs.

ENTREVISTADORA: Tá. E seu grupo de amigos? Pelo que eu entendi, assim: tanto o lazer com a família ou com os amigos se relacionam sempre com uma atividade em que as crianças se encaixem, né?

ENTREVISTADA: É.

ENTREVISTADORA: É... Os seus amigos que não têm filhos ainda costumam fazer outras coisas além dessas que você falou?

ENTREVISTADA: Da nossa... É porque assim, eu tô comparando com a nossa gale... com a minha galera aqui, né? A única que não tem filho ainda é a Valeska, então tudo o que a gente faz ela tá junto. Agora, quando ela tem um momento só dela e do marido dela, eu nem sei quais são esses momentos.

ENTREVISTADORA: Entendi. Tá, então, pra gente terminar... é... o que você sente falta que não há aqui e que você busque em outras cidades porque você acha que, se tivesse, melhoraria essa questão de lazer pra população daqui?

ENTREVISTADA: Ah, a questão de lazer, né?

ENTREVISTADORA: Huhum. Tanto em família quanto não.

ENTREVISTADA: É, porque assim... se fosse questão de benefícios pra população, não é lazer, mas falta muito banco, uma Americanas. Agora, a questão de lazer... é porque... se o parque daqui fosse parecido com o do Ocidental, que a gente gosta muito de ir pro Ocidental. Que lá o parque infantil lá é maravilhoso. Agora o daqui, essa pracinha aí eu não posso falar porque a gente quase não vai. É porque acho que faltaria tudo na verdade, né? Porque lazer não tem infantil. Não tem. Então, se eu fosse comparar, se for do Ocidental tem. Se for Goiás, aqui. Céu Azul não, mas Ocidental tem, que é bacana. Então é onde a gente vai.

ENTREVISTADORA: Nossa, interessante. Eu não sabia de lá.

ENTREVISTADA: Não? Pois é! Do Ocidental é o melhor, o melhor, porque nem o parque da cidade barra. Lá é bem... tem o lago e a quantidade de brinquedos que tem é... é essa rua aqui todinha, ó... a quantidade de brinquedos que tem no parque. Lá é enorme, é enorme o do Ocidental.

ENTREVISTADORA: Nossa! Bom saber!

ENTREVISTADA: Quando a gente descobriu lá, tava bem no início. Aí eu e o Anderson quase todo final de semana vai pra lá com os meninos.

ENTREVISTADORA: Bom saber.

ENTREVISTADA: Ah e dá pra fazer piquenique porque tem muita árvore, né? E aí o restante...

ENTREVISTADORA: E não é tão longe.

ENTREVISTADA: E não é longe. Exatamente.

ENTREVISTADORA: Que legal! Tá bom! Obrigada!

3. Transcrição de frases das entrevistas

3.1. Frases com concordância SU-V

Fazemos corrida e **(nós) brincamos** de várias coisas.

Geralmente **(nós) almoçamos** juntos, né?

Geralmente almoçamos juntos, né? **(Nós) Conversamos** um pouco.

algumas **namoram**, outras também **namoram**

Os poucos que **pensam** vêm aqui ou eu vou na casa deles

(as pessoas) deixam de fazer muitas coisas com medo do, do... **pensam** no lado ruim, só **pensam** no lado ruim, nunca **pensam** no lado positivo.

Os meus amigos mudaram. Todos. E a maioria... todos **pensam** da mesma forma que eu.

onde as crianças **brincam**

ali no local onde elas **correm**

Alguns **continuam** ainda

mas **continuam** assim naquelas pessoas

Bebemos, comemos (rsrs), proseamos.

Viajam também.

Uns já **faleceram**

(Os meus amigos) **mudaram**. Todos.

Às vezes **saímos** pra conversar.

(Eles) tudo **saíram**, né?

Aí **vamos** esperar esse ciclo que nós tá vivendo aí passar e ver se volta à normalidade, né?

mas as pessoas **vão** e destroem, né?

Os meus amigos eles **vão** pra rocar

Porque eles querem... eles **vão** também no parque da cidade.

Se eu não puder ir, eles **vão** também... Mas eles **vão** sem mim.

Vamos dizer assim, um... cinema.

às vezes **vamos** pro clube

Nós **saímos** pra lancha, pra clube, pra... sei lá... com os amigos, com a família...

Basicamente isso. **Saímos** pra lancha, se divertir

Normalmente nós **saímos** pra almoçar

Todos os meus amigos são diferentes de mim. Porque eles **saem**...

tem atividades que eles não **saem**.

(Nós) **Vamos** tocar uma vez por semana

tem aquelas academiinhas que **colocam** num, num, entre as quadras

os cara **começaram** a discutir

(Nós) **costumamos** sim.

Mas foi bom. (Nós) se **divertimos**

Fazemos corrida e brincamos de várias coisas.

os pessoal *mermo* do lugar **quebram**, entendeu.

Amigos nós **temos** pouco

Não **confiamos** muito na segurança pública.

Costumamos sim.

Costumamos sim.

(Nós) **Costumamos**.

mesmo quando **criam** variedade, aqui não é seguro.

(as pessoas) **deixam** de fazer muitas coisas com medo

porque eles **deixam** a desejar

mas as pessoas vão e **destroem**, né?

fazendo coisas que (eles) não **deveriam** estar fazendo talvez.

(Meus amigos) **fazem** coisas...

Geralmente nós **gostamos** de... de ir pro rio pescar.

irmãos e primos **gostam** mais de sair também.

um ou outros dois amigos que **gostam** de outra coisa.

Com o meu ciclo social mais ativo, **jogamos** vôlei, futebol, coisas assim.

Às vezes eles **jogam** dominó

Os pais **levavam** seus filhos pra ficarem lá brincando.

não tem muito local onde eles **podem** se reunir.

(Eles) **Podiam** investir mais em lazer mermo, porque aqui tá fraco.

eles **puxam** o lazer deles.

Porque eles **querem**... eles vão também no parque da cidade.

Uma ciclovia que nós **temos** é lá na beira da rodovia.

Na rua não **temos** muita segurança. Não confiamos muito na segurança pública.

Nós **temos** exemplos aí de praça infantil em Luziânia

Nós não **temos** amigos assim pra sair

Vandalizam no caso, né?

A minha sugestão seria que eles **fizessem** um parque, **fizessem** assim um local pra gente...

Tem outros que **preferem** ir pros bares.

mais lugares que **agregam** mais pessoas de família.

Sim, **costumamos**.

Essas atividades que eles **costumavam** fazer

nós **fazemos** mais é nas casas mesmo.

Mas eles **fazem** sempre.

Essas atividades que eles costumavam fazer, e que agora não **fazem** mais.

Tem atividades que eles **gostam** e tem atividades que eles não, não, não saem.

Eles **gostam** mais de barzinho

Eles **gostam** muito de sair pra ir pra barzinho.

Gostam muito de beber.

Que eles **gostam**, não que a gente faça juntos?

Gostam também de viajar.

às vezes eles **gostam** de ir na igreja

Mas as pessoas **jogam** lixo

É lá que eles **oferecem**

nós nos **reunimos** tanto na casa umas das outras ou às vezes a gente sai pra um restaurante

Coisas que não **temos** aqui.

temos muitos momentos de lazer no final de semana.

nós **temos** um convívio frequente

Sim, **temos**.

De uma opção que **possamos** dançar... é... que **possamos** fazer, como por exemplo, uma patinação no gelo.

que **possamos** reunir novamente as pessoas que a gente mais gosta as minhas amigas **são** umas amigas bem *light*, igual eu.

E eles **ficam** satisfeito, tudo alegre, né?

Enfim, (nós) **ficamos** muito... né, alteradas.

(nós) sempre **estamos**... em um momento especial.

E nessa crise que nós **estamos** vivendo hoje tá bem evidente isso.

(Meus parentes) **estão** lá.

Tipo quando elas **estão** com a família delas e eu saio com a minha família.

Não **são** todas as vizinha que também **são**.

Os pais **são** mais tranquilos.

São coisas que a gente faz diferente.

Nós não temos amigos assim pra sair... **São** mais... reunião às vezes na igreja, né?

já **somos** amigos há muitos anos.

eu acho que **seriam** bem legais.

eles **tão** trabalhando

mesmo quando **criam** variedade, aqui não é seguro.

Ou (elas) **ficam** em casa, junto com as mães.

Ficaram mais só famílias mais pequena, né? 1 **Ficaram** só minha mãe, meus irmãos.

Eu acho que eles mais **ficam** lá, preso lá no mundinho deles

Eles **ficam** em casa

As pessoas já **estão**, assim... já não **são** mais pessoas sem conhecimento...

Hoje em dia as pessoas daqui realmente **estão**

As pessoas que **moram**...

a gente costuma ir na casa dos parentes que **moram** mais distante

as pessoas também **estão** acomod...

as crianças **estão** brincando agora.

Hoje os amigos não. **Já estão...** já...assim, tá todo mundo distante

os brinquedos **estão** quebrados.

A maioria das minhas programações **são** mais entre... **são** mais com o meu filho mesmo.

eles **são** totalmente diferentes. Todos os meus amigos **são** diferentes de mim. Porque eles saem...

As pessoas já estão, assim... já não **são** mais pessoas sem conhecimento...

Alguns **são** casados também, aí saem com a família.

Nossos lazeres na verdade **são** mais em casa

muitos comércios **são** impedidos de fluírem por criminalidade

são poucos os que a gente tem nas cidades

Também as pessoas também **estão** acomod...

pessoas que não **tão** ali pra fazer o bem pros outros.

3.2. Frases sem concordância SU-V

Às vezes elas até **briga**

dançamo, tomamo um chopp.

nós **passeia** um pouquinho na praça

Nois **vive** morto é só na bola mermo

(As pessoas) só **pensa...**

(As noitadas) **Parou** também.

Nois **chega** do serviço

E as coisa **melhorasse**

Aí elas **morre, morre** de achar graça.

A minhas filha elas **sai** muito.

(Nós) **vamo** dormir três hora da manhã

Os outros fica em casa. (Os outros) não **sai**.

Nós de vez em quando **vai** pra *pizzaria*

Nós é... se... reúne grupo de igreja, **vamo** pra retiro com os amigos. Jogamo vôlei, jogamo futebol.

melhora muitas coisas

que cada um fazendo um pouquinho as coisa **melhora**.

Agora as coisa **mudou**

Geralmente nós se encontrava em casa, né? Fazia festa em casa, almoço, uma janta, um churrasquinho. **Saía** também como eu já falei pro *shopping*, esses lugarzinho assim: parquinho, praia.

A maioria já **saíram** pra fora, né?

eu acho que eles num **sai** assim também não.

(aquelas pessoas) **sai** pra fazer serestas

falta também coisas pra crianças

Aí eu e o Anderson quase todo final de semana **vai** pra lá com os meninos.

(Eles) **Faz** sim.

Só essas coisa mesmo que nós **fazia**

nós passeia um pouquinho na praça, (nós) **dá** uma voltinha.

eu não saio com amigas que **gosta** desse tipo...

porque elas também **gosta** de jogar futebol

Eles **gosta** de sair.

Eles **gosta** muito

elas só **gosta** de beber e curtir, dançar, brincar. É o que elas **gosta** mesmo.

eles **gosta** de beberem com cerimônia

Tem uns que **gosta** muito de beber

mas eles **gosta**

O que os meus amigos **gostaria** de fazer?

tem muitos que **gosta** de jogar bola, outros **gosta** de ir pro clube

Eu e minha mulher **gosta** mais é de passear mesmo

nós **joga** basquete, **joga** muito basquete

Às vezes (nós) brinca muito de dominó. E (nós) **joga** cartinhas.

Jogamo vôlei, **jogamo** futebol.

as criança **pode** ir e não tem risco de vida.

Nós não **tem** muitos amigos.

dançamos, **tomamos** um chopp.

não **tivemos** oportunidade.

Quando bate o final de semana, quando **bate** os horários

Nós sempre **comemora** os, os... as data de aniversário de uns... dos colegas.

eles **destrói** tudo.

Eu acredito que (eles) **deva** se encontrar pra poder fazer um lanche na própria residência mesmo.

Geralmente nós se **encontrava** em casa

Só uns **faz**, né?

Ah, (eles) come... (eles) **faz** churrasco, essas coisa assim.

Nós **gosta** de tomar uma cervejinha, nós **gosta** de sair, passear, ir pro parque, ir pra casa de amigos, reunir.

(Eles) **gosta**.

(Elas) **Gosta** de sair pra hamburgueria

Eles **gosta** de ir muito no *shopping*.

nós **gosta** muito de jogar futebol, outros não **gosta**.

(eles) **Joga** sinuca.

mas os próprio morador **joga** esgoto, **joga** água na rua.

Às vezes tem coisa que você quer fazer que **podem** acabar interferindo no dia-a-dia de outra pessoa

já tenho um grupo específico que nós **pratica** muito esporte.

Geralmente nós se **encontrava** em casa, né? **Fazia** festa em casa, almoço, uma janta, um churrasquinho. Saía também como eu já falei pro *shopping*, esses lugarzinho assim: parquinho, praia.

Esses grupinhos que acaba deixando a gente insegura... mas **deixa** a gente insegura.

(as pessoas) acaba não cobrando, né? De quem **deveria** cobrar

(as pessoas) **acaba** não cobrando, né? De quem deveria cobrar

Esses grupinhos que **acaba** deixando a gente insegura... mas deixa a gente insegura.

Acaba tirando a liberdade dos nossos filhos, né?

Alguns deles **faz**

Normalmente (eles) **faz** almoço
às vezes quando é eu e Anderson assim **leva** os meninos pro clube também.
Alguns **pratica** atividade física.
Lá você vê na cara das pessoas que não tem condição e **é** muito feliz.
Porque hoje em dia nós **tá** assim
(meus amigos) **é** de falar de Deus
existe esses parques
essas brincadeira antiga que hoje em dia não **existe** mais
os aborrecentes já **fica** junto também
Os vizinho **fica**, diz assim
Os outros **fica** em casa.
Aonde que nois **ficava** mais aqui era na pracinha
meus pai **mora** no interior
as amizade de infância **era**
Nós **tá** há pouco tempo também.
Aí vamos esperar esse ciclo que nós **tá** vivendo aí passar e ver se volta à normalidade,
né?
Na escola **é** só três (amigos).
É esse os nossos momentos de lazer.
Nós só **fica** em casa.
nós **acaba** é... não saindo muito
nossos lazer às vezes **é** férias ou feriados.
De amigos **é** essas atividades

4. CD com as entrevistas e a base de dados completa